



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Lídia Maria Teixeira Lima Coelho

**Você tem medo de quê? um estudo sócioantropológico
acerca das emoções do vestibulando**

**RIO DE JANEIRO
2007**

Lídia Maria Teixeira Lima Coelho

**Você tem medo de quê? um estudo sócioantropológico
acerca das emoções do vestibulando**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helena Maria Bousquet Bomeny.

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Claudia Coelho

RIO DE JANEIRO

2007

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CCS/A

C672v Coelho, Lídia Maria Teixeira Lima.
Você tem medo de que? Um estudo socioantropológico acerca das emoções do vestibulando \Lídia Maria Teixeira Lima Coelho.- Rio de Janeiro, 2007.
99f.

Orientador: Helena Maria Bouquet Bomeny.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1.Juventude – Conduta - Teses. 2. Exame vestibular - Teses. 3.
Vestibulandos – Emoções - Teses. I. Bomeny, Helena Maria Bousquet.
II.Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia de Ciências
Humanas. III. Título.

CDU- 74(81)

Lídia Maria Teixeira Lima Coelho

**Você tem medo de quê? um estudo sócioantropológico
acerca das emoções do vestibulando**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração:

Aprovada em: _____

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Helena Maria Bousquet (UERJ)

Prof^a. Dr^a. Maria Cláudia Coelho (UERJ)

Prof^a. Dr^a. Cláudia Barcellos Rezende

Prof^a. Dr^a. Rachel Aisengart Menezes (IMS/UERJ)

RIO DE JANEIRO

2007

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido por ter tido sempre muita paciência em ouvir minhas primeiras intenções e impressões que me conduziram a este trabalho.

A minha orientadora Helena Bomeny por ter me incentivado a aprimorar meus conhecimentos e fazer do mestrado um acerto de contas com a graduação.

A Maria Claudia Coelho, minha primeira professora de antropologia, e também orientadora, por ter respondido todos os meus e-mails desesperados sempre com palavras brilhantes e tranquilizantes.

Ao professor Valter Sinder, por ter me incentivado a não desistir de continuar a árdua vida acadêmica.

À minha mãe Lydia Fayão que não somente me ensinou a ler e escrever antes que eu iniciasse a vida escolar, mas que fez muitos sacrifícios para que eu estudasse e nunca se queixou do meu excesso de livros.

A minha amiga Miriam Dolzani por ter me socorrido todas as vezes que precisei de apoio, carinho e idéias. A Karla Rodrigues Costa por estar sempre presente nos momentos em que preciso conversar sobre meus projetos.

A minha também amiga Juliana Sant'Ana pelas conversas tão enriquecedoras.

Ao amigo Márcio Barros por me oferecer palavras e atitudes de apoio à minha vida acadêmica.

Minhas amigas Mônica, Rosana e Érica, eternas velhas, companheiras, amigas, cúmplices.

Ao meu amigo Alexandre de Carvalho Castro, por ter acreditado sempre que eu conseguiria passar no vestibular, fazer mestrado... e por sua capacidade inesgotável de me transmitir confiança e esperança.

À amiga Kátia Barroso por ter fornecido o contato da minha primeira informante.

Aos “jovens” que prontamente me concederam entrevista. Meus agradecimentos também a FAPERJ, pelo apoio ao projeto.

RESUMO

COELHO, Lúcia Maria Teixeira Lima. **Você tem medo de quê? um estudo sócioantropológico acerca das emoções do vestibulando**. 2007. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Esta dissertação busca explorar o tema das emoções ligadas ao vestibular. A pesquisa está desenvolvida em um contexto de camadas médias da cidade do Rio de Janeiro. A partir de uma perspectiva qualitativa, foram feitas dez entrevistas com alunos do colégio/curso pH no Rio de Janeiro, cinco moças e cinco rapazes a fim de compreender a experiência dos estudantes que se preparam para prestar vestibular. Para tanto, procurou-se examinar aspectos envolvidos no processo de tomada de decisões dos “jovens” em relação à carreira, como a relação dos “jovens” entre si, com sua família e com o meio social.

Palavras Chaves: Juventude; Vestibular; Emoções; Ritos de passagem

ABSTRACT

This work analyses the emotional context towards Vestibular. The research takes place in Rio de Janeiro and contains data from the middle class. Ten students (five girls and five boys) from pH course/school were interviewed in a qualitative perspective in order to analyse the experience students face when they prepare themselves to do the Vestibular exam. Therefore, this present paper approaches some crucial aspects involved in the decisions of these young people concerning their career and also the relationship they have with each other, with their families and with the society.

Key words: Youth; Vestibular; Emotions; Rites of passage.

SUMÁRIO

Introdução -----	9
I. As teorias do Ritual -----	21
II: O vestibular como Ritual -----	33
II.1 - Vestibular e conflitos-----	45
II.2 - Méritos e deméritos-----	48
II.3 Ninguém merece: analisando os depoimentos-----	51
III. Emoção e Vestibular -----	54
III.1: A emoção como objeto das ciências sociais-----	54
III.2: Passar ou não passar: eis a questão-----	62
IV. Você tem medo do quê? -----	74
Considerações finais -----	94
Referências bibliográficas -----	98

Introdução

O tema “vestibular” tem me acompanhado desde a graduação em Ciências Sociais na UERJ. Algumas questões surgiram a partir das entrevistas realizadas com estudantes que se preparavam para os exames de seleção para o ingresso universitário. Durante a elaboração de minha monografia de bacharelado decidi ter como projeto de mestrado investigar mais sistematicamente a trajetória dos estudantes. Entre as muitas opções de pesquisa, como por exemplo, trabalhar com estratificação social, ou sociologia da juventude, inclinei-me pelo estudo das emoções que mobilizam os “jovens” em um momento crucial de suas vidas pessoais. A decisão por uma carreira e a submissão à seleção provocam neles um emaranhado de sensações e sentimentos que traduzem, em boa medida, não apenas as dificuldades da própria seleção, mas aspectos importantes de suas trajetórias de vida.

Minha proposta de trabalho é compreender a experiência dos estudantes que se preparam para prestar vestibular. Para tanto, tenho como meta examinar dois aspectos envolvidos no processo de tomada de decisões dos “jovens” em relação à carreira:

1) De que forma podemos entender o processo de preparação para o vestibular como um rito de passagem.

2). Desenvolver uma sociologia das emoções dos estudantes a fim de investigar de que maneira eles encaram o processo e qual o sentimento recorrente entre os “jovens”.

Os alunos e alunas do colégio pH foram escolhidos em função de duas características da instituição. A primeira é a propaganda do Colégio/Curso: “escreva seu futuro com pH” - trata-se de uma publicidade voltada para o futuro. Sendo assim, o estudante se descobre com o dever, com a opção de construção de um modo de vida voltado para o futuro. Constrói-se o futuro do indivíduo, redesenha-se sua trajetória, a partir do ingresso nesse curso pré-vestibular. A propaganda transmite a idéia de que para se ter um “futuro” é necessário ingressar em uma faculdade. Entretanto, outras formas de escrever o futuro podem ser adotadas pelos “jovens”. É possível que alguns estudantes brasileiros não pensem em cursar uma faculdade. Outros podem decidir cursar uma faculdade particular e pagar as mensalidades trabalhando de dia e estudando à noite. E ainda há a possibilidade (para aqueles que não podem pagar um curso) de estudar num pré-vestibular “Comunitário para Negros e Carentes”, por exemplo. Ainda assim, para muitos “jovens” o ensino superior continua sendo uma esperança de uma vida melhor.

Um fato curioso que também ajudou na escolha do curso pH foi o episódio de uma amiga, que se “desesperou” quando sua filha mais velha decidiu prestar vestibular para

medicina (carreira mais disputada no rol dos cursos disponíveis no vestibular principalmente da UFRJ, em algumas universidades do Rio de Janeiro). Diante da constatação de que seria difícil disputar uma vaga sem as “armas necessárias”, a mãe desesperada disse que teria que matriculá-la no pH, porque esse seria o único jeito de conseguir estar à altura dos outros candidatos. A filha, amedrontada, afirmou que não estudaria nesse colégio de maneira nenhuma porque senão seria obrigada a passar, visto que o colégio era muito caro.¹ Ela se sentiria em dívida. Então, a mãe conseguiu um desconto considerável (algo em torno de 70%) e a filha pôde estudar sem o peso de “ter de passar de qualquer jeito” ou sem o peso de “estar custando tão caro”. A história teve final feliz e ela foi aprovada no tão disputado vestibular para uma universidade pública. Por razões óbvias, não é possível saber se a jovem teria passado mesmo se não tivesse estudado no pH, ou se ela aceitaria estudar num curso tão dispendioso e agüentar as cobranças internas, se por acaso a mãe decidisse custear as despesas independente de bolsa, descontos... Essa história, em que a noção de dívida desempenha um papel tão central, sugere estar o processo de preparação/realização do exame vestibular perpassado por experiências emocionais, estando muito longe de constituir apenas uma estratégia racional de escolha de carreira ou um processo de natureza estritamente intelectual. Este episódio, assim, colocou-me na pista tanto da questão que orienta esta investigação quanto na escolha do “campo” onde desenvolvê-la.

* * *

O pH é um curso de referência no Rio de Janeiro, e possui algumas peculiaridades: Monitoria On line, oportunidade que os alunos têm de tirar suas dúvidas com monitores via Internet; monitoria, sem acréscimo na mensalidade, ou seja, o aluno pode tirar dúvidas com uma equipe de monitores de todas as disciplinas dentro do Curso. Deve-se acrescentar que como em algumas escolas de educação infantil, existe o “dever de casa”, “caderno de casa” que o professor corrige individualmente. Todos os dias os alunos levam para casa uma folha de exercícios que deverá ser devolvida para correção individual. No pH também eles podem contar com mais essa ajuda. Enfim, há toda uma estrutura voltada para atender às necessidades individuais dos alunos. O aluno pode escolher também se matricular apenas nas matérias em que tem dificuldade, por exemplo, matemática, física, química - ou geografia, história e português, o que pode diminuir o custo da mensalidade.

Todos os alunos que entrevistei afirmaram ter conseguido descontos na mensalidade em função de suas notas no ensino médio e/ou em função do prestígio de suas escolas de

¹ O valor da mensalidade no primeiro semestre de 2006 era de aproximadamente 4 salários mínimos.

origem. Na maioria dos casos, os pais negociaram o preço das mensalidades com a direção da escola; em outros, amigos fizeram esse papel. Alguns estudantes afirmaram que escolheram o pH, outros estudantes falaram que não foi bem uma escolha própria, mas dos pais, do irmão. Há quem tenha considerado o fato de um amigo ter estudado no pH e ter sido aprovado como um fator primordial na decisão, funcionando como uma espécie de propaganda do curso.

Existem algumas diferenças entre o colégio pH (cujos alunos são concluintes do ensino médio) e o curso pH (onde estão os “pré-vestibulandos”) que são relevantes para uma melhor compreensão do universo da pesquisa. Meu interesse residiu em analisar tanto os depoimentos de alunos que já terminaram o ensino médio, bem como daqueles que ainda não concluíram o ensino médio. Desta maneira, acredito ser importante considerar alguns aspectos de estratificação dentro do próprio ambiente de estudo. De que maneira os alunos são divididos em grupos, turmas? Quais os critérios para essa divisão?

Nas aulas regulares (segunda a sexta) do curso pH não há separação dos alunos em função do rendimento, desempenho ou histórico escolar. Os estudantes do pré-vestibular do curso pH são separados apenas dos alunos do terceiro ano do ensino médio do colégio pH. A partir do meio do ano os alunos do curso e do colégio começam a ter aulas aos sábados e domingos. Essas aulas são fundamentalmente de exercícios, resoluções de questões de vestibulares anteriores.

No domingo, estudam os alunos do curso pH com notas mais altas no simulado.² Após a realização do simulado, o estudante recebe sua posição em relação ao seu grupo (Biomédicas, Ciências Exatas, Ciências Humanas) e carreira (Biomedicina, Engenharia, Comunicação Social). De acordo com seu desempenho nesse simulado ele participará de uma turma, estudará junto com outros possíveis “concorrentes”. Para um aluno que deseja fazer Medicina, por exemplo, as disciplinas específicas são Química, Física e Biologia.

O sábado é reservado para os alunos do curso pH com notas mais baixas no simulado. Teoricamente, as aulas de sábado têm o objetivo de começar com questões mais fáceis a fim de nivelar os alunos aos poucos. Essas turmas de alunos que não obtiveram as melhores colocações no simulado também são divididas por grupos de carreiras. Ou seja, a probabilidade de encontrar numa mesma sala muitos concorrentes é considerável. Além disso, um aluno pode conseguir “recuperar o tempo perdido” e obter uma melhor colocação no simulado seguinte e conseguir mudar de turma. A cada simulado as turmas são refeitas.

² O simulado consiste em uma simulação de uma prova de Vestibular aplicado ao longo do semestre nos cursos pré-vestibular.

Os alunos do colégio pH são divididos por turmas de acordo com o desempenho ao longo de todo o ano letivo. Eles também fazem simulados, mas como estão no último ano do ensino médio, são avaliados, fazem provas, precisam passar de ano. Teoricamente, devem conseguir concluir o ensino médio, para tentar o vestibular, ou até podem estar preocupados em passar no vestibular tanto quanto “passar de ano”.

No final do ano (a partir de dezembro até a última prova de vestibular) termina o ano letivo do colégio e os alunos se juntam aos alunos do curso pH. As turmas continuam sendo divididas por grupos de carreira, as aulas são voltadas para a próxima prova de vestibular e, a partir desse período, não há separação de alunos por notas. Todos os alunos podem freqüentar as aulas de fim de semana, participando de turmas de acordo com o grupo de carreiras. Mais uma vez, os estudantes ficam junto de possíveis “concorrentes”, por exemplo: alunos que desejam fazer medicina na mesma sala. Como são muitos os alunos que desejam cursar medicina, existem várias turmas de medicina. Assim, eles estão divididos de acordo com as carreiras porque irão fazer as mesmas provas específicas, que valem mais pontos na classificação.³

Não encontrei nenhuma diferença significativa entre os alunos do colégio e do curso pH. no que diz respeito ao desempenho nos simulados. Todos fazem parte de turmas especiais. Há apenas um jovem que cursa o terceiro ano em uma escola pública e faz o pré-vestibular e uma jovem que cursa o último ano em uma escola particular e o pré-vestibular no pH. ou seja, que ao longo do ano de 2006 se dividiram entre instituições de ensino e o curso pH.

* * *

Em meu trabalho, conforme já foi mencionado, o conjunto de entrevistas é formado por “jovens” alunos do colégio e também do curso pH. no Rio de Janeiro: cinco moças e cinco rapazes. Descrevo a seguir de forma breve os meus informantes⁴:

Priscila (18 anos) já terminou o ensino médio em sua cidade de origem (Cachoeiro de Itapemirim). Tentou vestibular duas vezes. Mora com o irmão, que cursa medicina em uma universidade pública. O pai fez faculdade particular e a mãe não tem curso superior.

Vanessa (18 anos) já concluiu o ensino médio e tentou o vestibular uma vez. Mora com a mãe e um irmão mais novo. Sua mãe tem formação em pedagogia, pós - graduação em

³Todos os alunos que entrevistei afirmaram que conseguiram bom desempenho no simulado e freqüentaram as turmas especiais.

⁴ Os nomes que utilizo são fictícios e apresento estes “jovens” com as idades que tinham na época de realização das entrevistas (2006) e nos anos escolares em que estavam na ocasião.

psicopedagogia e outras especializações. Seu pai fez curso técnico em eletroeletrônica, e atualmente cursa engenharia de telecomunicações em uma faculdade particular.

Marcela (18 anos) terminou o ensino médio e tentou uma vez o vestibular. Mora com os pais e tem um irmão mais novo. Seu pai não tem curso superior e é dono de uma farmácia. A mãe de Marcela cursa faculdade de farmácia em uma faculdade particular.

Marcos (24 anos) também já terminou o ensino médio e tenta pela oitava vez o vestibular. É pianista, já deu aula e acompanhou música coral e cantores. Tem uma irmã mais nova e um irmão que cursa direito em uma universidade pública do Rio de Janeiro. Seu pai é médico e político, e a mãe, advogada.

Regina (17 anos) cursa o último ano do ensino médio, e tenta pela primeira vez o vestibular. Tem duas irmãs. A mais velha cursa Administração em uma universidade particular e anteriormente iniciou psicologia em uma faculdade particular, mas interrompeu o curso. Os pais não cursaram nível superior. A mãe cursou o ensino fundamental até oitava série do ensino fundamental e o pai é técnico em contabilidade.

Rodrigo (18 anos) cursa o terceiro ano do ensino médio no colégio PH e tenta vestibular pela primeira vez. É músico, toca bateria, percussão, já trabalhou em estúdio. É filho único. Seu pai fez Engenharia e sua mãe, Educação Física.

Tiago (17 anos) cursa o último ano do ensino médio no colégio PH e nunca tentou vestibular anteriormente. Mora com seus pais, que fizeram faculdade de química e trabalham na área de saúde no serviço público .

Tatiane (17 anos) está no último ano do ensino médio no colégio PH. Tem uma irmã mais nova. Seu pai é militar e a mãe é analista de sistemas, mas não exerce a profissão.

Vinícius (17 anos) está no terceiro ano do ensino médio do colégio Pedro II e faz pré-vestibular no PH. É filho único. O pai fez engenharia eletrônica e a mãe não tem curso superior.

Renato (17 anos) está no último ano do ensino médio, tenta vestibular pela primeira vez e estuda no colégio PH. Mora com os pais e um irmão mais novo. Seu pai fez Enfermagem e sua mãe fez Enfermagem e Filosofia.

* * *

Considero o caráter cultural e social do termo “jovem”, e não as características biológicas ou psicológicas. Neste sentido, ser “jovem” é algo que se localiza no tempo e no espaço. De acordo com Claudia Rezende (1990) em “Diversidade e Identidade: discutindo ‘jovens’ de camadas médias urbanas”, falar de “juventude” implica não somente relativizar o

termo, mas perceber a pluralidade de formas de ser “jovem”. Sendo assim, em uma própria sociedade existiriam várias “juventudes”.

Para Gilberto Velho (1990), em “Juventude e identidade” - as diferenças nas juventudes” - ocorrem basicamente em termos de *trajetória social, grupo de ethos e projetos*, fatores que segundo ele, se entrelaçam. Um quadro de constrangimentos e determinações sociais servem para delinear um campo de possibilidades onde diferentes indivíduos podem organizar e escolher estilos de vida dentro de um certo repertório. A família, a escola, o grupo de pares são, segundo Velho (1990), contextos significativos, mas não abrangentes.

Assim, o termo “juventude” nos aproximaria de questões de ordem mais geral acerca das próprias relações entre os indivíduos, os processos sociais no mundo, no caso, a realidade brasileira:⁵ “A possibilidade de comparar diferentes *experiências de gerações e estilos de vida* pode ajudar a investigação sobre situações básicas de interação social e negociação da realidade” (Velho, 1990: 2).

Dentro dessa perspectiva de estudo acerca da juventude que leva em consideração a pluralidade de ser jovem, podemos destacar o trabalho de Maria Isabel Mendes de Almeida e Kátia Maria de Almeida Tracy. As autoras analisam no livro “*Noites Nômades*” alguns aspectos da subjetividade da juventude carioca. A partir da observação sistemática de algumas formas de lazer noturno de “jovens” de classe média carioca, as autoras desenvolvem a tese de que a noite foi transformada em uma categoria essencialmente espacial, ou seja, a “night” torna-se um lugar onde os “jovens” transitam entre boates, shoppings, cinemas, lojas de conveniência e lanchonetes que funcionam dentro de postos de gasolina e ficam abertas 24 horas por dia. Neste sentido, a mobilidade, o trânsito e o deslocamento desses “jovens” em diversos espaços numa noite é considerado um fim em si mesmo, o que representa uma chave de interpretação das novas formas de subjetividade dos “jovens” em questão. Além disso, os “jovens” se “cansam” facilmente de uma boate, fazendo com que os empresários estejam sempre reformando seus estabelecimentos ou trazendo pessoas novas, celebridades para atrair o público. Trata-se de formas peculiares de interação desses “jovens” e negociações com a realidade que têm a ver com diferentes estilos de vida.

Para construir teoricamente o universo pesquisado, Almeida e Tracy (2003) descartam o conceito de “adolescência” porque acreditam que ele traz uma idéia de estágio entre a infância e a idade adulta que tende a sugerir que os indivíduos que fazem parte dessa classificação não possuem plenitude subjetiva ou cultural, mas apenas vivenciam um processo

⁵ Utilizo eventualmente os termos “jovens”, “alunos”, “estudantes” dentro do mesmo sentido em minha pesquisa.

que os transformarão em adultos. Desta maneira, ao utilizar a noção de “juventude” as autoras estão afirmando a ligação entre a categoria “juventude” e o desempenho identitário que gera ambientes culturais específicos. Entretanto, elas chamam a atenção para o fato de ser difícil definir “juventude” em uma época em que se valoriza o “estilo de vida jovem”, que ultrapassa as fronteiras etárias (Almeida e Tracy, 2003:20/21).

Almeida e Tracy traçam um panorama histórico dos estudos sobre “juventude”. Segundo elas, nos Estados Unidos e na Inglaterra os estudos acadêmicos sobre as culturas “jovens” aparecem nas décadas de 1950 e 1960 e têm como característica inquietações com as questões das classes trabalhadoras e a delinquência, principalmente masculina. No Brasil, os estudos antropológicos acerca da “juventude” têm como pioneiro Gilberto Velho na década de 1970. Posteriormente surgem novas reflexões desenvolvidas por Sílvia Fiúza (1990), Cláudia Rezende (1990), e Hermano Vianna (1997).

Almeida e Tracy afirmam que a intenção do seu texto é enfatizar “à consideração dos ‘jovens’ como agentes culturais ativos, abordando não só suas experiências espaciais, mas o diagrama subjetivo que se constrói em torno de uma nova sensibilidade geográfica, entendida em sentido amplo” (Almeida e Tracy, 2003: 22). Essa nova sensibilidade geográfica está relacionada ao nomadismo, não como metáfora mas como um modo de ser desses “jovens”. A especificidade do nomadismo entre os “jovens” das classes médias estudadas diz respeito à territorialidade, “à espacialização” da experiência que é tanto social como subjetiva. Tal experiência está pautada no deslocamento e não na fixação, como no caso das vidas sedentárias. Assim, elas desenvolvem três aspectos do nomadismo “jovem”: “um aspecto espacial-geográfico, um aspecto organizacional e um aspecto afetivo” (Almeida e Tracy, 2003: 42).

Uma questão pontuada pelas autoras como sendo importante para entender as novas subjetividades “jovens” em construção é o acesso a novas tecnologias. Os “jovens” são considerados representantes da geração “zapping”. O termo “zapping” exprime a prática de trocar de canal de televisão continuamente através do controle remoto, mas também serve para indicar que há uma oscilação dos “jovens” no tocante à realização de várias atividades ao mesmo tempo: utilizam o telefone, ligam a televisão e o computador e estudam fazendo tudo isso. Com o controle remoto podem acessar diversos canais de televisão, mudando o tempo todo de acordo com seus interesses sem deixar de “cumprir” suas obrigações, como por exemplo, estudar. Tanto os especialistas quanto a mídia têm chamado atenção para as características dessa geração “zapping”.

Outros fatores importantes da subjetividade do universo de pesquisa diz respeito ao lugar do corpo na sociabilidade entre eles. Para Almeida e Tracy, a aparência serve para definir fronteiras entre os indivíduos que podem aproximá-los ou afastá-los. A forma como os “jovens” se vestem na “night” pode sofrer sanções, um indivíduo pode ser motivo de deboche, por exemplo. A estética é muito importante.

* * *

O trabalho de Almeida e Tracy (2003) nos apresenta um modo peculiar de ser “jovem” Carolina Machado Figueiredo em *As vozes do Circo Social* discorre acerca da categoria “juventude” levando em consideração as peculiaridades, diferentes visões e definições acerca do tema. Segundo Carolina, não existe consenso nem na literatura que aborda o tema “juventude”, nem nos órgãos que utilizam a categoria a fim de definir a faixa etária que ela abrange.

Carolina Machado cita algumas organizações que apresentam definições etárias diferentes. A *organização das Nações Unidas (ONU)*, por exemplo, classifica os “jovens” como os que têm entre 15 e 24 anos. A *Organização Mundial de Saúde* reconhece como adolescentes aqueles que têm entre 10 e 19 anos; e o estatuto da Criança e do Adolescente, afirma que “jovens” são todos aqueles situados entre 12 e 18 anos, podendo ser estendido até 21 anos (Alvim e Gouveia, 2000 *apud* Figueiredo, 2007:57). A *UNESCO* classifica a “juventude” como abrangendo a faixa etária entre 15 e 25 anos. No Brasil, existe ainda outra forma de classificação que utiliza o conceito de “jovens - adultos”, como os pertencentes à faixa etária de 18 a 21 anos (Costa, 2004, *apud* Figueiredo, 2007: 57). A *Secretaria Nacional de Juventude* se utiliza de um parâmetro internacional, que considera “jovens” aqueles com idades entre 14 e 29 anos (Figueiredo, 2007:57).

A construção da categoria “juventude” é oriunda de dinâmicas culturais e regras socialmente construídas que determinam em que momento e por meio de quais rituais se deixa de ser criança para ser “jovem”. Uma vez que em nossas sociedades não temos ritos de passagem definidos e compartilhados que marquem a entrada na adolescência e/ou na juventude, nossa sociedade utiliza outras formas de definição do que vem a ser “juventude.” Carolina Machado exemplifica que os produtos consumidos pelo “jovens”, os lugares onde freqüentam a linguagem que utilizam e seus comportamentos, podem ser identificadores da fase “juvenil”.

Existe uma idéia recorrente que propaga que a “juventude” é uma a fase em que, embora tenha saído da infância, a pessoa não é ainda adulto e, conseqüentemente, não tem ainda as responsabilidades do casamento, dos filhos, do trabalho, ou de seu próprio sustento.

Esse período de vida tem como característica a busca por um caminho, reflexão sobre escolhas futuras, a liberdade de poder não ter grandes responsabilidades e deveres e de contestar o mundo. Para Carolina Machado, a indeterminação pode ser considerada uma das palavras que caracteriza a juventude nas sociedades modernas visto que quando se é “jovem” não se é nem adulto, nem criança; ainda não se sabe o que se quer, não se escolheu caminhos, não se tem responsabilidades. (Figueiredo, 2007: .59). Outra definição acerca da “juventude” a concebe como um ideal social, sinônimo de saúde, vitalidade, beleza, bem-estar e liberdade. As academias de ginásticas, os tratamentos de beleza, de rejuvenescimento parecem indicar um crescente busca pela “juventude” através de métodos utilizados a fim de se manter “belo e jovem”. Ser “jovem” é entendido como o poder de qualquer um de “recomeçar”, de “rejuvenescer”, seja no encontro de um novo amor, uma nova profissão, uma nova plástica, ou de uma nova aventura:

A juventude atualmente constitui um certo ideal social, que talvez jamais termine. A idéia de liberdade pessoal, em nossa sociedade, está cada vez mais marcada por valores que associamos à mocidade. O corpo bem cuidado, a saúde, a liberdade até mesmo de desfazer relacionamentos, a possibilidade de sucessivos recomeços afetivos e profissionais: tudo isso tem a ver com uma conversão do humano em jovem.(...) A juventude assim não ficou apenas em seu papel limiar, nem somente aumentou sua duração: ela passa a ser uma possibilidade que reponta, ao longo da vida. Melhor dizendo, ela pode terminar mas, também, recomeçar. Isso se nota com freqüência nas relações amorosas, quando se encontra um novo amor, mesmo tardio. O mesmo recomeço pode se dar na vida profissional ou nos valores que conferem sentido à vida. Vivemos hoje a quebra de uma vida linear. Esta tinha infância, juventude, idade adulta, maturidade, velhice. Ora essas posições deixam de estar equacionadas ao longo de uma sequência sem volta. Continuam tendo sentido, todas elas, mas não mais como datas, e sim como posições, que podemos saltar, repetir ou reciclar. Sempre se disse, de alguns “jovens”, que pareciam velhos; mas hoje é mais possível, como nunca antes, recuperar a juventude. Ela se torna um ideal. (Ribeiro, 2004:27)

As fases da vida não são mais entendidas como algo linear: infância, juventude, idade adulta, maturidade e velhice continuam, podemos voltar a uma delas, saltar e repetir alguma. (Figueiredo, 2007: 60)

Outro fator além da publicidade e da mídia que serve para caracterizar a “juventude” tem a ver com a questão profissional e educacional e que são diferentes nas camadas mais favorecidas e nas camadas populares. Atualmente existem alguns fatores como o aumento do período de formação e qualificação, a alta competitividade no mercado de trabalho e a escassez de empregos que fazem com que esses “jovens” permaneçam por mais tempo nessa condição “juvenil”. Os “jovens” dependem financeiramente da família, e estão mais envolvidos com o processo de qualificação e profissionalização. Uma vez que o ingresso dos

“jovens” no mercado de trabalho acontece hoje mais tarde, até mesmo depois dos 25 anos, pois até esse período eles estão envolvidos com mestrados, doutorados e outros meios de qualificação e formação, para poderem competir em melhores condições às vagas de trabalho, cada dia mais disputadas. As bolsas de estudo são também uma das responsáveis por essa maior escolaridade juvenil das camadas médias e altas. (Figueiredo, 2007: 61)

Por outro lado, a juventude pobre do Brasil não possui a mesma relação com os estudos e com o mercado de trabalho. Os “jovens” pobres vivem mais em função do trabalho. A maioria interrompe seus estudos muito cedo a fim de trabalhar e ajudar no sustento da família. A educação que poderia ser um marco de ascensão social, é preterida pela necessidade de trabalhar, e os “jovens” pobres acabam ocupando as vagas que requerem baixa qualificação e, conseqüentemente, são mal remunerados, isso quando conseguem um emprego, tudo isso contribui para a perda de chances de se moverem socialmente. Além disso, o desemprego desses “jovens” é, nitidamente, maior do que dos de camadas mais favorecidas financeiramente. (Figueiredo, 2007: 62)

A escola representa uma instituição central na vida dos “jovens” de camadas superiores financeiramente. Sua rotina gira, essencialmente, em torno dos afazeres escolares e de formação geral. Tudo que se espera desse “jovem” é o bom desempenho na escola. A frase “sua única responsabilidade e dever são os estudos” é bastante pronunciada pelos pais a seus filhos. Para os “jovens” pobres a escola é uma presença periférica ou até mesmo uma ausência. Por mais que no início da vida a escola tenha uma representação maior em suas vidas, com o passar de pouco tempo, ela se torna uma instituição cada vez mais distante. As taxas de evasão e repetência, além do atraso, são altas e geradas por fatores como: a causa econômica que faz com que saiam da escola para trabalhar cedo; a baixa escolaridade dos pais, que acabam não incentivando a continuidade dos estudos dos filhos; e também devido à qualidade do ensino que é ruim no país. (Figueiredo, 2007: 63).

Em relação à “juventude”, existem muitas diferenças entre as camadas altas e baixas. O acesso a certos serviços culturais, como as bibliotecas, museus, cinemas, teatros, é outro ponto que distingue a “juventude”. Indicadores sobre equipamentos culturais justificam e reforçam a preocupação com a falta de espaços de lazer e de cultura para a população “jovem”, em particular para os pobres. (Figueiredo, 2007: 64).

Os “jovens” podem ser compreendidos como sujeitos que ocupam a mesma faixa etária, mas que apresentam diferenças no tocante ao pertencimento a espaços sociais totalmente distintos que produz experiências e valores também diferenciados. Segundo Carolina Machado Figueiredo:

Deve-se assim, atentar para as identidades e expressões das diversas juventudes que existem. Elas podem ser, por exemplo, as juventudes católicas, evangélicas, de futebol, do skate, da malhação, do country, do campo, do Hip Hop, do Funk, dos movimentos partidários, entre muitas outras formas de expressão social. Portanto, pensar os “jovens” do Brasil implica levar em consideração as diversas disparidades, contextos e experiências destes. Por mais que a juventude esteja presente em todas as classes, ela não ocorre da mesma forma em cada uma delas. (Figueiredo, 2007: 66).

Independente das diversas “juventudes”, do abismo social que existe entre muitas delas, há importantes fatores que as unem, além dos fatos de estarem condicionadas a certas conjunturas históricas, pertencentes a esse momento que vivem. Existe algo que pode unir, que pode ser vivenciado por “jovens” de camadas sociais diferentes que é o medo de sobrar apontado por Regina Novaes:

O “medo de sobrar”, isto é, de ficar fora do mercado de trabalho, é um deles. Apesar da maior e melhor qualificação dos “jovens” de camadas altas, esse medo existe para eles também e de forma significativa. Nada comparável, é claro, ao das camadas pobres, onde o medo, muitas vezes, transforma-se em uma realidade (Novaes, 2005, *apud* Figueiredo, 2007: 67).

O vestibular é uma etapa que alguns “jovens” vivenciam quando estão mobilizados em ingressar em uma universidade. Trata-se de uma escolha dentro de um leque de possibilidades restrito ao contexto social de cada “jovem”. Durante o ano de preparação para os exames, alguns estilos de vida são adotados, como por exemplo, a dedicação maior aos estudos em detrimento de uma vida de lazer intensa. A dedicação maior aos estudos se dá em função desse “medo de sobrar” que segundo Regina Novaes (2005) é o que “une” os “jovens” de vários segmentos da sociedade, que os faz semelhantes em meio a tanta diversidade de comportamentos “juvenis”, existe um medo que acomete “jovens” de camadas médias, altas, e populares que é o medo de ficar de fora do mercado de trabalho.

Os estudos da “juventude” parecem ser consensuais ao apontar a necessidade de se falar sempre no plural. O meu trabalho consiste em analisar como um grupo específico de “jovens” vivencia uma etapa particular de suas vidas – a escolha da carreira – sob esta forma particular: o desejo de entrar em uma universidade perseguido através da preparação em *cursinho* para o vestibular. Minha intenção é analisar as emoções dos vestibulandos que se preparam para o ingresso universitário tendo como fio condutor de análise teoria das ciências sociais acerca das emoções.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. O primeiro procura acompanhar o caminho das teorias dos rituais. Tendo em vista a imensa gama de literatura antropológica que versa sobre a questão dos rituais, priorizei os textos de Mariza Peirano e Roberto Da Matta

acerca de um clássico de Arnold Van Gennep: *Os Ritos de passagem*. A escolha por esse arcabouço teórico se dá em função da correlação entre o vestibular como uma fase de transição na vida dos “jovens” atrelada à importância social que um curso superior promove. .

O segundo capítulo é dedicado à análise da forma como os estudantes interpretam o vestibular e as transformações ocorridas em suas vidas em função da preparação para os exames. O que mudou em suas rotinas, que atitudes foram tomadas a fim de aumentar as chances de ingresso ao curso universitário desejado. Para entender essas mudanças, inspirada na teoria de Arnold Van Gennep, parto do pressuposto de que o vestibular é um *rito de passagem*. Com esse objetivo, analiso os conflitos existentes em torno da interpretação que os “jovens” fazem acerca do vestibular. Em seguida, analiso o conjunto de depoimentos sobre os aspectos considerados positivos na dedicação para as provas do vestibular.

O capítulo 3 examina alguns sentimentos dos estudantes que se preparam para o vestibular através de um arcabouço teórico que discute o caráter social das emoções. Assim, primeiramente será apresentado um panorama teórico, depois mostraremos os depoimentos dos “jovens” que fazem parte do universo pesquisado a fim de investigar que sentimentos eles descrevem como preponderantes em suas experiências como vestibulandos. E finalmente, tentaremos expor algumas abordagens nas ciências sociais acerca do sentimento de medo articulando-as com os depoimentos dos “jovens” estudantes.

No quarto capítulo é examinado o modo pelo qual os “jovens” descrevem seus sentimentos em relação ao vestibular. Em seguida, traço um panorama da perspectiva teórica de Norbert Elias (1993), Jean Delumeau (1989) e William Ian Miller (2000) sobre o medo. Minha tarefa consiste em analisar as peculiaridades do medo no panorama das entrevistas a fim de compreender quais são os medos recorrentes no que diz respeito ao vestibular.

Capítulo I. As teorias do ritual

Neste capítulo realizo um panorama acerca da teoria dos ritos de passagem. Tenho como ponto de partida o texto de Mariza Peirano por considerá-lo interessante para pensar de que forma os rituais estão presentes em situações de nosso cotidiano a partir da análise feita por essa autora. O clássico de Arnold Van Gennep: *Os Ritos de passagem* é uma espécie de fio condutor que atravessa este capítulo. Já o texto de Roberto Da Matta nos oferece uma compreensão salutar acerca dos *Ritos de passagem*. A escolha por esse arcabouço teórico se dá em função da correlação entre o vestibular como uma fase de transição na vida dos “jovens” atrelada à importância social que um curso superior promove.

O vestibular é um processo de seleção ao qual se submetem, no Brasil, os “jovens” que desejam cursar o nível superior. No caso das universidades públicas, o número de vagas oferecidas é menor que o número de alunos tornando a disputa por uma classificação mais acirrada. Em função da competição, o jovem precisa realizar estudos sistemáticos, renunciar a certas atividades e concentrar-se em seu objetivo: ser aprovado. Paralelamente, deve escolher a carreira e, algumas vezes, conversar com seus pais acerca da profissão eleita. Todo esse processo é muitas vezes interpretado como uma etapa importante para garantir a independência dos “jovens” em relação aos seus pais na tentativa de “ser alguém na vida”. Através do exame do vestibular o jovem não só inicia uma vida acadêmica como se prepara para o mercado de trabalho. Trata-se, portanto, de um período, uma fase de transição na vida de estudantes em busca de profissionalização.

Para alguns “jovens” de classe média ter um diploma de curso superior é considerado fundamental assim como também pode ser importante, em alguns casos, nessa fase de vida, decidirem qual universidade cursar, a carreira que devem seguir e se é possível conciliar trabalho e estudo. Esta importância atribuída ao diploma universitário está longe de ser um traço particular do grupo entrevistado. Já em 1936, em seu estudo clássico sobre a cultura brasileira, Sérgio Buarque de Hollanda ressaltava algumas características de títulos acadêmicos para o brasileiro:

Numa sociedade como a nossa, em que certas virtudes senhoriais ainda merecem largo crédito, as qualidades do espírito substituem, não raro, os títulos honoríficos, e alguns dos seus distintivos materiais, como anel de grau e a carta de bacharel, podem equivaler a autênticos brasões de nobreza. Aliás, o exercício dessas qualidades que ocupam a inteligência sem ocupar os braços tinha sido expressamente considerado, já em outras épocas, como pertinente aos homens nobres e livres, de onde, segundo parece, o nome de liberais dado a determinadas artes, em oposição às mecânicas, que pertencem às classes servis (Hollanda, 1936: 83).

Estudos mais recentes mostram que esta importância atribuída ao diploma universitário continua presente junto a segmentos da sociedade brasileira. Por exemplo, Rezende (1989), em seu estudo acerca da juventude em camadas médias cariocas, afirma que quase todos os “jovens” entrevistados têm como projeto de vida entrar na universidade, definindo assim, suas carreiras profissionais. Os outros planos, como por exemplo, casar, são preteridos em função da formatura.

Definir a carreira, ingressar em um curso preparatório, fazer a prova, e conversar com os pais fazem parte de um processo de transformação na vida dos “jovens” que pretendem receber outro status: estudantes universitários. Para muitos “jovens”, a dependência financeira continuará, visto que seus pais prosseguirão pagando seus estudos numa universidade particular, como a Pontifícia Universidade Católica (PUC), por exemplo. Segundo o depoimento de meus informantes, seus pais prosseguirão cobrindo as despesas com educação de seus filhos. Tais “jovens”, no entanto, afirmam que cursar uma faculdade significa estar mais perto de alcançar a independência através da inserção no mercado de trabalho. Alguns dos estudantes que entrevistei até consideram a hipótese de desenvolver atividades remuneradas durante o tempo na universidade, como por exemplo, monitoria, estágio remunerado, bolsas de pesquisa.

Muitos “jovens” afirmaram que é necessário enfrentar as dificuldades, renunciar a certas atividades, mudar a maneira como se relacionam com os estudos. E acima de tudo, para os meus informantes, não existe outro modo de se profissionalizar que não seja por intermédio da universidade. Para que isso aconteça é necessário passar no vestibular. O depoimento de Tiago é interessante porque ele compara o vestibular a um rito de passagem:

Vestibular é uma coisa meio bárbara né? Uma vez eu ouvi uma comparação que eu achei muito boa: que em algumas sociedades os “jovens” eram iniciados fazendo furos na orelha, na boca, matando leão, coisa que na sociedade dita civilizada você fazia o vestibular. É mais um rito de passagem bárbaro do que outra coisa. Então não sei se tem alguma coisa boa no vestibular.

No depoimento de Tiago, o vestibular é visto como algo “bárbaro”, “extraordinário”, mas uma maneira “civilizada” de se conquistar a maioria. É bárbaro e civilizado ao mesmo tempo, dependendo do lugar de onde se fala. “Bárbaro” para quem faz as provas, para quem enfrenta a concorrência, deixa de sair à noite como gostaria, faz simulado, estuda sábado, faz muitas provas, abre mão da academia, do curso de inglês, teatro, música... O vestibular parece ser “civilizado” para quem cria esse mecanismo que garante o acesso a alguns estudantes e o nega a milhares de “jovens”. Para conseguir uma vaga na universidade,

não é necessário matar leão, ou submeter o corpo a perfurações de objetos. Entretanto, de acordo com alguns depoimentos, o corpo parece estar bem presente durante as provas, como nos exemplos de enfermidades que surgem no dia do exame do vestibular. De maneira “civilizada”, o vestibular dá prêmios para quem consegue ser aprovado, seja porque se preparou melhor, seja por ter maior capital cultural ou escolar.

As teorias dos ritos de passagem, mesmo sendo elaboradas a partir de dados de contextos sociais bastante distintos, podem elucidar algumas questões acerca do vestibular, permitindo-nos entendê-lo como um ritual. Assim, o vestibular seria a passagem de uma fase da vida dos “jovens” que pretendem deixar de ser estudantes para serem profissionais: médicos, advogados, engenheiros, professores...

1.1 Visões acerca dos ritos de passagem

Em *Rituais Ontem e Hoje*, Mariza Peirano traça um panorama da história da antropologia tendo como arcabouço as construções e transformações teóricas sobre rituais. Ela destaca alguns pontos importantes acerca dos rituais que fazem parte da vida social, chamando atenção para o fato da idéia de ritual estar constantemente associada a um momento histórico passado, da época das cômtes na Europa. Costuma-se supor o ritual como um evento desprovido de maiores significados e conteúdo, algo formal, arcaico, convencional, rígido, enfim, mero cumprimento de uma tradição. Tais afirmações, segundo ela, têm a ver com o nosso senso comum que está baseado numa dicotomia preconceituosa envolvendo duas maneiras de pensar e de viver: uma sugere que pensamos e vivemos de maneira racional e lógica; a outra imagina que a vida fora do mundo urbano não é racional, mas mística e até mesmo irracional.

De acordo com Peirano (2003), a definição de ritual deve levar em consideração alguns elementos. Em primeiro lugar, deve-se evitar qualquer definição rígida a fim de realizar um trabalho de campo, uma etnografia que considere a perspectiva do outro. Em todas as sociedades existem eventos especiais, como por exemplo, uma formatura, um casamento. Trata-se de eventos que não acontecem todos os dias para aquelas pessoas. Desta maneira, o pesquisador deve conseguir apreender o que é único, excepcional, crítico, diferente para cada sociedade.

Em segundo lugar, o importante não é a natureza dos eventos rituais, se eles são religiosos, profanos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados. O importante é que eles possuem uma forma específica, um certo grau de convencionalidade, redundância, que

combinam palavras e ações. Além disso, já que a definição proposta por Peirano é etnográfica, não se pode afirmar usando critérios de *nossa sociedade* que o ritual é caracterizado pela ausência de uma aparente racionalidade ou pela falta de uma relação instrumental.

Outro aspecto importante na construção de uma definição sobre ritual é que o repertório dos rituais está relacionado com a vida cotidiana de um determinado grupo. Neste caso, os rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos, para resolver conflitos e reproduzir relações sociais. Por fim, se considerarmos o fato de que vivemos em sociedade tudo o que praticamos possui um componente comunicativo *implícito*. Formas de vestir, de comer, de escolher lugares para freqüentar comunicam nossas *preferências, status, opções*. A fala é uma forma de *agir* que tem o seu propósito e sua *eficácia*. Falar e fazer são ações sociais.

Peirano (2003) chama atenção para o fato de dois trabalhos antropológicos clássicos terem privilegiado a esfera econômica dos fenômenos estudados, que poderiam ter sido analisados como rituais: o *potlatch* pesquisado por Franz Boas, no noroeste dos Estados Unidos, e o *Kula* pesquisado por Bronislaw Malinowski. Enfatizou-se nessas etnografias a questão do puro desperdício de bens preciosos, no caso do *Potlatch*, e trocas de objetos inúteis no *Kula* na tentativa de afirmar que os *Kwakiutl* e os *Trobriandeses* eram racionais em seus respectivos contextos sociais e suas práticas tinham uma função específica: construir laços duradouros. Para Mariza Peirano tanto o *Potlatch* quanto o *Kula* são rituais porque faziam sentido para os nativos, eram constituídos de seqüências padronizadas de palavras e atos, freqüentemente expressos em múltiplos meios: colares, braceletes, diálogos cerimoniais, cobertores, placas, existia formalidade, estereotipia e repetição reconhecidas e enfatizadas pelos nativos. Tais eventos produziam valores sociais de acordo com seu desempenho: status, prestígio eram construídos ou destruídos, visões de riqueza estabelecidas, noções de generosidade e dignidade reforçadas. (Peirano, 2003: 15)

No início do século XX surgiram duas correntes antropológicas: os intelectualistas e os sociológicos. Os intelectualistas tinham como representantes James Frazer e Edward Tylor. A visão de Tylor é de que existiam religiões que evoluíram: primeiro o animismo; posteriormente, o politeísmo, até chegar ao monoteísmo. A magia era a ciência mal aplicada.

Para Frazer, a humanidade passou por três estágios: magia, religião e ciência. A magia contém a lei definitiva do pensamento, entretanto, não sabe aplicá-la devidamente. A religião nasce quando a magia não consegue produzir resultados e o poder é delegado ao sobrenatural; a ciência formula a relação de causa e efeito como recurso de acesso ao conhecimento.

Do outro lado, estavam os sociológicos: Émile Durkheim e Marcel Mauss, que estavam interessados não na razão humana, mas na razão da sociedade. Para ambos, a sociedade antecede o indivíduo e possui poderes para guiar nossas vidas, seja através de reprodução e/ou de transformação. A língua que falamos, nossa liberdade e criatividade são construções sociais. Para Durkheim e Mauss religião não diz respeito necessariamente aos deuses ou ao sobrenatural. A sociedade é sagrada, sacrossanta, não se questiona os seus desígnios.

Peirano (2003) considera Arnold Van Gennep (1873-1957) um dos primeiros autores a estudar o ritual sem associá-lo a religião. Ele apresentou uma classificação dos rituais de acordo com os papéis que desempenhavam na sociedade e examinou cuidadosamente as partes que os constituem. Sua obra mais conhecida *Os Ritos de Passagem* define os ritos de passagem como momentos de mudança e tradição tanto de pessoas como de grupos sociais. A gravidez, o parto, os períodos de iniciação, noivados e casamentos, funerais, a mudança de estação, as fases da lua, entre outros tantos são exemplos de ritos por ele tratados.

Primeiro ocorre uma separação de condições prévias, depois um estágio liminar de transição até que, finalmente, chega o período de incorporação a uma nova condição ou regressão à antiga. Todas as fases dos rituais descritas por Van Gennep (1977) eram tidas como universais. Ele classificava os ritos da seguinte forma: os *funerais*, ritos de separação; *casamentos*, de incorporação; e a *puberdade*, os ritos de transição.

De acordo com Peirano (2003), nas décadas de 1930 e 1940 há um certo declínio nos estudos dos rituais. Ainda assim, ela destaca o trabalho de Radcliffe-Brown (1881-1955) sobre os andamaneses do Golfo de Bengala, na Índia em 1922, cujo título era *The Andaman Islanders*. Apesar de ser pouco reconhecido como pesquisador de rituais, ele narrou as cerimônias nativas e inventou a expressão *valor ritual* para mostrar que um símbolo recorrente em um ciclo de rituais tem grande chance de manter o mesmo significado em todos. Além dele, Lévy-Bruhl (1857-1939) escreveu importantes ensaios sobre a mentalidade primitiva comparada à moderna. Em 1936, Gregory Bateson (1904-1980) publica o livro *Naven*, faz uma etnografia do ritual que dá o nome ao livro, *o naven* que ele descreve entre os nativos *iatmul* da Nova Guiné.

Max Gluckman (1911-1975) tenta inserir o ritual nos exames das estruturas sociais porque acreditava que ele conduzia a uma forma peculiar de resolução de conflitos. Para ele, os ritos de passagem falam de transições de posições, status e papéis.

Para Peirano (2003), Victor Turner (1920-1983) foi reconhecido desde a década de 1970 como um dos mais conceituados especialistas de análise de rituais. Ele escreve em seu

primeiro livro os conflitos que surgem a partir de dois princípios estruturais entre os *ndembu*: a matrilinearidade (descendência pela linha materna) e a virilocalidade, costume que faz a mulher mudar para a aldeia do marido quando casa. Além disso, realiza um estudo microsociológico em que cunha a expressão *drama social* para estudar os conflitos. Nestes *dramas sociais*, ocorrem processos de *ruptura, crise, reparação, e reintegração*. Já os rituais foram considerados superiores para investigação, por serem fixos e rotinizados, além de muito importantes para os nativos. Turner recupera a noção de liminaridade de Van Gennep e recupera a noção de estado nos ritos de passagem como algo que se estende além do *status* e *posição social*, e engloba estados mentais, sentimentais e afetivos, e estado de ser que são criações culturais.

Na perspectiva de traçar um panorama da história do ritual na antropologia, Peirano afirma que Claude Lévi-Strauss, ao procurar os aspectos estruturais universais da mente humana, dedica-se mais aos mitos do que aos ritos, ao que *é dito* mais do que ao que *é feito*. Ele faz ressurgir uma antiga dicotomia: cultos (rituais) versus representações: de um lado as ações, de outro, o pensamento. Os mitos, totemismo, arte, nomeação etc. são fenômenos “bons para pensar” e meios adequados para se alcançar o objetivo de atingir as estruturas da mente humana. (Peirano, 2003: 33)

Edmund Leach (1911-1989), influenciado pela teoria de Lévi-Strauss, consolida a idéia de que primitivos e modernos são idênticos e restaura o que havia se perdido no entusiasmo estruturalista de Lévi-Strauss. Ele afirma que não apenas *pensamos*, mas *vivemos* de forma similar. Ele equipara os nossos hábitos com experiências de campo em sociedades tradicionais, nivela mitos e ritos, que seriam fenômenos interligados e precisariam ser analisados em *ação*. A grande inovação era não distinguir comportamentos verbais de não-verbais. Por exemplo, cumprimentar com um aperto de mão e fazer um juramento por meio de palavras eram considerados rituais. Assim, o ritual era um conjunto de palavras e ações, o enunciado de palavras já era tido como ritual.

Segundo Peirano, Stanley Tambiah retoma a idéia de que os ritos são bons para *pensar* e para *viver*:

Tambiah efetivamente retoma a idéia de eficácia, depois que Leach inclui a ação como um meio de transmissão de conhecimento, mas acrescenta um elemento fundamental, que esclarece de onde vem a eficácia social definida por Mauss. É assim que ele introduz a idéia de “ação performativa”: um atributo intrínseco tanto à ação quanto à fala, que permite comunicar, fazer, modificar, transformar. Se, então, o ritual é 1) um sistema cultural de comunicação simbólica; 2) constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos; 3) frequentemente expresso por múltiplos meios; 4) esta ação ritual é performática. A eficácia de Mauss recebe, agora,

essa nova formulação que esclarece como a eficácia se dá (Peirano, 2003: 40).

No livro de onde retiro esses comentários, Mariza Peirano destaca os trabalhos de Roberto Da Matta sobre o carnaval como um clássico da antropologia brasileira. Além de estudar os rituais, ele examina aspectos fundamentais da sociedade brasileira explicitando valores, atitudes e idéias subjacentes à nossa identidade. Assim, os rituais servem para compreender o Brasil através da análise minuciosa de suas ambigüidades e dilemas, e devem ser examinados tendo como contraponto o cotidiano.

Mariza Peirano finaliza seu panorama antropológico acerca dos rituais apresentando o trabalho de Christine de Alencar Chaves, que analisa a marcha dos sem terra, organizada pelo movimento dos trabalhadores sem terra (MST). Neste trabalho, a eficácia da ação ritual reside no fato de conseguir tanto ligar crenças culturais fundamentais que constituem uma cosmologia como questionar determinadas estruturas sociais. Neste sentido, os rituais podem contribuir para a constituição de novas legitimidades, possibilitando descobertas de mecanismos de diferenciação e realizando a passagem das ideologias para os sistemas de ação e vice-versa concretas.

O livro de Arnold Van Gennep se insere dentro de um contexto de produção acerca dos ritos descrito acima por Peirano (2003) e é descrito como um trabalho precursor da análise dos rituais. O objetivo de Arnold Van Gennep em *Os Ritos de Passagem* é desenvolver uma leitura acerca dos ritos em seus detalhes tendo em vista tanto sua significação essencial como sua situação relativa nos conjuntos cerimoniais, ou seja, sua *seqüência*. Para tanto, ele constrói descrições extensas, na tentativa de mostrar como os ritos de *separação*, de *margem* e de *agregação*, preliminares ou definitivos, situam-se uns com relação aos outros tendo em vista um fim determinado. Observando os detalhes é que se consegue perceber as diferenças entre os ritos, como por exemplo, de nascimento e de morte, da iniciação ou do casamento já que ambos fazem parte de uma seqüência típica de ritos de passagem.

Para Van Gennep (1968), o mundo sagrado e o profano são incompatíveis. Sendo assim, a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (e vice-versa) não pode ser realizada sem que haja um estágio intermediário:

A vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que, por exemplo, constituem, para os nossos ofícios a aprendizagem, e que entre os civilizados consistem

em cerimônias, porque entre eles nenhum ato é absolutamente independente do sagrado” (Van Gennep, 1968: 26)

Tanto o indivíduo como a sociedade estão atrelados à natureza, ao universo. O universo, por sua vez, está submetido a ritos que afetam a vida humana, etapas e momentos de passagem, marchas para adiante e estágios de relativa parada, de suspensão. Assim, Van Gennep propõe uma associação entre as cerimônias de passagens humanas e as relacionadas com as passagens cósmicas, seja de um mês ao outro (cerimônias da lua cheia, por exemplo), de uma estação a outra (solstícios, equinócios), de um ano ao outro (Dia do Ano Novo, etc.). Para Van Gennep, a sociedade geral é comparada a uma casa:

Toda sociedade geral pode ser considerada como uma espécie de casa dividida em quartos e corredores, com paredes tanto menos espessas e portas de comunicação tanto mais largas e menos fechadas quanto mais esta sociedade se aproxima das nossas pela forma de sua civilização. Entre os semicivilizados, ao contrário, estes compartimentos são cuidadosamente isolados uns dos outros, e para passar de um ao outro são necessárias formalidades e cerimônias. (Van Gennep, 1968: 27)

Nem todos podem entrar na “casa”, ou em certos ambientes da casa sem a devida permissão, sem preencher os pré-requisitos, sejam eles de nascimento ou de qualidades especiais adquiridas. Entretanto, não entrar na casa, não fazer parte da sociedade geral pode ser considerado um sinal de fraqueza, de inferioridade, mas também pode significar estar “dentro” do mundo sagrado já que a sociedade geral é vista como um mundo profano. Assim, algumas populações matam, roubam, maltratam o estrangeiro, enquanto outras populações temem o estrangeiro, tratam-no com respeito, como um ser poderoso ou podem adotar medidas de defesas mágico-religiosas. (Van Gennep, 1968:41)

Van Gennep (1968) analisa as etapas da aproximação entre os estrangeiros e os indígenas afirmando que existem possíveis variações em comprimento, em complexidade conforme os povos. Entretanto, para ele, seja no caso de coletividades como no de indivíduos, o mecanismo é sempre o mesmo:

a parada, espera, passagem, entrada, agregação. Nos detalhes, os ritos podem consistir em um contato propriamente dito (bofetada, aperto de mãos, etc.), em troca de presentes alimentares, preciosos, etc., em comer, beber, fumar (cachimbo indígena) conjuntamente; em sacrifícios de animais; em aspersões de água, de sangue, etc., ou unções; em se amarrarem, cobrirem-se juntos, sentarem-se no mesmo assento, etc. o contato indireto realiza-se por meio do “porta-voz”, pelo toque simultâneo ou sucessivo de um objeto sagrado, da estátua de uma divindade local, de um “poste feitiço”, etc. (Van Gennep, 1968: 43).

Assim como as etapas de aproximação entre os estrangeiros, existem os ritos de gravidez e do parto. Primeiramente ocorrem os ritos de separação que são realizados para

fazer a mulher grávida sair da sociedade geral, da sociedade familiar e às vezes da sociedade sexual. Posteriormente, ocorrem os ritos da gravidez, ou seja, período de margem. Enfim, temos os ritos de parto cujo objetivo consiste em reintegrar a mulher nas sociedades de pertencimento anterior, ou indicar para ela uma nova condição na sociedade geral, na qualidade de mãe, principalmente quando se trata do primeiro parto e do nascimento de um menino.

Ao falar de puberdade, Van Gennep faz distinção entre a puberdade fisiológica e a “puberdade social”, pois são duas coisas essencialmente diferentes.

Entre os Masai “a puberdade produz-se aproximadamente aos 12 anos, a circuncisão dos rapazes tem lugar” desde que são bastante fortes, isto é, entre 12 e 16 anos”, às vezes mais cedo se os pais são ricos, mais tarde se são pobres, e até que tenham meios de pagar a cerimônia, prova de que também aqui a puberdade social difere da puberdade física.(Van Gennep, 1968: 83)

A condição de pertencimento a determinada casta ou classe social é hereditária da mesma maneira que o pertencimento a certos grupos totêmicos, mágico-religiosos. Contudo, de acordo com Van Gennep, raramente a criança é considerada membro “completo”, desde o nascimento. Na prática, é necessário um nascimento social que pode variar no que diz respeito à idade da iniciação, em populações diferentes:

A classe dos brâmanes, dos “nascidos duas vezes”, marca a transição entre a casa e a profissão mágico – sacerdotal. O termo “nascido duas vezes” indica claramente o verdadeiro papel dos ritos de passagem, no sentido de que o brâmane que pertence à sua casta pelo nascimento e é agregado a ela por ritos da infância sofre em seguida cerimônias de iniciação, nas quais morre para o mundo anterior e renasce no novo mundo e que lhe dá o poder de se entregar a atividades mágico-religiosas que deve ser sua especialidade profissional. (...) Nasce-se brâmane, mas é preciso aprender para agir como brâmane. Em outras palavras, no interior do mundo sagrado no qual o brâmane vive desde o nascimento há três compartimentos, um preliminar, até a *upanayama* (introdução junto ao preceptor), outro liminar (noviciado) e o último pós-liminar (sacerdócio). A sucessão desses períodos para o brâmane é idêntica à que tem lugar para um filho de rei semicivilizado, um e outro evoluindo sempre no interior do mundo sagrado, ao passo que um não-brâmane ou um negro qualquer não evoluem, exceto durante períodos especiais (iniciação, sacrifício, etc.), senão no interior do mundo profano. (Van Gennep, 1968:96)

Uma vez que a criança é admitida à adolescência e à puberdade social, outro estágio aparece: o da maturidade que segundo Van Gennep é melhor caracterizado através da formação de uma família. Segundo ele, pelo menos para um dos cônjuges, ocorre uma mudança de família, de clã, aldeia ou tribo. E até pode ser que os novos esposos vão viver em uma casa nova. A mudança de casa é marcada nas cerimônias que lembram uma adoção: “As

cerimônias do casamento apresentam analogias, muitas vezes mesmo identidades de detalhes, com a adoção, mas isto é um fato que parecerá normal a quem se lembrar que no casamento, em última análise, trata-se da agregação de um estrangeiro a um grupo.” (Van Gennep, 1968: 122)

Os indivíduos para os quais não foram executados os ritos fúnebres, assim como as crianças não batizadas ou que não receberam nome, ou não foram iniciadas, são destinados a uma existência lamentável, sem poder jamais penetrar no mundo dos mortos nem se agregarem à sociedade aí constituída. (Van Gennep: p.136) Sempre uma mesma finalidade condicionou uma mesma forma de atividade. Para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar, repousar, para recomeçar em seguida a agir, porém de modo diferente. E sempre há novos limiares a atravessar, limiares do verão ou do inverno da estação ou do ano, do mês ou da noite, limiar do nascimento, da adolescência ou a idade madura, limiar da velhice, limiar da morte e limiar da outra vida - para os que acreditam nela. (Van Gennep,1968: 157/8)

Roberto Da Matta apresenta o livro de Arnold Van Gennep *Os Ritos de Passagem* traçando um breve panorama de outros trabalhos antropológicos sobre rituais. Segundo ele, a concepção de Van Gennep acerca dos rituais está diretamente relacionada com sua compreensão de vida social. Dentro dessa perspectiva, podemos entender que nós construímos rituais em torno das mais variadas situações de nosso cotidiano: casamento, morte, manifestações políticas “revolucionárias”, com intenções variadas também: vontade de passar e ficar, de esconder e mostrar, de controlar e libertar, transformando constantemente tanto o mundo como a nós mesmos. Esse mundo possui uma lógica de decisão coletiva e não está determinado por aspectos biológicos, mas sociais.

Van Gennep inaugura uma nova maneira de pensar os ritos na tentativa de mostrar que não se pode falar de vida social sem falar de ritualização. Para Da Matta, é provável que ele tenha sido o primeiro a considerar o rito um fenômeno a ser investigado como um objeto que possui certa autonomia no mundo social e não um fenômeno atrelado necessariamente à magia ou à religião.

Nos estudos antropológicos da segunda metade do século XIX, os padrões de comportamento social eram explicados através de algumas idéias reducionistas. Primeiro o social e/ou cultural era reduzido a um subproduto do biológico, resultantes fracos de tensões entre características raciais, ou biológicas, pré - determinadas e irresistíveis. Outro arcabouço explicativo presente na antropologia do século é a explicação “intelectualista ou psicológica”

segundo, como aponta Da Matta, terminologia de Evans-Pritchard. Na interpretação intelectualista ou psicológica, o social se reduz à vontade de agentes individuais. Outra vertente explicativa da mesma época era a redução ecológica ou geográfica, quando o mundo social se reduzia à dinâmica de climas, solos, vegetações, regimes de chuvas e de ventos.

Segundo Da Matta, o estudo de Sir James Frazer foi o pioneiro em conseguir sair do universalismo individualista. O seu livro mais famoso - *The Golden Bough* (1890) - faz um estudo do regicídio nas civilizações da antiguidade. Frazer separou a magia da ciência, como duas técnicas diferentes de controle da natureza. Na magia e na ciência existem questões de poder. Na religião o que predomina é a fé, a adoração, o sacrifício, e a solidariedade.

Na França realizou-se o estudo da religião como sendo o “coração” da sociedade. Henry Hubert, Robert Hertz, Marcel Mauss e Celestin Bouglé, juntamente com Émile Durkheim, inauguram a pesquisa do humano como realidade social e não mais realidade individual ecológica ou biológica.

No livro *Os ritos de passagem* Van Gennep estuda os rituais como algo em si mesmo e não como um “apêndice do mundo mágico ou religioso”. O rito é visto como um fenômeno dotado de certos mecanismos recorrentes (no tempo e no espaço), e também de um conjunto de significados, o principal deles sendo realizar uma espécie de costura entre posições e domínios, pois a sociedade é concebida pelo nosso autor como uma totalidade dividida internamente. Van Gennep imagina a sociedade como uma casa. Assim, os rituais servem para demarcar assim como na casa os espaços são delimitados: quartos e salas, corredores, varandas, por onde as pessoas circulam. O mundo social é dinâmico, cheio de contrastes.

Segundo Roberto Da Matta, no trabalho de Van Gennep, porém, o sagrado e profano são totalmente relativos e possuem rotatividade, pois sempre haverá um lado mais sagrado dentro da própria esfera tomada como sagrada, até que um novo contraste possa ser estabelecido e assim faça nascer algo mais ou menos sagrado ainda, num movimento complexo de “interdições de interdições”. (p.17) Segundo Roberto Da Matta, Van Gennep concebe tanto o sagrado como o profano como pólos dinâmicos cujos valores são dados pela comparação, contraste, e contradição, ou seja, possuem posições relativas.

O pensamento de Van Gennep, de acordo com Roberto Da Matta é dialético O mundo social está sempre em processo de busca da unidade na dualidade, como por exemplo, nos casamentos quando a sociedade deseja que duas pessoas se transformem em uma. Ou no rito de separação que ocorre nos funerais, quando tentamos por meio do rito nos afastar dos nossos entes queridos. Há também a socialização de indivíduos que pode ser exemplificada quando na busca por transmitir valores para os nossos filhos. E ainda, o indivíduo como

“símbolo da sociedade” quando uma pessoa é capaz de ocupar um cargo que representa o que há de positivo, de forte e de honrado no grupo.

Segundo Da Matta, Van Gennep antecipa algumas posições básicas da Antropologia Social contemporânea, como por exemplo, levar em consideração o contexto ao discutir o significado de certo rito. Além disso, ele pondera o valor das seqüências no estudo do ritual, a separação radical entre os fatos da biologia e os fatos da sociedade. Finalmente, o fato de que o casamento não é um acontecimento individual, como afirma a nossa ideologia do amor romântico, mas é algo coletivo e grupal, que serve para mobilizar as forças sociais no que diz respeito à criação de uma nova unidade: o casal. Também visa a integração desta nova unidade no interior de algum grupo mais inclusivo.

Da Matta pontua alguns problemas da obra de Van Gennep. Segundo ele, o autor, priorizou a quantidade ao invés da qualidade. Ou seja, melhores resultados seriam alcançados se ele tivesse feito uma análise mais profunda de uns poucos rituais, ao invés de analisar muitos rituais. Neste sentido, para Da Matta, o trabalho de Van Gennep teve muita semelhança com os dos vitorianos, que na busca por muitas observações acabaram tirando alguns rituais do seu contexto. Tamanha foi a ânsia em demonstrar, exaustivamente, que a sua descoberta das três fases era verdadeira e que ela poderia ser localizada em todos os ritos, dos grupos tribais até as grandes civilizações que no livro não “sobrou tempo” para uma elaboração teórica relativa ao significado profundo dos “ritos de passagem.” Se é certo, como diz Van Gennep, que as passagens seguem de algum modo um determinado padrão de paradas e movimentos, um movimento quase que cósmico de alternância entre o velho e o novo, o dia e a noite, o primeiro e o último, tais explicações são universais e vagas, e marcavam o espírito da época, ou seja, era um modo de ver os rituais de acordo com a teoria social de sua época.

Neste capítulo vimos de forma panorâmica as perspectivas sobre os estudos dos rituais de acordo com a ótica de Mariza Peirano, Arnold Van Gennep, e Roberto Da Matta. A partir dessa leitura, o vestibular pode ser interpretado como um ritual que serve para transmitir a importância do ensino superior para estes jovens em questão, mas também para seus pais, amigos, enfim, para o meio social de quem vivencia esse momento. De certa forma, o vestibular serve para mostrar a importância do ensino superior no Brasil como meio de distinção social, como um valor social. Não passar no vestibular significa “ficar de fora”, não alcançar a posição desejada e esperada. No próximo capítulo pretendo avançar na análise dos depoimentos dos “jovens” acerca de suas experiências como vestibulandos, tendo como fio condutor da análise a teoria dos “ritos de passagem”.

Capítulo II. O vestibular como ritual

A proposta deste capítulo é analisar de que maneira os estudantes interpretam o vestibular e as transformações ocorridas em suas vidas em função da preparação para os exames que possibilitam o ingresso à universidade. Analiso de que maneira os “jovens” enxergam o que mudou em suas rotinas, que atitudes foram tomadas a fim de aumentar as chances de aprovação no curso universitário desejado. As mudanças ocorridas na postura dos “jovens” em relação aos estudos é percebida como peculiar a fase de transição em que eles vivem. Além disso, analiso os aspectos positivos e negativos do vestibular na ótica dos estudantes tendo em vista as relações sociais envolvidas. Quais são as características levadas em consideração quando o concurso é percebido como necessário, ou como um meio positivo de obtenção da posição almejada. Quais são as piores coisas no vestibular. E finalmente, apresento os conflitos relacionados às experiências dos “jovens” concernentes a disputa por uma vaga.

Na experiência do vestibular relatada por meus entrevistados alguns aspectos podem ser melhor compreendidos a partir da teoria de Arnold Van Gennep. Os vestibulandos escolhem a carreira e se separam de outros “jovens” que ainda não estão nessa fase de decisão da vida profissional. Eles afirmam mudar sua maneira de agir, passam a dar maior importância à dedicação aos estudos.

Em se tratando de vestibular, a fase de separação pode ser compreendida pelo afastamento do grupo ao qual se pertencia inicialmente: o aluno que passa do segundo ano do ensino médio para o terceiro ano, por exemplo. Essa separação de um grupo para outro, de uma série para outra implica mudanças. O vestibulando, ainda que acumule também o status de estudante do ensino médio,⁶ é visto como um estudante diferente de quem está no ensino médio ou no ensino fundamental; assim, ele é “separado” de outros “jovens”.

Depois da fase de separação, o jovem se encontra na fase de margem do rito de passagem. Ele não está nem na situação social anterior, nem na nova. Durante o ano de vestibular, após a fase de escolha da carreira e do curso preparatório⁷ o jovem fica em uma situação de transitoriedade, não é um estudante do ensino médio e nem é um estudante universitário: ele é um vestibulando. A preparação para os exames indica que os “jovens” estão prestes a assumir uma nova situação em sua vida, mas que ainda não assumiram. O

⁶ Alguns de meus informantes já concluíram o ensino médio e até já tentaram vestibular, entretanto, outros estão no último ano do ensino médio e paralelamente fazem um curso preparatório para o vestibular.

⁷ No caso de meus informantes todos estão fazendo curso pré-vestibular, entretanto, alguns “jovens” decidem estudar sozinhos em casa.

próprio termo “vestibulando” indica uma condição de passagem e não uma identidade na qual se possa permanecer.

Um fato interessante é que os ritos indicam mudanças na vida tanto do grupo quanto dos indivíduos. Vivendo a fase liminar meus informantes afirmam ter mudado suas vidas, o modo como encaram o vestibular e o ato de estudar quando perceberam que teriam que decidir-se por uma carreira e se preparar para os exames. É o caso de Vanessa:

Assim, nunca me esforcei muito pra passar de ano até porque lá é muito fácil. Então, eu era aquela, brincava muito, conversava e no terceiro ano a coisa apertou um pouco, mas também acho que foi o ano mais divertido, vendo de um olhar totalmente infantil e irresponsável foi o ano assim que eu mais me diverti, que eu mais fiz bagunça, bagunça assim com meus amigos, bagunça assim entre aspas mesmo porque eu nunca fui baderneira, mas sabe, aí pegava o livro, uma semana antes da prova estudava e passava e a maioria das pessoas passam assim no colégio.

Vanessa diz ter mudado seu comportamento quando percebeu que agindo daquele jeito não conseguiria ser aprovada. Segundo ela, existe uma diferença entre o período em que ela era estudante do ensino médio e depois quando se torna uma pré-vestibulanda. Priscila diz que sua vida em Cachoeiro de Itapemirim na época em que ainda cursava o ensino médio:

Tudo, tudo! Lá a minha vida era um tremendo passeio né?[sic] Assim eu estudava, mas eu tinha... Eu ia pra casa, minha mãe já tinha feito tudo, eu não precisava varrer a casa, não precisava fazer comida, eu não precisava me preocupar com conta (...) eu peguei uma responsabilidade tão grande, eu gosto, eu gostei de aprender a fazer.

Surgem novas responsabilidades para essa jovem que veio morar com o irmão no Rio de Janeiro e que, além de estudar, cuida da casa e faz comida. Ela faz uma distinção interessante entre os alunos do terceiro ano e os vestibulandos:

Ninguém gosta quando no fim do ano junta terceiro e curso. O pessoal do pré vestibular quer matar o terceiro ano porque eles não param de falar nem um segundo, eles não caíram na real. Sabe aquela coisa tudo é festa, tem mais um ano, meu pai paga, eles conversam na aula toda. Eles riem, o pessoal até reconhece: esse aqui é do pré-vestibular esse aqui é do terceiro ano. As pessoas do pré-vestibular são mais concentradas é mais quieta [sic]. Eles ficam rindo, dando aquelas gargalhadas, a gente tudo desesperado, eles na maior felicidade. Assim, eles conversam a aula inteira! Ninguém gosta! Eu já fiz muito isso, eu era uma abilolada [sic] também...

Em função do vestibular Priscila diz que mudou seu jeito de ser e que decidiu assumir um outro estilo de vida, concentra-se mais, abandona as amizades, as conversas em sala de aula, que tanto a atrapalham e incomodam colegas como Regina:

Eu acho que é aquele negócio que você dá valor ao que você não tem. Muita gente na minha turma não tá nem aí. O terceiro ano não tá nem aí por isso que essa última semana começou o pacote pH pras aulas preparatórias pro vestibular, pra série que vem agora, pro pacotão mesmo, todo domingo agora

tem prova, deixei de ir ao batista a semana toda pra ir no pH era de sete a uma e meia pra sair de lá uma e meia pra chegar 2 horas no Batista sem comer nada porque eu não queria assistir aula no Batista porque lá os alunos não deixam os professores darem aula, não tão nem aí pra fazerem exercício, é bagunça.. Por que? Porque eles sempre estudaram em colégio bom a vida toda. Sempre tiveram tudo e o pai tem dinheiro pra pagar a escola, faculdade particular, então é esse lance também da pessoa saber o que quer e saber da dificuldade que é conseguir ou não.

Para Regina, a preocupação com os estudos não é vivenciada por alunos cujos pais podem pagar caro por um colégio. Ela está no terceiro ano do ensino médio e faz pré-vestibular à noite e se considera imatura: “Às vezes eu me considero meio imatura ainda pra entrar na faculdade”. Não paga nem pelo colégio nem pelo curso preparatório, mas admite estudar mais do que antes. Rodrigo pontua que ano de vestibular é ano de mudanças, entretanto um bom desempenho no ensino médio pode trazer resultados positivos no vestibular:

Mudou assim, as exigências aumentam, tudo tem que mudar. Eu acho que o meu resultado no vestibular vai depender do meu resultado no colégio basicamente. Se eu tiver indo bem no colégio vou ter mais chance de passar, caso contrário não.

Marcela acredita que existe mais dedicação em função do vestibular, mas que as mudanças em sua vida não foram tão significativas:

Mudou sim, mais dedicação né, mais dedicação pro estudo, mas como eu já estudava normalmente assim, não estudava tanto por causa do vestibular, mas estudava, já estava acostumada. Assim não mudou tanto, mudou um pouco porque tem mais ritmo de estudo, mas em geral não. Sábado e domingo eu descanso geralmente, mais no domingo.

Renato afirma que sua vida mudou muito depois que ele começou a se preparar para o vestibular:

Eu malhava, eu lutava eu estudava em outras coisas, inglês, espanhol, o técnico e aí eu tive que parar tudo por causa do vestibular. E também parei de sair um pouco, eu saía mais, não saio tanto, namoro menos. É um ano de neoliberalismo, corta-se os gastos sociais.

Os vestibulandos escolhem a carreira e se separam de outros “jovens” que ainda não estão nessa fase de decisão da vida profissional. Eles afirmam mudar suas maneiras de agir, passam a dar maior importância à dedicação aos estudos.

No começo do ano de vestibular o jovem toma decisões, escolhe carreiras, muda de curso preparatório, toma certas atitudes, diferencia-se de seus colegas que não irão fazer o vestibular. Depois passa por uma fase liminar, estuda, faz provas, mas ainda não tem o

resultado aguardado. Ainda não é um universitário. Se não for aprovado, precisará passar novamente por essa fase limite entre o estudante sem profissão e um futuro profissional.

O vestibular pode garantir o acesso à vida universitária e o início da profissionalização dos “jovens” que conseguem ser aprovados. Vale a pena ressaltar que esse acesso não é para todos, mas apenas para quem consegue as melhores colocações, as melhores notas. De acordo com a carreira escolhida, a aprovação pode ser mais fácil ou mais complicada. Diante desse fato a maioria de meus informantes considera o vestibular algo injusto, uma espécie de barreira, obstáculo que impede a sua “passagem” e a da maioria. Sendo assim, a culpa pelo fracasso é do sistema educacional perverso, injusto que deixa a cargo do aluno a responsabilidade pela sua aprovação porque difunde a idéia de que todos possuem as mesmas oportunidades de aprovação.

Os “jovens” encontram problemas no sistema e localizam também outras justificativas para explicar a “não passagem de quem que mesmo renunciando, mesmo tendo estudado não é aprovado, não consegue entrar na casa”. Como por exemplo, as enfermidades em função do estresse, da carga excessiva de estudos. Para “entrar na casa”, para ocupar certos lugares dentro da sociedade é necessário preencher alguns pré-requisitos, para passar no vestibular também. Para Priscila a pior coisa do vestibular é estudar o ano inteiro e renunciar ao que gosta:

Você abre mão assim - assim as pessoas que querem - você abre mão de um monte de coisa... Numa incerteza assim, você não sabe o que, você pode no dia do vestibular... Acontecer... Eu na prova da UFRJ, no dia eu amanheci com sinusite, aí tava com aquela dor na cara, quando chega na prova...Eu fiz a prova, mas eu fiz... Estudei o ano inteiro pra no dia do vestibular estar com crise de sinusite e não consegui.

Estudar um ano inteiro, abrir mão de sair com amigos nem sempre é garantia de aprovação no vestibular. O que em outras palavras pode ser entendido como não conseguir passar de uma etapa a outra, permanecer no mesmo lugar. Ou utilizando a metáfora de Van Gennep (1968) é não ter acesso a certos lugares da casa por não conseguir preencher determinados pré-requisitos; é correr o risco de ser considerado fraco, inferior.

No caso de Priscila, a sinusite foi o obstáculo que impediu sua passagem. Regina também afirma que uma enfermidade pode dificultar o resultado de um ano de estudos e prejudicar quem se preparou:

O vestibular é muitas vezes injusto. Porque já começa que você tem que fazer uma prova pra você entrar. Então muitas vezes a pessoa é muito inteligente, mas no dia ela não tá bem, tá passando mal então às vezes ela não entra por causa desse dia. Tem seus prós e contras. E segundo que é na faculdade pública que todos querem, mas pra você entrar numa faculdade

pública você tem que ter passado por um ensino bom particular, é como se você tivesse que gastar todo dinheiro que você tem que gastar lá dentro antes até entrar, em cursinhos, colégios bons particulares. Então esse pessoal que não tem condição às vezes vai desfavorecido por causa disso, já sai atrás. Eu acho que não é nem do vestibular em si, mas do sistema educacional que é você ser forçado a estudar matérias que você não vai usar pra nada. Tipo, sei lá. Hoje eu vou ter aula de matemática. Eu não vou usar matemática em absolutamente nada, no sentido de que claro que você a matemática do dia a dia está sempre presente, sei lá, contas relação com banco algo do tipo, mas assim coisas como logaritmo e funções, matérias que são um pouco mais específicas que eu acho que é a pior parte do vestibular.

As possibilidades de sucesso no vestibular de acordo com Regina dependem do nível sócio-econômico da família, do capital escolar, de um bom ensino particular, de condições financeiras para sustentar o projeto de inserção em uma universidade pública. Algo que ela alega não ter tido condições, mesmo tendo feito gratuitamente o ensino médio com bolsa de estudo e ter conseguido estudar da mesma forma no curso pré-vestibular sem que seus pais arcassem com as despesas com mensalidades. Cursar uma escola particular para Priscila é um privilégio que favorece alguns e indica uma desigualdade de condições. Entretanto, os alunos que estudaram sempre em colégio particular também contestam o exame do vestibular como algo injusto, incapaz de garantir oportunidades de ensino para todos os “jovens” que almejam ter um diploma de nível superior. Assim, o vestibular é avaliado pelos “jovens” como algo que gera “nervosismos”, problemas de saúde. É o que afirma Vinicius ao falar do pior do vestibular:

Eu acho que é... As provas. As provas eu não sei se é a pior, porque eu não tô me lembrando agora, mas eu acho que as provas são terríveis. Você passa três meses fazendo provas, se você faz para todas faculdades. Se você faz pra medicina todo mundo passa pela mesma coisa, mas na verdade você começa a fazer prova agora em junho...

Quem faz faculdade particular junto também aí é um horror porque é prova de domingo a domingo. E isso vai enrolando até mais ou menos finais de janeiro do outro ano. Aí terminou tudo você espera ainda até março para saber resultado. Então, é um ano e um pouquinho de aflição digamos assim porque você começa fazendo as provas aí termina dezembro, aí começa em janeiro, aí espera fevereiro e você fica naquela se passou ou não. É claro que quem estudou muito sabe se passou ou não. A pessoa chega e “Oh! fiz uma ótima prova, mas mesmo assim, enquanto você não vê o seu nome na classificação você não fica tranquilo. Acho que essa espera e as provas também que quatro horas de prova você sentar lá e ter que resolver aquelas questões, e você sabe que eles vão botar pegadinha e você tem que estar prestando atenção em tudo e você tem que se manter, sua saúde tem que estar no limite da boa para você fazer tudo tranquilo. Eu acho que isso é o pior.

De acordo com meus informantes, o vestibular traz algumas mudanças. Eles se relacionam com a rotina de estudos de maneira diferente, precisam estudar durante o ano e

não apenas na véspera das provas como costumavam fazer. Eles afirmam que antes não estudavam como “deveriam”, faziam bagunça em sala de aula. Eles renunciam ao que chamam de vida social: festas, baladas, atividades extracurriculares, como por exemplo, academia de ginástica, curso de inglês que são abandonados em função de uma dedicação mais exclusiva para o vestibular. O abandono do que se gosta de fazer como um sacrifício em prol de um objetivo: ingressar em uma universidade.

Como muda, e o que muda na vida dos “jovens” que irão prestar vestibular? Quem não gostava de estudar descobre que é preciso haver dedicação. Aqueles que estavam envolvidos em outras atividades como academia, cursos de artes precisam interromper por pelo menos um ano. Os “jovens” que gostavam de sair à noite declararam ter diminuído suas *vidas sociais*. Existe uma dimensão de sofrimento e sacrifício envolvida neste estágio de liminaridade que tem a ver com algo considerado “injusto”, na medida em que o que eles parecem estar dizendo quando discorrem sobre a pior coisa do vestibular é que esforço não é garantia de sucesso. Estudar mais, aprender a estudar, ter menos diversão, cortar atividades não significa que terão como recompensa a aprovação. Alguns podem até ficar doentes e ser um esforço inútil, o que significa para eles uma injustiça. Para eles, justo seria, renunciar, estudar e ter uma vaga garantida, mas como eles não são os únicos que se preparam e fazem sacrifícios e as vagas são escassas, não há garantia de sucesso.

Para Marcela, a pior coisa do vestibular é ter de mostrar que provar para si mesma que é possível realizar a prova: “Pior coisa? Ah! Quando você está lá de frente pra prova e tem que fazer, tem que mostrar que você sabe. Acho que quando você tem que provar que você tá mesmo ali fazendo a prova.” Marcela acredita que precisa provar que sabe, que estudou, mostrar que adquiriu conhecimento, não ter como usar subterfúgios. Provar para si mesmo que consegue, que é capaz, é também uma marca dos ritos de passagem tradicionais.

Para Vinícius, o pior do vestibular vem antes das provas, é ter que estudar muito, se dedicar: “Pior coisa é a carga excessiva de estudo, de dedicação que tem que ter.” Semelhante a esse pensamento, Renato acredita que existe um desgaste em função dos estudos excessivos:

O desgaste, com certeza. Eu tô cheio de vontade de dormir esse ano, é muito difícil principalmente se... A pressão é muito grande, a pressão é muito grande. Claro você está estudando, mas que você tem, o ser humano tem a tendência de relaxar.

Vinícius acredita que a pressão é importante porque sem ela haveria uma espécie de relaxamento, de despreocupação que impediria a dedicação aos estudos. Para Tatiane a pressão é específica, é a lembrança de que a reprovação no vestibular significa mais um ano de estudo e incertezas:

A pressão de você ter que fazer de novo caso você não passe porque você abre mão de muitas coisas. Você abre mão do seu fim de semana, você tem que ter uma disciplina muito grande pra se concentrar, sabe despertar mesmo abrir mão de atividades que você gostava de fazer, de cursos que você gostava e outras coisas. Tem que fazer uma opção é um ano que você abre mão de muitas coisas pra focar só nos estudos pro concurso.

Peirano (2003) afirma que os rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e para resolver conflitos e relações sociais. A cultura brasileira atribui valor à obtenção de um curso superior e sinaliza que, para ser alguém na vida, é preciso passar no vestibular. Ainda que se acredite que o vestibular seja injusto, que existem problemas no sistema educacional, para ingressar na universidade o jovem se submete a ele porque valoriza o ensino superior e para que consiga esse ideal, empenha-se:

Ter que estudar. 24 horas por dia. Sete dias por semana. É bem complicado. Não dá mais pra fazer o que fazia antes. Sair é complicado e a cobrança é forte. Cobrança do colégio mesmo e você de fazer a prova e passar num exame difícil, num funil, milhares de pessoas tentando. 50 candidatos por vaga em medicina e você saber que 25 décimos podem te tirar do negócio, 25 centésimos podem tirar da sua vaga, então é complicado. (Tiago)

Podemos, a partir dos depoimentos anteriores, afirmar que o vestibular é percebido como um empecilho, um obstáculo à concretização de um alvo: a conquista de uma profissão. Entretanto, para esses estudantes de classe média, não existe outra saída senão enfrentá-lo. Nenhum dos entrevistados cogitou não fazer curso superior.

Existe uma ambivalência na percepção dos vestibulandos acerca do vestibular no que diz respeito tanto à maneira como interpretam a legitimidade do sistema de avaliação como os efeitos positivos que esse sistema pode gerar. O vestibular é percebido como uma espécie de obstáculo, um empecilho à realização dos objetivos dos “jovens” principalmente porque o número de candidatas é maior do que o de vagas. Por outro lado, a aprovação no vestibular, principalmente para uma universidade pública confere ao jovem a possibilidade de mostrar quem ele é, o que ele pode, do que ele é capaz. Em síntese: para meus informantes, o vestibular é uma *chaticice*, uma *imposição*, mas também é uma oportunidade de mostrar *desempenho*, *capacidade*, superar e ultrapassar seus limites. No relato de Vanessa, podemos perceber o caráter ambivalente de sua percepção acerca do vestibular:

Eu acho desgastante o vestibular. Eu tenho que fazer! Eu só tô fazendo porque eu tenho que fazer porque senão eu vou ficar de fora do mercado de trabalho, vou ficar protestando sem ter... Simplesmente vou ficar reclamando do vestibular acabo não tendo emprego, então, tem que fazer? Então, vamos fazer![sic]

Resignada, Vanessa percebe que sua única alternativa é prestar o vestibular como se fosse uma espécie de mal necessário. Conseguir um diploma de nível superior é não ficar de fora da competição. Caso esse diploma fosse de uma faculdade particular, ela afirma que seria necessário compensar este fato com outros cursos:

Você se forma, mais gente boa se formando, entrando no mercado, então, você tá ficando pra trás, tá ficando pra trás, pra trás e pra não ficar tão pra trás assim eu provavelmente iria ter que me contentar com uma dessas e depois tentar fazer uma boa faculdade e tentar um mestrado e depois um doutorado numa boa faculdade pública. E pós-graduação e correr atrás do prejuízo.

Para alguns de meus informantes, a concorrência, a disputa, indica o sucesso. Passar no vestibular para uma universidade particular não é algo capaz de conferir prestígio ou mérito:

não quero passar em uma coisa que qualquer um passou. Medicina na UFRJ é coisa concorrida. Eu quero ter orgulho de ter passado ali: Sei lá eu tenho muito assim, o negócio de fazer o ano inteiro e ter aquela disciplina e ter aquela felicidade de passar...

Para Priscila o vestibular é uma maneira que se tem de ser diferente dos outros, e passar para uma universidade pública seria o ponto culminante dessa diferenciação. Regina pensa de maneira semelhante no que diz respeito a universidade pública: “é o primeiro fator na hora de você conseguir um emprego a tua diferenciação.”

No depoimento de Marcos também podemos perceber essa característica do vestibular como um exame que “prova” quem são os melhores:

Aí você mostra tirei 8 em matemática, tirei 9 nisso aqui, mas somando aqui não foi o suficiente pra passar. Aí eu já; fiz isso pegar notas de outras pessoas que passaram. Então, chegar lá: “tá vendo a nota foi quase igual a minha, então não foi porque eu não estudei, foi porque o cara foi muito melhor!”

No caso de Tiago, ninguém merece passar no vestibular se não faz uma boa prova, ou seja, o vestibular para os alunos que se dedicaram, que se empenharam traz mérito ao jovem. Parece existir uma certa dificuldade em admitir que possam existir indivíduos melhores do que os outros:

Não mereço mais do que eles, quer dizer vamos ver se eu mereço mais do que eles lá na hora de estudar. O mérito na hora da prova, mas não sou... quer dizer, vamos ver se eu mereço mais do que eles lá na hora de estudar. O mérito na hora da prova, mas não sou melhor pessoa do que eles, não são melhores do que eu.

Para Rodrigo a relação com os indivíduos não é pensada, o vestibular é só uma maneira de provar para si mesmo do que é capaz: “eu acho que eu sou capaz de passar nesses

cursos.” Passar no vestibular é provar que se deu o melhor, que o esforço foi verdadeiro e que se conseguiu pagar uma dívida consigo mesmo. Segundo Marcela: *Eu me sinto cobrada por mim mesma assim.*

Richard Sennett, em *o Declínio do Homem Público* analisa as transformações que ocorrem nas esferas da vida pública e da vida privada que alteraram significativamente a maneira de ser e estar na sociedade. Segundo ele, é preciso entender de que maneira o esvaziamento de uma vida pública pode trazer problemas ao homem moderno e modificar o meio urbano. Para Sennett (1985), no século XIX ocorreram algumas mudanças que vislumbraram novas percepções acerca da esfera privada e da pública. Com o crescimento das cidades em função do número de migrações surge um novo cenário urbano marcado por um grande número de pessoas que se dirigiam à cidade em busca de novas oportunidades. Essas migrações transformaram as cidades em um aglomerado de estranhos. Para Sennett, é nesse momento que aparece a idéia de um domínio privado ascendente e um domínio público em declínio. O domínio privado se caracteriza por um lugar de refúgio, onde se poderia conhecer as pessoas, enfim um lugar de “intimidade”. A vida pública do homem de meados do século XVIII era caracterizada por um código de credibilidade que permitiria ao indivíduo interagir através de papéis sociais socialmente construídos.

A personalidade no domínio público criou uma sociedade intimista. A visão íntima da sociedade tem a ver com a personalização das relações sociais. Surge a necessidade de mostrar quem somos realmente. A construção dessa personalidade tem como substrato a necessidade de demonstrar autenticidade em público. Para Sennett, a vontade de mostrar a própria personalidade no convívio social e avaliar a ação social de acordo com a exibição das personalidades das outras pessoas possui duas características:

É primeiramente, um desejo de se autenticar enquanto ator social por meio de suas qualidades pessoais. O que torna uma ação boa (isto é, autêntica) é a personalidade daqueles que nela se engajam, e não a ação em si mesma.(...) O desejo de autenticar a si mesmo, suas motivações, seus sentimentos é, em segundo lugar, uma forma de puritanismo. Não obstante a liberação e nossa sexualidade, estamos dentro da órbita de autojustificação, que definia o mundo do puritano. Isto acontece por uma razão específica: os sentimentos narcisistas não raro se concentram em questões obsessivas, se sou bom o bastante, se sou adequado, e assim por diante. Quando uma sociedade mobiliza tais sentimentos, quando esvazia o caráter objetivo da ação e dilata a importância dos estados emocionais subjetivos dos agentes, estas questões de autojustificação, através de um ato simbólico, vêm sistematicamente à tona. (Sennett, 1985: 25)

De acordo com Sennett, os homens começaram a crer que eram os responsáveis pela criação de seu próprio caráter, e que cada acontecimento de suas vidas serviria decisivamente

para definir quem eles eram e as questões de personalidade aumentaram e o *eu* passou a definir as relações sociais.

Está presente nos depoimentos dos vestibulandos uma atribuição de significado às sensações, emoções, sentimentos ou seja, tudo tem importância em termos de sentido e significado. No caso específico desses “jovens”, o sentido está no aperfeiçoamento de suas características pessoais. Os exames servem como uma espécie de fonte de criação do seu caráter, um meio de tornar públicas as capacidades, os empenhos de cada um. Se nesta perspectiva teórica proposta por Richard Sennett, existe uma necessidade de se autenticar como indivíduo por meio de “divulgação” de qualidades, o vestibular pode ser uma espécie de vitrine que mostra quem é o melhor, o mais esforçado, o vencedor.

O exame do vestibular serve como um meio de se mostrar que foi um(a) estudante aplicado(a), esforçado(a), que naquele momento, naquele dia, o sucesso estava ao lado de quem soube aproveitar as oportunidades e vencer o cansaço, o medo, a doença. O vestibular em si, para muitos “jovens”, pode até ser um empecilho, um obstáculo, mas para aqueles que conseguem superar as dificuldades, ele é uma chance de mostrar suas habilidades, capacidades para os amigos, a família, os vizinhos. A autojustificação revelada por Richard Sennett como característica narcísica: prova quem é bom, adequado, capaz de estudar, enfim, quem merece. Para Vanessa, o fato de só alguns conseguirem passar no vestibular é cruel, e ela elabora um longo discurso acerca da questão das poucas vagas:

No meu ponto de vista eu acho cruel assim, como eu te falei, não depender só de você. Não é como o vestibular nos Estados Unidos por exemplo, uma Harvard da vida que você tem que atingir uma certa pontuação, se você atingir você tá dentro até porque as provas, não sei como são, não são fáceis, primeiro não é qualquer um que tenta porque não é qualquer um que tem dinheiro porque lá é tudo pago, mas você pode ter o dinheiro, mas se você não atinge a pontuação, você não entra. De jeito nenhum. Difícil pra passar. Mas eu acho que é o fato de não depender só de você. Eu acho isso muito cruel, acho muito, muito, muito cruel porque você está se esforçando e aí? Não depende só de você, você pode estar dando o seu sangue, não depende só de você. O fato de você estar dando o máximo de você não te garante nada. Esse é o problema. Meio caminho andado? Meio caminho andado. Mas pensa que assim como meio caminho andado está o seu, o dos outros também está meio caminho andado. Eu acho desleal, no geral assim, no meu ponto de vista é ruim o fato de não depender só de você, mas no geral vendo assim de um olhar mais amplo, eu acho que é desumano o fato das universidades terem poucas vagas, poucas universidades públicas pra tanta gente. E o vestibular tem um nível que não atende a todos os (...) Eu acho totalmente desumano, é na minha opinião desumano, é totalmente errado assim, mas fazer o quê?

Vanessa como outros “jovens” que fazem parte do universo dessa pesquisa, considera o vestibular um processo injusto e repete várias vezes que a aprovação não depende só do

indivíduo, mas dos outros estudantes. O vestibular não é um mero empecilho, um obstáculo, mas uma maneira de dizer quem são, de mudar a identidade assim como na vivência dos ritos tradicionais é capaz de afetar a auto-estima do sujeito, ou seja, é uma experiência plena de sentido. Quando o jovem consegue ser aprovado no vestibular mostra que “é”, que “pode”, ainda que às vezes reclame das provas, da concorrência, das renúncias. A hipótese da reprovação pode fazer com que se encontre justificativas para o possível fracasso a fim de se evitar o julgamento alheio. Em outras palavras, tenta-se colocar a culpa no sistema de ensino, e transmitir a imagem de que se fez o melhor, se empenhou, mas a barreira era intransponível e não os esforços insuficientes.

Para aqueles que almejam passar no vestibular, existe um estilo de vida necessário à realização das provas: estudos intensivos durante a semana e até mesmo nos fins de semana, participação nas aulas, realização de simulados... Para Van Gennepe nasce-se em determinada classe social, mas esse nascimento “não é completo”, porque um desliz, uma escolha errada por parte do jovem pode significar reprovação e perda de padrão de vida conquistado pelos pais.

De alguma forma a submissão ao vestibular pode estar atrelada ao que Vanessa concluiu em seu depoimento acima: “mas fazer o quê”? A família muitas vezes estabelece que os ritos devem ser cumpridos na expectativa de que os “jovens” podem, durante seu processo de socialização, introjetar a importância do ensino superior .

Peirano (2003) afirma que se considerarmos o fato de que vivemos em sociedade tudo o que praticamos possui um componente comunicativo *implícito*. Ou seja, nossas formas de vestir, de comer, de escolher lugares para frequentar comunicam nossas *preferências, status, opções*. A fala é uma forma de *agir* que tem o seu propósito e sua *eficácia*. Falar e fazer são ações sociais. Assim, quando os alunos e alunas falam mal do vestibular eles estão se colocando como possíveis vítimas de algo injusto, só para uma minoria, como uma barreira que dificulta a passagem. Ou seja, eles estão tentando se defender de acusações que o fracasso gera culpabilizando o sistema escolar.

Rodrigo analisa as notas boas no boletim como indicadores de um bom lugar tanto no vestibular como no futuro profissional inserido no mercado de trabalho:

Eu acho que a parte que te dá o gás de continuar. Quando você recebe aquele boletim, justamente como eu te falei, e te mostra você tá nessa colocação dessa carreira, nesse setor. Eu acho que dá mais uma visão pelo menos pra mim de, uma visão mais de depois da faculdade, o que vai ser se emprego, como vai ser o mercado de trabalho, quando você fizer um concurso pra ser professor da faculdade vão ter pessoas muito boas, então eu acho que o

terceiro ano tem outras pessoas neste colégio que estão procurando a mesma carreira que você. (...) te dá o início pra uma vida profissional assim.

Renato afirma que aprendeu coisas novas, que adquiriu mais conhecimento e que já até consegue visualizar o lado bom desse aprendizado quando conversa com garotas no intuito de paquerá-las e consegue indicar elementos positivos na dedicação maior aos estudos:

Aprendizado. Esse ano foi realmente um ano que eu senti prazer em saber tantas coisas. Muitas coisas que com certeza eu vou carregar pro resto da minha vida, que eu não sabia só descobri por causa do vestibular. Estudei muito mais e agora eu tenho muito mais conhecimento. O conhecimento com certeza aumenta muito. Pô é legal até porque sei lá você pra conversar com uma garota e aí você tem sei lá o que falar, antigamente você era aculturado agora você é culturado,[sic] você tem a cultura pra poder elaborar...

Mais do que conhecer matemática, física, história, geografia, vestibular dá o que falar literalmente na opinião de Renato. Embora haja algo peculiar em tal fala, até com um tom meio jocoso, ao valorizar o conhecimento adquirido ele está agindo em consonância com outros “jovens” que também valorizam esse aspecto que o estudo para os exames vestibulares traz à tona.⁸ Marcos também destaca o conhecimento alcançado durante os oito anos de tentativas nesta constante fase liminar:

O conhecimento que você adquire, isso pra mim é uma coisa que eu não posso dizer que o vestibular nunca me deu. É principalmente nesses anos assim e porque eu sempre digo que conhecimento é uma coisa boa nunca é ruim. Sempre ter conhecimento é bom porque poxa! Você se afirma, você vira uma outra pessoa. Você começa a pensar, você começa a ter opinião, então, tipo, eu não me arrependo de ter feito 8 anos. Eu acho que muito pelo contrário, não são 8 anos perdidos porque ao longo desses anos eu venho estudando. Então, hoje eu posso conversar sobre qualquer coisa, não qualquer coisa, porque a gente não sabe tudo, mas eu posso conversar sobre muitas coisas graças ao vestibular.

E assim como Marcos, Vinícius acredita que o conhecimento adquirido faz diferença:

Coisa boa é que você vai estar adquirindo muito conhecimento. Esse ano eu acho que mais do que dobrei meu conhecimento não só de matérias, mas de muitas coisas mesmo, assim, até do dia a dia mesmo, dobrei muito.

Marcos, Vinícius e Renato possuem posições semelhantes em relação aos pontos positivos: o que se pode tirar de bom da experiência do vestibular é o conhecimento que cada um ganha. Mas existem outros ganhos que podem surgir num ano decisivo na vida desses “jovens” como superar seus limites, construir estabilidade emocional, e se sentir livre, como se fosse a única pessoa do mundo. Vanessa, Regina e Priscila mostram quais os proveitos

⁸ Durante a entrevista ele se preocupa o tempo todo em dizer a coisa “certa”. Pára, pergunta se está conseguindo responder.

tirados por essa experiência. Vanessa acredita que existe algo de bom no vestibular que é a superação de seus limites:

Acho que tudo tem seu lado positivo que você pode tirar alguma lição né? Dá um pouquinho de tempo pra pensar por que... Uma coisa boa no vestibular? Você vence seus limites. Você é obrigado a vencer seus limites. Eu não gosto de física. O fato de eu ter estudado primeiro, fazer todos os exercícios da apostila da primeira, isso pra mim foi o céu. Então, o ponto positivo é que você acaba vencendo os seus limites mesmo. Assim, não gosto de física, mas eu tenho que engolir física e você vê que você é capaz por um bem maior. Você acaba sacrificando seu tempo estudando uma coisa chata como essa, mas eu acho que esse é o lado positivo. Você vencer limites, você vencer as barreiras que você tem dentro de você. Acho que é o ponto que a gente poderia chamar de positivo.

Vanessa afirma que existem barreiras dentro dela que podem ser superadas através da preparação, do enfrentamento e com sacrifício. Essas barreiras são superadas por ela mesma. Simmel (1983) fala que em sociedade, a competição é para o homem uma luta por aplauso e esforço, isenção e devoção de todos os tipos e nesse caso a meta é a vitória por si mesmo e não, pelo outro.

Dentro do jovem pode existir barreiras, mas também podem surgir sentimentos que para Regina devem ser controlados a partir da oportunidade que o vestibular oferece de amadurecimento. Assim, um lado positivo:

Existe porque com isso tudo você aprende a controlar seus sentimentos porque é todo um conflito que rola dentro da gente, então, a gente não pode demonstrar tudo que a gente sente assim. Às vezes a gente tá tensa, tá nervosa, aí a pessoa faz uma brincadeirinha a gente já quer explodir, já quer agir de forma grossa, a gente não pode, a gente tem que acalmar...

Priscila já tentou vestibular e acredita que o melhor dessa vivência é: “Quando você entrega a prova, quando sai do portão da faculdade assim, eu me sinto muito bem quando saio no portão está aquele monte de gente falando quando eu saio assim, é como se só existisse eu sabe...”. O depoimento de Priscila traz à tona uma questão importante acerca da experiência dos vestibulandos: eles competem consigo mesmo, é uma superação de si, ou competem com os outros, ou seja, trata-se de ser melhor? E como isso repercute na autoimagem?

2.1 Vestibular e conflitos

Georg Simmel no texto “Conflito e Estrutura do Grupo” nos fornece um arcabouço teórico importante para pensar essa questão do conflito. Assim, como outros precursores da análise sociológica, Simmel procurou pensar na questão da coesão entre os indivíduos. A

sociedade, na teoria de Simmel, é entendida como uma criação dos homens uma vez que só existe a partir da interação de diversos indivíduos. “Se cada interação é uma sociação, o conflito é uma interação em si visto que só acontece quando dois indivíduos interagem”:

Se toda interação entre os homens é uma sociação, o conflito - afinal, uma das mais vívidas interações e que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo apenas - deve certamente ser considerado uma sociação. E de fato, os fatores de dissociação – ódio, inveja, necessidade, desejo – são as causas do conflito; este irrompe devido a essas causas. (Simmel, 1983:122)

Para Simmel a existência da sociedade implica conflitos, discordâncias, desacordos, uma vez que fazem parte da esfera humana e estão presentes nas interações dos indivíduos. O conflito gera e altera interesses de grupo, unificações e organizações afetando ambos os oponentes na relação do indivíduo com o outro e consigo mesmo. Para Simmel, o conflito é mais que uma fonte geradora de tensões e infelicidade, que possui um efeito dissociante no grupo, mas é um elemento que faz parte da vida dos indivíduos. Entretanto, esses mesmos indivíduos não podem viver constantemente em conflito. É preciso que haja uma “paz social. O conflito por si só não produz a estrutura social. Somente em cooperação com forças de unificação é que o grupo se apresenta como algo concreto”:

O indivíduo não alcança a unidade de sua personalidade exclusivamente através de uma harmonização exaustiva - segundo normas lógicas, objetivas, religiosas ou éticas - dos conteúdos de sua personalidade. A contradição e o conflito, ao contrário, não só precedem esta unidade como operam em cada momento de sua existência. (Simmel, 1983: 124)

Simmel compara sociedade ao universo que precisa de “amor e ódio”, de forças de atração e forças de repulsão, para adquirir uma forma qualquer. A sociedade antes de alcançar uma determinada configuração necessita “de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis.” (Simmel, 1983:124)

O conflito não necessariamente é um meio de aniquilar os outros participantes da interação. Simmel aponta que a competição é um tipo indireto de conflito cujo fim não consiste na aniquilação do oponente. Em outras palavras, se alguém que esteja competindo com um adversário livrar-se dele acaba a competição. Em outros tipos de conflitos apontados por Simmel existe um prêmio que é recebido quando se vence o adversário. Por outro lado, na competição o prêmio não está nas mãos de nenhum adversário, ou seja, não depende da luta competitiva. Como por exemplo, o caso de um amante que elimina seu rival, mas não será vitorioso caso a jovem não o queira mais:

Quando cronologicamente a vitória sobre o concorrente é a primeira necessidade, isto nada significa em si mesmo. A meta da ação global só é

alcançada com a disponibilidade de um valor que não depende em absoluto daquela disputa competitiva. O negociante que consegue desacreditar seu concorrente junto ao público não ganha nada se as necessidades do público não se desviam subitamente de sua mercadoria. O amante que elimina ou humilha seu rival não deu sequer um passo adiante se a dama não lhe concede, também, os seus favores (...) a tonalidade específica da luta competitiva é que seu resultado, em si mesmo, não constitui a meta, como acontece onde quer que a cólera, a vingança, o castigo ou o valor ideal da vitória como tal motivam uma luta. (Simmel, 1983: 136)

O segundo exemplo de competição abordado por Simmel é aquele em que cada um busca alcançar seus objetivos, sem utilizar suas forças para derrotar o adversário, um corredor que pretende vencer uma corrida:

O segundo tipo de competição talvez se diferencie ainda mais de outros gêneros de conflito. Aqui a luta consiste apenas no fato de que cada concorrente busca a meta por si mesmo, sem usar sua força contra o adversário. Esse estranho tipo de luta é exemplificado pelo corredor que procura alcançar sua meta apenas através de sua velocidade; pelo comerciante que procura alcançar sua meta apenas pelo preço de suas mercadorias; pelo proselitista que procura alcançar sua meta apenas pela força da convicção interior de sua doutrina. Em intensidade e esforço apaixonado, esse tipo de competição é igual a todas as outras formas de conflito. É impelido à sua concentração máxima pela consciência mútua dos participantes de que cada um deles se concentra nessa medida. E, contudo, de um ponto de vista superficial, isso ocorre como se não existisse nenhum adversário, mas a meta somente. (Simmel, 1983: 136)

(...)Vezes sem conta, a competição consegue o que habitualmente só o amor pode fazer: adivinhar os mais íntimos desejos do outro, antes mesmo do outro ter consciência deles. A tensão antagônica com seu concorrente afia a sensibilidade do comerciante para as tendências do público até o ponto de clarividência, em relação a futuras mudanças no gosto, no estilo, nos interesses do público - não afia somente a sensibilidade do comerciante, mas também a do jornalista, do artista, do livreiro, do político. (Simmel, 1983:139)

Para estes “jovens”, justo parece que seria competir apenas “consigo mesmo”. É injusto não ter vaga para todo mundo e saber que se pode passar e seu colega de turma não passar ou algo muito recorrente, o medo que os “jovens” têm de não serem aprovados e seus colegas conseguirem uma vaga. Embora muitos “jovens” critiquem o vestibular, não conseguem enxergar outra saída a não ser prestar o exame, submetendo-se às regras do jogo. Todo esse processo de transição da vida de estudante para a vida de aspirante a profissional é construído socialmente, revelando um contexto social marcado por desigualdades de condições.

(...) em sociedade, a competição é para o homem uma luta por aplauso e esforço, isenção e devoção de todos os tipos, uma luta de poucos por muitos, assim como de muitos por poucos. Em resumo, é um tecido de milhares de elos sociológicos executado por meio de uma concentração consciente sobre a vontade, o sentimento e o pensamento dos semelhantes, de adaptação dos

produtores aos consumidores, das possibilidades delicadamente multiplicadas de ganhar favor e conexão. (Simmel, 1983:140)

De acordo com os depoimentos dos “jovens”, a competição por uma vaga é visto como algo ruim, cruel, principalmente porque gera insegurança de não saber se mesmo estudando a vaga está garantida. De certa forma, eles competem com eles mesmos quando tentam um melhor desempenho nos simulados, quando decidem estudar ao invés de dormir, ou quando afirmam que a partir da preparação para o vestibular passaram a estudar mais, adquiriram mais conhecimento, controle das emoções. Por outro lado, quando afirmam que se não passarem no vestibular ficarão pra trás, ou perderão tempo, estão competindo com o outro e no caso de reprovação seriam perdedores, vítimas de injustiça. Há ainda algo que se deve considerar, que é o fato de alguns jovens afirmarem que se deixarem de estudar uma tarde, não fazer os exercícios, ou sair com os colegas, o “adversário” pode estar está garantindo alguns “pontos a frente” porque está estudando, fazendo exercícios e renunciando aos convites para o lazer.

Ter vagas para todo mundo implicaria em não haver ninguém “melhor” do que ninguém, ou ninguém melhor do que o jovem em questão, ou seja, existe um certo receio de ser considerado pior do que os outros. Neste caso, é melhor ser “igual”, nem melhor, nem pior. O ideal de acordo com os jovens entrevistados seria ter vagas para todo mundo, para não se correr o risco de “sobrar, de ficar de fora.”

2.2 Méritos e deméritos

O que é justo e o que é injusto no vestibular segundo meus informantes? O lado bom do vestibular de acordo com os relatos dos vestibulandos está relacionado com a valorização que cada um afirma acerca de si mesmo, de suas conquistas, de superação de limites, conhecimento adquirido, ou seja, trata-se de discursos centrados nos indivíduos e construção de depoimentos baseados no mérito. Assim, precisamos entender um pouco acerca da meritocracia.

Lívia Barbosa no livro *Igualdade e Meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas* traça um panorama acerca da meritocracia e seus desdobramentos teóricos e ideológicos em três contextos diferentes: Estados Unidos, Japão, e Brasil. De maneira geral, ela afirma que poderíamos definir meritocracia como “um conjunto de valores que postula que as posições dos indivíduos na sociedade devem ser consequência do mérito

de cada um. Ou seja, do reconhecimento público da qualidade de cada um.”(Barbosa, 1999: 22)

Para a autora existem duas dimensões acerca da meritocracia capazes de gerar duas interpretações divergentes, sendo uma considerada como afirmativa e a outra negativa. A dimensão negativa diz respeito às discussões políticas e organizacionais apresentadas como representantes de um conjunto de valores que não reconhece a importância dos privilégios hereditários e corporativos. As pessoas são avaliadas por seu desempenho, independentemente de seus caminhos e biografias sociais. Por outro lado, existe uma dimensão afirmativa da meritocracia a qual compreende que o critério primordial de organização social baseia-se no desempenho de pessoas medido pela soma de seus talentos, habilidades, e esforços individuais. (Barbosa, 1999:22)

Ao analisar a meritocracia, Barbosa (1999) verifica que atualmente nas três sociedades em questão ocorre uma supervalorização dos talentos denominada “aristocracia de talento, de intelecto, composta de acadêmicos, produtores de conhecimento, e informação, profissionais liberais e elites gerenciais, e é legitimada pelos diplomas universitários.” (p.24) Entretanto, nos séculos XVIII e XIX, nos Estados Unidos havia uma outra configuração meritocrática que estabelecia outros tipos de trabalhadores e de ofícios através de um modo diferente de valorizar as habilidades práticas e manuais em detrimento das intelectuais:

O conceito de enriquecimento pessoal implicava autodisciplina, aprimoramento dos talentos concedidos por Deus e sobretudo cultivo da razão. O ideal de prosperidade do século XVIII incluía não só conforto material, mas também boa saúde, bom temperamento, sabedoria, senso de utilidade social e principalmente o sentimento, por parte do indivíduo, de haver conquistado o respeito dos outros, de que os membros da comunidade a que ele pertencia tinham uma boa opinião a seu respeito (Lasch *apud* Barbosa, 1978:25)

O modelo meritocrático centraliza nas ações do indivíduo a responsabilidade tanto sobre seu sucesso como seu fracasso que são consequência da agilidade, habilidade e desempenho de cada um. Assim, os resultados sobre a vida de cada um ignoram outras variáveis e não levam em consideração o contexto social dos indivíduos em questão.

Não foi só o neoliberalismo que trouxe essa ênfase na individualização do desempenho. Para tanto também contribuiu a filosofia de sacralização do self, essencial aos princípios da Nova Era. Ela enfatiza o autodesenvolvimento como responsabilidade de cada um de nós e o poder interior das pessoas para a obtenção de seus objetivos (...) Para obtermos os resultados desejados, temos que sintonizar o mundo exterior com o nosso eu interior. Tudo aquilo que obtemos ao longo de nossas vidas passa a ser resultado exclusivo dessa sintonia fina. Nossos fracassos advêm de nossa incapacidade de relacionar corretamente esses dois mundos (...) Nessa

lógica, o indivíduo surge como o único responsável pelo seu destino, pelo seu sucesso ou fracasso. (Barbosa, 1999: 27)

Para Barbosa (1999) existem diferenças entre meritocracia como *critério lógico de ordenação social* e meritocracia como *ideologia*. O primeiro caso interpreta o mérito como sinônimo de reconhecimento público da competência do indivíduo para fazer algo ou se ocupar certo lugar dentro de uma hierarquia através da utilização de seus talentos ou no seu empenho. Em contrapartida, a meritocracia como ideologia considera o mérito como:

o valor englobante, o critério fundamental e considerado moralmente correto para toda e qualquer ordenação social, principalmente no que diz respeito à posição sócio-econômica das pessoas. Ou seja, num universo social fundado numa ideologia meritocrática, as únicas hierarquias legítimas e desejáveis são aquelas baseadas na seleção dos melhores. Prestígio, honra, *status* e bens materiais devem ser concedidos àqueles selecionados como os melhores. Existe, portanto, uma grande diferença entre sistemas sociais que são meritocráticos apenas para determinados fins e sociedades organizadas a partir de uma ideologia de meritocracia, onde quaisquer posições sociais devem ser ocupadas pelos melhores com base no desempenho individual. (Barbosa, 1999: 31)

Lívia Barbosa afirma que a distinção entre duas formas de meritocracia gera algumas questões. Em primeiro lugar, toda e qualquer sociedade é capaz de reconhecer que os sujeitos empíricos, os indivíduos, são diferentes no que diz respeito ao desempenho de determinadas atividades sejam quais forem o status ou o poder de cada um. Em outras palavras, toda sociedade reconhece as *desigualdades naturais*. Sendo assim, o reconhecimento pode ser legitimado ou não de acordo com hierarquias estabelecidas formalmente. A segunda conjectura apregoa que não existe relação necessária entre sistemas meritocráticos e sociedades modernas ou sistemas meritocráticos e sociedades tradicionais, são exemplos os casos do Japão e da China, sociedades tradicionais que operam na valorização da meritocracia. Além disso, Barbosa pontua que há uma relação nítida entre sociedades modernas, complexas e igualitárias e a vigência de uma ideologia meritocrática: “As sociedades hierárquicas podem funcionar, por sua vez, como meritocracias em determinadas circunstâncias, embora não seja essa sua ideologia englobante.” (Barbosa, 1999: 32) .

Diante desse quadro, a autora afirma que a meritocracia é um sistema essencial às sociedades democráticas modernas visto que engloba diferentes campos dessas sociedades, como, por exemplo, empresas públicas e privadas, instituições universitárias, entre outras. O critério utilizado como parâmetro é o do mérito/desempenho e resta saber como conseguir identificar os melhores dentro dessas sociedades. Primeiro garante a igualdade de condições e, posteriormente, constroem-se modelos de avaliação. No primeiro caso, o que está em questão

é a garantia de direitos a todos e, no segundo um processo de avaliação objetivo que seja capaz de mensurar o desempenho de cada um sem levar em consideração classe, status, desvantagens ou bom desempenho no passado, mas no presente. O fato de todos competirem significa que existe uma igualdade de condições antes da competição:

Em suma, a meritocracia, enquanto sistema de valores, baseia-se na rejeição de qualquer tipo de privilégio hereditário; na igualdade jurídica; na pressuposição de que o talento é aleatoriamente distribuído entre as pessoas; nas diferenças inatas entre as pessoas; na competição dos indivíduos entre si; na comparação relativa dos resultados individuais; numa perspectiva sincrônica da avaliação do desempenho; na responsabilidade do indivíduo pelos seus próprios resultados; e na recompensa conferida aos melhores. (ibidem: p.35)

Para os estudantes do meu universo de pesquisa, o mérito em passar no vestibular está em ter competência para estudar por longos períodos, concentrar esforços em realizar muitos exercícios e manter a calma e a saúde durante todo o período de provas. Por outro lado, a falta de vagas para todos e a premiação de apenas alguns candidatos é visto como algo injusto. Só é justo se o jovem consegue alcançar resultados satisfatórios, se ele não consegue a culpa é do sistema educacional.

2.3 Ninguém merece: analisando os depoimentos

De maneira geral, segundo os depoimentos de meus informantes, o vestibular pode ser interpretado como algo positivo, uma oportunidade de aquisição de conhecimento, capacidade intelectual, bem como de possibilidades de vislumbrar um aprimoramento de temas para conversas e debates com outros “jovens”. Alguns afirmaram ter mais assunto para conversar. Outros “jovens” consideram outros aspectos positivos em relação ao exame de ingresso na universidade valorizando o controle das emoções e a superação de limites. Assim, quando falam do lado ruim do vestibular chamam a atenção para o sistema educacional, para o fato do vestibular ser “injusto”, algo para “a minoria que consegue pagar”. Mas quando mencionam o lado bom do vestibular revelam os benefícios individuais auferidos no esforço feito por cada um. O referente crítico concentra-se na esfera institucional; na esfera individual são computados os ganhos, as conquistas, a superação de limites, o crescimento.

Marcela foi a única aluna a defender que não existe nada de bom no vestibular: “É difícil achar coisa boa no vestibular. Acho que ninguém gosta de passar por essa etapa. Não sei. Acho que não tem nada de bom assim.”

De fato, o que se pode considerar bom no vestibular é relativo, depende da apropriação da experiência de cada um. Para Tatiane, por exemplo, para enxergar algo de bom é importante olhar para a família e para o apoio dos professores:

Acho que tudo depende de como é o curso que você faz pré-vestibular, o colégio que você faz, o colégio que você estuda e de apoio da família é fundamental. Se não tiver o apoio da família, entendeu? Você vai fracassar na escolha. Você vai entrar em crise sem saber se é isso mesmo que você quer e você não vai ter apoio nenhum. Então isso também é outro problema. Agora o colégio acho que é fundamental porque se você não, se você não estuda num colégio que você gosta que você não se sente bem. É outro 50% do problema. [sic]

O aspecto positivo a ser considerado na opinião de Tatiane não é superar seus limites, adquirir conhecimentos, mas é poder contar com o apoio de um curso preparatório e de uma família que ajuda na escolha. Sendo assim, o apoio do colégio é essencial para garantir tranquilidade. Parece que o vestibular traz algo positivo para as relações familiares e escolares. O contexto social influencia na maneira como se encara o vestibular.

Alguns alunos já terminaram o ensino médio e tentaram o vestibular anteriormente. Outros estão passando pela primeira vez por essa experiência. Ainda são considerados estudantes e desejam galgar ao posto de universitários. Para tanto abrem mão de várias atividades que gostariam de fazer, diminuem as saídas, recolhem-se no estudo, e lembram da fase em que não se preocupavam com o futuro. De um modo geral, acreditam que o pior do vestibular é ter que fazer a prova e, se existe algo bom, isso seria o conhecimento adquirido que os torna diferentes de antes e também diferentes de outros “jovens” que não têm o que falar, por exemplo. Para Tatiane, o sucesso da passagem depende do apoio familiar e dos professores. O fracasso da passagem, de acordo com Vanessa está relacionado ao sucesso do outro ou do sistema educacional que não garante vagas para todos.

Os rituais possibilitam o desenvolvimento de segurança, auto-estima e confiança, como afirma Vanessa: “Você vence seus limites. Você é obrigado a vencer seus limites.” Ou, como afirma Rodrigo: “te dá [sic] o início pra uma vida profissional assim.” Marcos: “O conhecimento que você adquire,” ou Vinícius: “eu acho que mais do que dobrei meu conhecimento não só de matérias, mas de muitas coisas mesmo, assim, até do dia a dia mesmo, dobrei muito.”

Para meus informantes existe algo de injusto no vestibular, nos exames, enfim no processo seletivo que não garante que bons alunos tenham uma vaga na universidade, que não leva em consideração o sucesso escolar durante um ano de estudos intensos, dedicação, renúncias. Para alguns “jovens”, o estudo sistemático, o empenho ajudam, mas existem

fatores que podem pôr em risco os planos de sucesso, como são exemplos, uma doença, o nervosismo, o cansaço, a pressão. Diante desse quadro de obstáculos, consideram que não é justo que alguém seja avaliado, que perca uma vaga, que atrase seu futuro acadêmico. Muitos “jovens” afirmaram que deveria haver vaga para todos aqueles interessados em estudar. O que pode ser interpretado como uma forma de acabar com a competição, e conseqüentemente com todos os problemas que aparecem durante as provas de vestibular.

Outro problema do vestibular para os meus informantes é o sistema de cotas, medida, que segundo eles, provoca mais injustiça.

Ao afirmar o lado bom do vestibular eles evocam maior conhecimento, mais assunto para conversar, autocontrole, superação de limites, habilidades que são apontadas como fundamentais para se conseguir uma vaga. Assim, parece que durante o ano de vestibular eles conseguem ser melhores do que eles mesmos e essa superação é vista por eles como algo positivo, como mérito próprio. O aspecto negativo é ter de disputar por uma vaga e correr o risco de ver o colega passar e ele não. No capítulo seguinte, pretendo desenvolver com mais propriedade essa noção de que o vestibular é “injusto” porque trata-se de *ser melhor do que o outro*, e não de uma *superação de si*.

Capítulo III: Emoção e vestibular

O propósito deste capítulo é examinar alguns sentimentos dos estudantes que se preparam para o vestibular através de um arcabouço teórico que discute o caráter social das emoções. Assim, primeiramente construímos um panorama teórico, depois mostraremos os depoimentos dos “jovens” que fazem parte do universo pesquisado a fim de investigar que sentimentos eles descrevem como preponderantes em suas experiências como vestibulandos. E finalmente, tentaremos expor algumas abordagens nas ciências sociais acerca do sentimento de medo articulando-as com os depoimentos dos “jovens” estudantes.

3.1: A emoção como objeto das ciências sociais

O estudo das emoções faz parte do processo de institucionalização das ciências sociais. Émile Durkheim foi um dos pioneiros a discutir a dimensão social das emoções, a partir de seus estudos sobre os fenômenos religiosos. Para ele, assim como toda sociedade tem representações coletivas que se estabelecem sobre os indivíduos e através das quais eles formam suas experiências, a sociedade também produz sentimentos coletivos imprescindíveis para a conservação do consenso social. Deste modo, os rituais, muitas vezes de caráter religioso, teriam o papel de reafirmar regularmente os sentimentos coletivos que dão coesão à sociedade.

Outro autor contemporâneo a Émile Durkheim, Georg Simmel, também analisou o caráter social de sentimentos. Incluem-se aqui suas notas sobre a fidelidade, a gratidão (1964) e o amor (1993). Entretanto, ele parte de uma perspectiva teórica distinta da de Durkheim, ressaltando que as formas sociais aparecem das interações dos indivíduos.

Se por um lado Durkheim defendeu a dimensão social das emoções, por outro lado, seu projeto de sociologia mostra sua visão acerca dos sentimentos do pesquisador durante a análise sociológica. Durkheim sistematizou seu conhecimento tendo em vista o advento da modernidade, a valorização do conhecimento, da razão em detrimento das superstições, opiniões pessoais e leituras da realidade. Neste sentido, ele teve como objetivo definir o método e as aplicações desta nova ciência social. Ele ordenou o objeto da sociologia: os fatos sociais. E a conduta necessária ao cientista, a fim de que sua disciplina tivesse realmente bases científicas: não existiria explicação científica caso o pesquisador não sustentasse certa distância e neutralidade em relação aos fatos, resguardando a objetividade de sua análise. Assim, o sociólogo deveria deixar de lado seus valores e sentimentos pessoais em relação ao

acontecimento a ser estudado, pois além de não serem científicos, eles poderiam distorcer a realidade dos fatos.

A sociologia interpretativista de Max Weber favoreceu a construção de uma metodologia sociológica que levasse em consideração o fato de que é preciso estudar a subjetividade dos indivíduos. Ao considerar que a realidade objetiva não pode ser conhecida em sua totalidade visto que os indivíduos são tão imprevisíveis quanto suas ações na sociedade, Weber afirmou que o que pode ser feito é uma aproximação do real. O papel das ciências sociais é tentar desvendar as motivações, as intenções subjetivas dos atores, é mergulhar crítica e compreensivamente na subjetividade dos indivíduos, a fim de interpretar suas ações. A própria compreensão do mundo passa pela subjetividade do cientista. Ao escolhermos uma parte da realidade estamos envolvidos por um sentido, um significado pessoal que nos leva a seguir um caminho e não outro. Não é somente o objeto de estudo que carrega aspectos subjetivos, mas o próprio cientista é permeado por pressupostos e intenções subjetivas.

Clifford Geertz (1997) representa dentro dessa perspectiva interpretativista a matriz antropológica e constrói seu arcabouço teórico metodológico demonstrando sua inspiração na teoria de Weber:

O conceito de cultura que eu defendo e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado". (Geertz, 1997: 15)

A interpretação não é sinônimo de trabalho mal feito, ou de falta de rigor metodológico:

Nunca me impressionei com o argumento de que, como é impossível uma objetividade completa nesses assuntos (o que de fato ocorre), é melhor permitir que os sentimentos levem o melhor. Conforme observou Robert Solow, isso é o mesmo que dizer que como é impossível um ambiente perfeitamente asséptico, é válido fazer uma cirurgia num esgoto. (Geertz, 1997: 40)

As teorias de Émile Durkheim (1971), Georg Simmel (1964), Max Weber (1991) e Clifford Geertz (1997) nos fornecem ferramentas para pensar o lugar das emoções, seja na vida social dos indivíduos, seja na construção do saber sociológico e antropológico. A teoria de Marcel Mauss, no entanto, aprofundou os estudos acerca das constituições das emoções a partir de sua concepção do homem como ser total: biológico, psicológico e social. Por conta desse aprofundamento escolhemos sua perspectiva sócio-antropológica.

Em 1921, Marcel Mauss escreve o texto “A expressão obrigatória dos sentimentos (Rituais orais funerários australianos)”, tendo como interlocutor G. Dumas e seu trabalho acerca do emprego obrigatório e moral das lágrimas que servem particularmente como forma de saudação. De fato, tal uso foi propagado entre aquelas que tradicionalmente foram denominadas populações primitivas, especialmente na Austrália e Polinésia.

A tentativa de Mauss é mostrar através do estudo do ritual dos cultos funerários australianos que assim como as lágrimas, outras expressões de sentimentos possuem características que não podem ser compreendidas como sendo essencialmente fenômenos psicológicos ou fisiológicos, mas que devem ser encaradas como fenômenos sociais, não-espontâneos, obrigatórios. Tal constatação pode ser observada num expressivo grupo de populações, suficientemente homogêneas e primitivas, no sentido adequado do termo, mas vale também para outras sociedades.

Mauss analisa o ritual oral funerário: gritos, discursos e cânticos. Segundo ele, os ritos orais funerários na Austrália possuem quatro características: gritos e uivos, freqüentemente melódicos e ritmados; freqüentemente cantados; de verdadeiras sessões de espiritismo; de conversações com o morto. Ele está interessado em mostrar o caráter coletivo dos rituais, uma vez que as cerimônias são públicas e fortemente regulamentadas. No caso das tribos do rio Tuli, seus ritos funerários são realizados em meio a danças. O morto assiste pessoalmente, seu cadáver é dissecado, objeto de uma espécie de primitiva necropsia. Todo acampamento e toda a parte da tribo reunida canta para ritmar as danças.

Ao descrever os ritos funerários, Marcel Mauss leva em consideração não somente os tempos e as condições da expressão coletiva dos sentimentos que são fixos, mas também ressalta a importância dos agentes. Existem regras que determinam o lugar de cada pessoa no rito. Os agentes desta expressão também são fixos e uivam e berram não somente para exprimir medo ou sua cólera, mas porque são obrigados a fazê-lo. Assim, tanto a forma de expressar os sentimentos como quem deve expressá-los é uma construção social. Neste sentido, alguns aspectos são importantes, como, por exemplo, a consangüinidade, o parentesco. Desta maneira, a condição genuinamente obrigatória da expressão de tristeza, da cólera e do medo pode ser evidenciada pelo fato de não ser comum a todos os parentes, indivíduos determinados, o ato de chorar, uivar, e cantar. Às vezes, o direito de expressar seus sentimentos é prerrogativa de um único sexo. Mauss afirma que na Austrália os cultos religiosos são reservados aos homens, mas os ritos funerários são reservados às mulheres. Entretanto, não é a qualquer mulher que é dado o direito de expressar seus sentimentos, mas

às mães, às irmãs e às viúvas dos defuntos. Apesar do convencionalismo e da regularidade, Mauss defende que isto não elimina a sinceridade nesses rituais.

Falar em “espontaneidade” transmite a idéia de que qualquer indivíduo é dotado de sentimentos e que tem o direito de expressá-los da maneira que lhe é conveniente, onde quiser, e independente do seu gênero. Enfim, uma motivação fisiológica, psicológica seria suficiente para promover uma reação diante da morte, por exemplo. A proposta teórica de Mauss - em sintonia com a matriz durkheimiana - é argumentar que a expressão dos sentimentos não é espontânea, mas obrigatória porque o que está em jogo não são sentimentos individuais, mas idéias coletivas. Existe um caráter coletivo de expressões orais, de sentimentos e emoções que constituem um grande número de populações disseminadas sobre todo um continente. E de acordo com Mauss:

Todas estas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas, em suma, uma linguagem. Estes gritos são como frases e palavras. É preciso dizê-las, mas se é preciso dizê-las é porque todo o grupo as compreende. A pessoa, portanto, faz mais do que manifestar os seus sentimentos ela os manifesta a outrem, visto que é mister manifestar-lhos. Ela os manifesta a si mesma exprimindo-os aos outros e por conta dos outros. (Mauss, 1979: 332)

Na teoria de Mauss, o homem é um ser total, que vive em carne e em espírito, em um determinado tempo, em espaço de determinada sociedade que possui modelos de expressão dos sentimentos. Sendo assim, o riso e as lágrimas, os gritos em certos rituais, são expressões de sentimentos, signos e símbolos coletivos e são manifestações e distensões orgânicas. Em função dessa constatação é que Marcel Mauss argumenta que sociologia, psicologia, fisiologia, devem ser misturadas. Para ele, a própria vida deve ser entendida como a coordenação destes três elementos: o corpo, a consciência individual e a coletividade.

Mauss analisa os sentimentos, as emoções como sendo construídas socialmente e cuja expressão é obrigatória. Com uma visão diferente de Marcel Mauss, Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod (1990) analisam as perspectivas teóricas recorrentes no tocante às discussões acerca das emoções, que primeiramente têm sido entendidas como objeto naturalizado pelo conhecimento especializado e pelos discursos cotidianos que passaram a integrar os domínios da antropologia.

Lutz e Abu-Lughod (1990) fazem um panorama de quatro estratégias usadas para o estudo das emoções: *essencializar, relativizar, historicizar e contextualizar*. A teoria *essencialista* acerca das emoções pode ser localizada na maioria dos trabalhos da antropologia psiquiátrica e psicológica. Os primeiros trabalhos sobre cultura e personalidade do período

entre guerras, e até mesmo muitos trabalhos contemporâneos em antropologia psicológica tratam das emoções como resultados previsíveis de processos psicobiológicos universais. Parte-se do pressuposto de que uma experiência particular estimula emoções idênticas em todos os seres humanos “normais”, considerados não-patológicos. A questão do instinto materno como algo natural e independente do contexto serve para ilustrar uma visão *essencialista* da emoção, no caso, o amor de mãe. Alguns trabalhos tratam as emoções como coisas que devem ser expressas, “colocadas pra fora” porque possuem uma função. Assim, os rituais são encarados como oportunidades de extravasar tais emoções. De acordo com Lutz e Abu-Lughod (1990) um exemplo da visão funcionalista seriam as cerimônias de iniciação adolescente um exemplo porque indicam uma maneira de contenção da “turbulência afetiva dos rapazes”.

O problema da *essencialização* das emoções é que ao afirmar que os sentimentos “são a essência da emoção”, defende-se que automaticamente o melhor método de investigá-las seria realizando relatos introspectivos, sem considerar a vida social e as interferências da linguagem. Além disso, a essencialização reforça a conjectura de que existe universalidade nas formas de emoções distintas, como, por exemplo, que vergonha e culpa são sentimentos centrais e separados, ou que raiva em uma cultura é o mesmo que sentir raiva em outra cultura. Ou que as emoções são intrapsíquicas, ou seja, pode-se disfarçá-las e reprimi-las e até canalizá-las. Finalmente, *essencializar* as emoções significa tomá-las como um problema em si, algo dado, natural.

Outra maneira de analisar antropologicamente as emoções é através de uma perspectiva *relativista*: questionar os pressupostos culturais, a universalização das emoções, desnaturalizá-las ou desconstruí-las. Investigando como as emoções são vivenciadas em diferentes culturas, Lutz e Abu-Lughod citam as obras de H. Geertz (1959) sobre o vocabulário da emoção em Java e de C. Geertz (1973) sobre a pessoa em Bali, entre outros pensadores como representantes desta corrente *relativista*. Citam também trabalhos mais recentes, como Myers (1979, 1986) e Rosaldo (1980), cuja abordagem interpretativista das emoções acentua a relação entre as idéias culturalmente variáveis sobre as emoções e as conseqüências destas idéias para o comportamento social e as relações sociais.

Pode-se ainda analisar as emoções como fenômenos socioculturais e *historicizá-las*. Examinar ao longo do tempo os discursos da emoção, a subjetividade em momentos históricos diferentes a fim de ver se mudaram e como mudaram. Norbert Elias em *O Processo Civilizador* argumenta, através da leitura de manuais de etiqueta, que as transformações da vida afetiva na Europa aconteceram simultaneamente ao desenvolvimento do Estado

absolutista. Além disso, ele analisa os contextos em que ocorrem os sentimentos de nojo e a diminuição do afeto ou em que momento o comportamento agressivo fica mais evidente e tais sentimentos aflorados. Para Lutz e Abu-Lughod (1990), ao chamar de “processo civilizador” Elias elabora uma interpretação acrítica das mudanças em questão, o que não é bem visto por muitos antropólogos. De qualquer forma, seu trabalho serve como marco inaugural de uma discussão em torno das mudanças que ocorreram em um dado “cenário geográfico e histórico.”

Outros intelectuais estudaram as transformações que proporcionaram o deslocamento ou o desaparecimento das emoções. A tristeza foi alvo de um vasto número de reflexões de caráter histórico. Jackson (1985) bem como Harré e Finlay - Jones rastrearam a extinção de uma emoção chamada “acídia” e o significado da obsolescência da “melancolia” na contemporaneidade, ambas tão relevantes na época medieval. Sontag, (1977) em texto publicado em 1977, afirma que o movimento romântico do século XIX celebrou a individualidade considerando em parte a tristeza como um sinal de refinamento, uma qualidade que tornava interessante as pessoas que a sentiam. O individualismo traz a idéia da necessidade de celebrar a diferença focalizando os sentimentos e enaltecendo a figura de uma “personalidade única”.

Lutz e Abu-Lughod consideram importante traçar uma genealogia da própria emoção assim como Foucault fez em relação à investigação crítica acerca da produção da sexualidade na era moderna. A intenção era avaliar de que maneira as emoções adquiriram sua forma atual, ou seja, forças fisiológicas localizadas nos indivíduos que sustentam nosso senso de singularidade e que propiciaram o acesso a algum tipo de verdade interior sobre o *self*.

Finalmente, as autoras propõem uma estratégia de se estudar as emoções que privilegia a análise do “discurso” social, partindo do pressuposto de que a emoção é um construto sociocultural. Através da análise de casos etnográficos, examina-se as muitas formas pelas quais as emoções retiram seu sentido e força do lugar de seu desempenho, ou seja, de seu contexto, no domínio público do “discurso”. As autoras também estão interessadas em descobrir de que maneira a vida social é afetada pelo discurso da emoção.

A fim de expor a proposta *contextualista* para uma antropologia das emoções Lutz e Abu-Lughod consideram importante examinar o seu termo central: a palavra discurso. Elas chamam atenção para o fato de que se trata de um dos termos mais populares e ao mesmo tempo menos definidos do vocabulário acadêmico anglo-americano. Assim, é necessário examinar quais são os termos que podem ser substituídos por “discurso”. “O que não é considerado discurso?” “A que o discurso se opõe?” (Lutz e Abu-Lughod, 1990:6)

Primeiramente, o termo “discurso” pode indicar uma abordagem da língua falada e usada passível de uma análise da prática social, ao invés de um código estático. Aqueles que utilizam o termo discurso privilegiando a fala desejam afirmar também a relevância da pragmática em oposição à semântica. Além de ser associado à fala, o “discurso” também é utilizado para indicar produções verbais mais desenvolvidas, mais formais do que uma conversa cotidiana. As canções, poemas, lamentos, orações, mitos e formas de duelo verbal são exemplos dessa formalização. Aqueles autores que se identificam com a encarnação literária pós-moderna acrescentam ao uso do termo “discurso” aspectos dialógicos. Finalmente, há quem utilize o termo “discurso” incluindo até mesmo, o não verbal. Exemplos aqui são a música, o choro, ou o “não-dito”.

Lutz e Abu-Lughod pretendem utilizar o termo “discurso” diferentemente da maneira difundida pelos sociolinguistas ou literários, aproximando-se do uso adotado por Foucault, ou seja, enxergando os textos, falas e todos os tipos de práticas sociais como elaboradores da experiência e característicos das realidades nas quais estamos inseridos e das *verdades* com as quais lidamos. Esta abordagem também considera de que maneira o poder é capaz de produzir discursos. Segundo Lutz e Abu-Lughod, ainda assim, ao sugerir que estejamos atentos à “eficácia do discurso”, este uso novo do termo se assemelha aos usos sociolinguísticos mais limitados. Entretanto, consegue ir além porque reconhece o caráter *local*, *contraditório*, e *fragmentado* dos “discursos”.

A vantagem que uma abordagem da emoção enquanto prática discursiva pode trazer é nos manter atentos ao fato de que “as emoções são fenômenos que podem ser vistos na interação social”. (Lutz e Abu-Lughod, 1990: 8) Fatores como a imprevisibilidade das reações de uma audiência diante de uma *performance emocional*, ou uma visão mais complexa dos possíveis sentidos diversos, instáveis e contestados de expressão e trocas emocionais são vivenciados na interação. Assim, é possível dizer que as emoções são *criadas na*, e não modeladas pela fala já que o sentido é elaborado até para o ator social.⁹

A antropologia brasileira também produziu uma área voltada para o estudo das emoções. Mauro Guilherme Pinheiro Koury no texto “A antropologia das emoções no Brasil” traça um panorama mostrando alguns autores precursores da análise antropológica das emoções. Para Koury (2005) a antropologia das emoções busca suas próprias fronteiras no mundo ocidental a partir da segunda década do século XX. Assim, surge uma antropologia

⁹ Um outro enfoque seria abordar as emoções como experiências que envolvem a pessoa toda, incluindo seu corpo. Tarefa que segundo as autoras citadas, só pode ser realizada quando o caráter social e cultural discursivo das emoções for “plenamente aceito”. (p.10)

que parte do princípio de que “experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre indivíduos e a cultura e sociedade.” (Koury, 2005: 239) Desta maneira, os sentimentos fazem parte de uma teia que se tece em direção ao outro, na relação com o outro, em interação com o outro. Tanto a metodologia quanto a teoria da Antropologia das Emoções estão baseadas nos fatores sociais que influenciam a esfera emocional e nas suas influências.

No Brasil, segundo Koury (2005), o campo disciplinar da antropologia das Emoções surge a partir dos anos 1990. A literatura dos anos 90 recupera o que foi produzido a partir de 1930 e trata de uma nova forma. O conceito de emoção está presente nos estudos de Gilberto Freyre (1933, 1936, 1937), bem como no trabalhos de Sérgio Buarque de Hollanda (1936) com a sua teoria de homem cordial, além de autores como Roger Bastide (1938) e Oracy Nogueira (1942 e 1945).

Koury destaca os trabalhos de Roberto Da Matta que formulam hipóteses sobre os sentimentos e formas de expressão no meio social público e privado, como por exemplo, *A casa e a rua*. De acordo com Koury, Gilberto Velho (1981, 1985, 1986, 1988, 1999) também dá ênfase à cultura emocional, especialmente nas camadas médias no Brasil urbano contemporâneo. Outro pesquisador que constrói um pano de fundo teórico para antropologia das emoções é Luiz Fernando Dias Duarte (1981, 1983, 1986 e 1987). Seu trabalho ocupa-se com a relação entre subjetividade e cultura, discutindo a emergência do indivíduo na sociabilidade ocidental e, particularmente, a brasileira.

Koury (2005) destaca o crescimento de análises antropológicas preocupadas com a temática da saúde e do sofrimento social que surgem a partir do final dos anos 1980. Tais estudos são desenvolvidos principalmente no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, na Bahia e no Paraná. Outros estudos para a construção do campo da antropologia das emoções no Brasil se baseiam na correlação entre gênero e envelhecimento. A menção agora diz respeito aos trabalhos de Myriam Moraes Lins de Barros (1987 e 1989), Cornélia Eckert (2003), Clarice Peixoto (1993 e 1994), Alda Britto da Motta (1996 e 2002).

Segundo Koury (2005), Maria Claudia Coelho (2003) faz uma importante contribuição ao estudo da dádiva relacionando-a com emoção. E Claudia Rezende (2002, 2002^a, 2003) adota a antropologia das emoções como linha de pesquisa científica específica para estudar a temática da amizade, o que pode ser confirmado em seus textos: “Mágoas de Amizade: um ensaio em Antropologia das Emoções”, *Os Significados da Amizade: duas visões sobre pessoa e sociedade* e “Além de o brasileiro emotivo: reflexões sobre a construção de uma identidade brasileira.”. Coelho (2006) publicou outros textos na área da antropologia das

emoções: “Emoções, Gênero e Violência: experiências e relatos de vitimização” e *O Valor das Intenções – dádiva, emoção e identidade*.

Por fim, Koury destaca seus trabalhos que têm sido desenvolvidos desde 1993 tendo em vista a discussão da relação entre sentimentos de luto e a problemática da formação do indivíduo e da individualidade no Brasil urbano contemporâneo, onde trata de questões sobre imagem e sentimento e medo e cidade na contemporaneidade brasileira.

O contato com parte substancial dessa literatura encorajou-me a construir o objeto de reflexão que constitui essa dissertação. Mobilizada pelos sentimentos de “jovens” estudantes em período crucial de suas vidas - o processo de seleção do vestibular como requisito de ingresso no ensino superior - defini como matéria a ser aqui tratada depoimentos dos estudantes sobre os sentimentos que os toma no período que antecede o exame do vestibular.

Conforme foi esclarecido anteriormente, minha intenção neste capítulo é analisar depoimentos de meus informantes tendo em vista seus sentimentos em relação tanto à aprovação no vestibular como ao vestibular em si. Diante da proposta teórica da antropologia das emoções como arcabouço teórico para meu texto, entendo que as experiências desses “jovens” são experiências vividas socialmente cujos relatos trazem à tona seus sentimentos acerca da escolha profissional.

* * *

3.2 Passar ou não passar: eis a questão

A presente investigação tem como objetivo a questão dos sentimentos dos “jovens” que se preparam para o vestibular. Que sentimentos podem surgir a partir da possibilidade de aprovação/reprovação no vestibular? Quais seriam as emoções predominantes? E como analisá-las sociologicamente? A fim de elaborar hipóteses para responder a essas questões, primeiramente apresentarei os depoimentos dos “jovens” e, num segundo momento analisarei as perspectivas dos informantes.

Depoimento 1: As ameaças da minha família são constantes

Minha primeira entrevistada foi Priscila, 18 anos que veio de Cachoeiro de Itapemirim (interior do Estado do Rio de Janeiro) com a intenção de se preparar para o vestibular. O pai é contador, fez faculdade de análises contábeis e a mãe é dona de casa. O único irmão estuda no

Rio de Janeiro, faz medicina na UFRJ. Ele estudou no curso pH e passou no vestibular na segunda vez que tentou. Tal ocorrência fez com que a mãe de Priscila dissesse que ela deveria estudar no pH como o irmão. Ela diz ter decidido fazer medicina como ele:

Ele (o irmão) falou assim: vem pra cá! Ele já tinha estudado no pH, aí ele vem pra cá, aqui tem um ritmo bom! Eles põem pressão que você não vai ficar com vida boa aí não!

Você vai sim!(disse a mãe) Então eu falei: “eu não tenho escolha não?” Ela “não! Ah! Você pode ficar aqui, mas você sabe o seu futuro.” As ameaças da minha família são constantes: “Olha só na minha rua, não sei quem já está grávida com quinze anos, olha aquele dali oh! Tá fazendo história não sei aonde...”.[sic]

Priscila diz não ter medo das ameaças da mãe. Em um determinado momento até questiona o fato da mãe não estar em situação muito melhor do que ela: “Você tá na mesma merda que eu, olha quem está falando...”. Ela diz não ter medo, mas aceita vir para o Rio de Janeiro e tentar medicina seguindo mais ou menos a trajetória do irmão. A idéia de passar no vestibular significa:

Estudar o que eu realmente gosto. Porque ter que estudar física, estudar biologia, estudar história, matemática, só pra passar no vestibular, pra que você estuda isso? Pra passar. Não rende! Você vai olhando uma coisa que você não gosta. Ter que aprender aquilo de qualquer jeito... [sic]

E a idéia de não passar no vestibular parece ser descartada: “Se eu pensar nisso acho que eu destruo meu ano inteiro...”.

Priscila não quer nem falar sobre a possibilidade de reprovação, mas a aprovação é vista como uma possibilidade de estudar o que realmente gosta, de estar na área médica. A afirmação de que ingressar na faculdade é poder estudar, fazer o que realmente gosta é interessante porque traz à tona pelo menos dois pontos relevantes. O primeiro é que outros “jovens” também imaginam a vida universitária com otimismo e não pensam que mesmo na faculdade estudam-se disciplinas que não são agradáveis. Outro fato importante é que Priscila fala de ameaças de sua família, de exemplos de pessoas que não conseguiram ter sucesso, seja porque engravidaram ou porque resignadamente aceitaram fazer um curso de menos prestígio social. Ela fala que não tem medo, mas satisfaz a vontade da mãe e do irmão quando aceita vir para o Rio de Janeiro estudar no pH como o irmão e concorrer a uma vaga no curso de medicina. No depoimento de Priscila, o irmão é lembrado o tempo todo como alguém que age como se fosse seu pai, que diz o que ela deve ou não deve fazer e como alguém que é muito estudioso.

Depoimento 2: Eu faço vestibular há mais ou menos sete anos

O meu segundo entrevistado, Marcos, veio de outro estado para tentar vestibular: veio de Itabuna, interior da Bahia. Seu pai é médico e a mãe é advogada. Tem um irmão que estuda no Rio de Janeiro, faz Direito e uma irmã que está estudando para tentar medicina também, mas em Itabuna mesmo. Segue um relato de sua vinda para o Rio e de como escolheu a carreira:

E só pra você se situar, eu faço vestibular há mais ou menos uns sete anos, sete pra oito anos. Na época eu morava na Bahia, no interior. E era aquela coisa, meu pai é médico e ele sempre falava: “se quiser ir para o Rio de Janeiro só se for pra fazer Medicina”. Então, teve assim aquela coisa, foi uma coisa imposta e ao mesmo tempo não foi porque ele disse: “Ah! Se vocês não quisessem fazer medicina vocês podiam não fazer só que vocês tinham que morar aqui em Itabuna”.

Marcos tinha uma opção, não precisava tentar Medicina, mas como queria morar no Rio de Janeiro aceita teoricamente as “imposições do pai”. Digo teoricamente porque há mais de 7 anos que ele tem tentado vestibular, sendo basicamente sustentado pelo pai e acolhido por suas tias que moram no Rio de Janeiro. Pergunto a ele sobre a idéia de passar no vestibular:

Não sei. Eu sei que as pessoas ficam muito felizes. Claro que vai ter um alívio. Graças a Deus porque nunca mais vou precisar passar por isso de novo. Mas eu não faço idéia. É uma coisa que eu não sei porque eu nunca passei por aquilo, mas eu imagino que esse alívio seja muito grande. Assim, é como se você tivesse tirado um peso das suas costas tremendo, uma cruz gigantesca. Imagino que seja isso, sabe, eu vejo que as pessoas ficam muito felizes ao extremo. Eu tenho uma amiga que fez passeata na rua gritando que tinha passado.

“Um alívio! Tirar um peso das costas”, a idéia de passar no vestibular traz uma sensação de felicidade extremada, de alegria, difícil de sentir na imaginação, por quem não passou por aquilo. A expressão de alegria, contentamento, felicidade diante da aprovação é vista como algo espontâneo, vivido por outros que já viveram a mesma situação. E a idéia de não passar? Como é vivenciada por alguém que já tentou tantas vezes?

Eu já me acostumei. Tem gente que chora né? Eu nunca chorei porque eu sei da minha capacidade. Eu tenho plena convicção do que eu sou capaz. Então, eu não passei nesses vários anos não foi porque eu seja burro, ou porque eu estudei menos. Talvez sim porque eu tenha estudado um pouco menos, mas eu sempre pensei que sempre vai ter um outro ano. Eu sempre tive uma visão além: “Poxa! Não passei esse ano, então vamos ver o que eu errei pra poder fazer de novo, e fazer certo dessa vez. Ah! Não passei, poxa! Vou de novo!”

Eu quero fazer aquilo e fui motivado pela minha vontade de fazer, sabe, a princípio pela minha vontade de vir para o Rio e depois que eu me mudei pra cá que eu fiquei conhecendo mais a Medicina pela vontade mesmo de fazer. E também pelos amigos que eu tinha dos cursinhos que passavam que me davam apoio, então, não passar pra mim acabou fazendo parte assim...

Marcos considera que já se acostumou com a reprovação no vestibular. E que suas tentativas não significam um sinal de sua burrice, mas de sua visão além, de sua constatação de que todo ano tem vestibular, de que a concorrência para Medicina é grande. Embora inicialmente estivesse motivado a vir para o Rio de Janeiro com a finalidade de sair de Itabuna ele acredita ter se acostumado também com a idéia de ser médico. Marcos afirma que existem pessoas que choram, mas esse não é o caso dele porque ele se conhece, sabe de suas capacidades, e não só ele sabe, mas seus amigos que o apoiaram durante todos esses anos em que ele tenta ingressar em uma universidade.

Depoimento 3: Não passar no vestibular é meio chato

A terceira informante é Marcela, 18 anos. Seu pai não fez faculdade, é dono de uma farmácia e a mãe cursa farmácia em uma faculdade particular. Marcela fala da idéia de passar no vestibular e em seguida da idéia de não passar no vestibular:

Ah! É uma vitória tipo, todo mundo que passa assim, é uma coisa legal! Você pensa em ser calouro não sei o quê e tal! E conhecer um monte de gente nova. Todo mundo vai escolher a mesma coisa que você, eu acho maneiro.

A idéia de não passar é tipo é um negócio de tentar de novo. Acho que tipo vestibular vai estar sempre aí todo ano tem, mas não passar é meio chato assim. Você estudou pra caramba um ano e tem que estudar assim mais pra poder tentar passar de novo. Isso é meio chato a situação, mas um monte de gente não passa de primeira. Então não é tão assim, não é uma situação tão chata assim tem situações mais chatas de você não passar de primeira. Tem muita gente que nem você que não passa de primeira que é tranqüilo.

Passar no vestibular é sinônimo de conhecer gente nova, compartilhar experiências com pessoas que escolheram as mesmas coisas que ela, de conviver com “jovens” que dividem a mesma sala de aula e posteriormente a mesma carreira. De certa forma, a vida universitária, ou a vida “pós vestibular” é uma vida social, cheia de novos amigos. Passar no vestibular é compartilhar de um sentimento de vitória com os seus pares.

Em seu depoimento Marcela afirma que no curso pré-vestibular a situação é diferente do que ela viveu no colégio onde estudou e fez amigos. Não passar no vestibular é “meio chato” porque significa ter que estudar novamente com alunos que querem cursos diferentes e não são muito favoráveis à amizade. Por outro lado, a reprovação no vestibular é uma

experiência no currículo de muitos “jovens” que precisam estudar novamente todo o conteúdo programático do vestibular. Segundo Marcela, como muita gente não passa de primeira, a situação fica mais “tranqüila.” Portanto, existe a possibilidade de ser “igual” tanto aos “jovens” que passaram no vestibular como aos que não passaram. E ser igual é só uma questão de ponto de vista, de como se percebe a situação. Se o vestibulando se sente feliz, vitorioso ele irá viver essa experiência de sucesso como os demais “jovens”, em caso de reprovação também é possível encontrar alguém que sinta o mesmo.¹⁰

Sentir o mesmo, compartilhar as emoções parece ser um traço fundamental na experiência desses “jovens” que demonstra que mais do que ficar alegre, ou triste o importante é sentir junto. Analisaremos posteriormente esse traço.

Depoimento 4: Eu não estou estudando tanto como deveria

Valéria tem 18 anos. Sua mãe é formada em pedagogia, tem pós-graduação em psicopedagogia e, segundo Valéria, vários outros cursos de pós-graduação. Seu pai fez curso técnico em eletroeletrônica, mas no momento está fazendo faculdade de engenharia de telecomunicações. Ela tem um irmão mais novo. Curiosamente, a idéia de passar no vestibular traz certo desânimo para ela:

Assim, às vezes eu fico meio desanimada porque o PH é sinistro assim é muita coisa pra estudar. Você tem todo dia uma folha de exercícios pra fazer e entregar pro monitor corrigir e dar nota, uma forma de você avaliar. Todo final de semana fazendo prova, ou aula, ou as duas. Então, você não tem vida. Eu não tenho vida. Mas eu tô conseguindo ter vida, ou seja, se eu tô conseguindo ter vida é porque eu não estou estudando tanto como eu deveria estudar porque (...) Mas eu acho que eu só vou passar se eu estudar muito, muito, muito, muito porque tem muita gente boa se preparando. Tem até uma comunidade no orkut: “enquanto você dorme o Japa estuda.” Porque tem muita gente estudando enquanto... Eu dormi de tarde. Eu tava muito cansada. Estudei até tarde geografia, me deu crise de rinite alérgica, aí eu fui dormir hoje de tarde. E quando eu acordei eu falei: cara tem gente estudando e eu aqui, então tem pressão psicológica. Você tem que ter muito cuidado pra não surtar.

No caso de Valéria, aprovação e dedicação são lados da mesma moeda. Em outras palavras, pensar em passar no vestibular traz à tona um certo desânimo que surge da cobrança de estudar mais, de se comparar com quem estuda mais. A aprovação é uma consequência de uma vida dedicada ao estudo intensivo, é “não ter vida”. É correr risco de “surtar”, de ficar

¹⁰ Veremos em outros depoimentos como é recorrente essa questão da identificação com “jovens” que não passam de primeira, que não passam na primeira tentativa.

doente. Parece que Valéria descreve a aprovação como resultado de um sacrifício, como algo que se consegue através de muito esforço, renúncia, autocontrole, uma competição em que vence o mais preparado psicologicamente, física e emocionalmente.

Ao perguntar sobre a possibilidade de não passar no vestibular, ela relata seus sentimentos:

Eu tenho medo de tentar vestibular de novo. Não é medo, mas eu não quero mais. É uma coisa nojenta. Vestibular pra mim é uma coisa... É totalmente exclusivo, no sentido de, por exemplo, cotas, é ridículo! Na minha opinião é ridículo porque é um jeito do governo tirar a responsabilidade que eles teriam de reformar o ensino desde a base e aí acaba que as pessoas que passam por cotas, muitas vezes, eu li uma reportagem que muitas vezes eles chegam na faculdade não sabem ler e escrever, não sabem português básico, não sabem o básico das matérias, acabam passando porque quem faz pra cotas acaba passando um grupo não preparado. O que são os melhores de um grupo não preparado? Quando chegam lá e dão de cara com os que verdadeiramente estudaram, eles ficam perdidos. Os professores têm que dar aula de reforço. Então, eu acho vestibular uma coisa nojenta! Eu não tenho outra palavra, é nojento! É ridículo!

Se passar no vestibular é visto como uma conseqüência de muito esforço e dedicação, uma vitória após uma acirrada competição, a idéia de não passar traz medo de vivenciar mais uma vez essa experiência de disputa por uma vaga. No entanto, segundo Valéria, a derrota ou o fracasso não é dela, ou de outros estudantes, mas do ensino brasileiro. Para ela, os governantes do país não oferecem chances para que todos tenham o mesmo nível de escolaridade e criam um sistema de cotas prejudicando quem realmente estuda.

Depoimento 5: Eu não tenho tido vida social

Tatiane tem 17 anos e está no terceiro ano do Colégio pH. O pai é militar da Marinha e a mãe fez Análise de Sistemas, mas não trabalha, não exerce a profissão desde que Tatiane nasceu. Ela tem uma irmã mais nova. Para Tatiane, passar no vestibular representa uma possibilidade de se livrar de problemas:

O começo de uma nova fase e fim de uma outra. Eu acho que na minha atual situação eu acredito que se eu passar no vestibular eu vou resolver metade dos problemas da minha vida. Acabar o colégio e passar na universidade, na faculdade porque ocupa demais o meu tempo. É bastante complicado ainda mais no colégio que eu estou que toca muito pro vestibular. Então, assim, setembro e outubro que se aproxima da prova da UFRJ, da segunda fase da UERJ. Eu não tenho tido vida social. É aula atrás de aula. Tenho aula normal de segunda a sexta é num horário absurdo de uma da tarde até nove horas da noite quase.

Passar no vestibular é iniciar uma nova fase que representa a resolução de problemas, descanso, vida social, poder sair. É recuperar os prazeres que foram adiados em função do cumprimento de um objetivo. Não passar no vestibular é o que traz à tona alguns conflitos relacionados a sua própria escolha de carreira e à escolha dos pais:

É isso o que a gente tá começando a trabalhar agora porque eu decidi a minha carreira há pouco mais de três meses atrás e Direito eu já não tinha essa preocupação porque meus pais falavam se você não passar pra uma federal você pra UERJ, pra UFF qualquer uma dessas você vai pra PUC e se você não passar pra PUC, eu acho muito difícil, você vai fazer outra faculdade qualquer, Cândido, Estácio, qualquer uma que tenha curso de Direito. Na vai ser uma preocupação. Agora já com Desenho Industrial é diferente porque são poucas faculdades públicas, só duas e só o que me interessaria mais é a PUC, tem na Univercidade curso bom também e a Estácio só que eu acho que não sei como vai ser, depende da posição que meus pais tomarem porque da PUC bem ou mal eu já passei pelo ENEM, e se eles não quiserem pagar a PUC eu vou tentar de novo, o jeito é tentar de novo.

A reprovação no vestibular para uma universidade pública seria um problema resolvido por Tatiane caso ela concordasse com os pais e fizesse Direito. Ela ainda tem um pouco de esperança de que seus pais decidam pagar Desenho Industrial na PUC. Ela não precisaria tentar vestibular em função de sua nota no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Depoimento 6: Se eu não passar na UFRJ o que eu vou fazer?

Tiago, 17 anos, também¹¹ está no último ano do ensino médio do colégio pH. Os pais fizeram faculdade de química, se conheceram durante a faculdade e se casaram. Ele tem uma irmã mais nova que faz biotecnologia na escola técnica. Para Tiago, pensar na aprovação é mais recorrente do que pensar em não passar:

Passar no vestibular pra mim... Eu não tenho muito pensado se eu não passar no vestibular. Eu tô sempre pensando passar e passar na UFRJ eu pensei caramba! Se eu não passar na UFRJ o que eu vou fazer? Então se eu não passar pra mais faculdade nenhuma. Então, as expectativas são as melhores possíveis. Fazer uma prova boa e passar. Pra UFRJ.

Como lida com a possibilidade de não passar para a universidade, como é ?

Eu penso. Meu pai diz que se eu passar pra outra faculdade pública, UERJ ou UFF eu deveria entrar mesmo que a diferença dos cursos não é tão grande assim que o que faz a boa faculdade é mais o aluno, mas eu acho que se eu não passar pra UFRJ eu vou tentar no outro ano.

¹¹ Meus três últimos entrevistados estão cursando o último ano do ensino médio.

Para Tiago, o alvo é bem definido: passar pra UFRJ e fazer Medicina. Outro curso não interessa. Em sua fala, a possibilidade de não conseguir êxito nas provas, ou seja, de não passar no vestibular, mais precisamente, ressalto, não passar pra medicina na UFRJ é talvez um indício de nova tentativa.

Depoimento 7: Acho que só na hora que vou sentir.

Rodrigo, 18 anos, pai fez Engenharia e mãe Educação Física. É filho único. Está no último ano do ensino médio. Ele pretende cursar Geografia na UFF e na UERJ. Na UFRJ, na PUC e na FGV ele pretende tentar vestibular para Direito. Pergunto se ele imagina a aprovação, ou seja, como é a idéia de passar no vestibular:

Imagino. Sei lá Eu acho é uma forma de incentivo pra si próprio assim. Não que eu me imagine para me sentir bem, mas sei lá eu acho que eu sou capaz de passar nesses cursos. Não sei vai ser algo muito bom se acontecer. É algo que eu realmente espero. Não sei. Acho que só na hora que vou sentir.

De certa forma, pensar numa aprovação no vestibular é uma forma de incentivo para ele que afirma não usar isso para se sentir bem, mas para pensar em algo que ele realmente espera. Em contrapartida a idéia de não passar no vestibular:

Sempre é ruim. Ter que pensar... Acho que é mais no fato de pensar vai ter que ter mais um ano todo, fazer tudo isso de novo, já tá dando um gás imenso pra fazer de primeira e passar então eu acho que segunda vez daria aquela sensação de cansaço sabe? Porra! Que saco vou ter que fazer tudo isso de novo. Mas sei lá se não passasse acho que não teria outro jeito teria que fazer de novo.

Estudar de novo um ano todo, é quase que não ser recompensado por ter tentado “de primeira com todo gás”, é sentir cansaço. Mas ter que fazer tudo novamente, ou seja, não existe outra opção. O que pode revelar a importância do ensino superior para este jovem, sem deixar de considerar o fato de ser um jovem de classe média, filho único, cujos pais trabalham e não só possuem condição de pagar uma faculdade particular, mas fariam isso sem muitos problemas. Alguns informantes comentaram que seus pais consideram, no entanto, que seus filhos sempre estudaram em colégio particular, em “bons colégios” e que não deveriam fazer cursinho.

Depoimento 8: Esperei o ano todo por essa prova

Regina, 17 anos, veio de Itabuna com os pais. Está no terceiro ano do ensino médio. O pai fez curso técnico de análises contábeis, atualmente vende comidas nordestinas; a mãe vende acarajé e não tem curso superior. Tem uma irmã mais nova que cursa o ensino médio e uma mais velha que trabalha durante o dia e estuda administração numa faculdade particular. Eu a entrevistei no dia em que ela fez uma das provas do vestibular e a idéia de aprovação está relacionada a esse momento:

Hoje eu cheguei da prova em casa e pensei: esperei o ano todo por essa prova: UFRJ, mas pra mim na hora foi só uma prova, mais nada. Uma prova. Na hora que a gente tá fazendo a gente não tem noção de que aquele resultado irá definir a nossa vida. Aí eu tava pensando eu fiz essa prova. Eu não sei se eu fiz bem, se eu fui mal, eu fiz a prova. Mas aquele resultado não depende só do seu resultado, depende de outras pessoas também. Sei que se a gente tiver bem o suficiente não precisa, mas é inevitável assim você ficar esperando resultado, como é que aconteceu e se eu passar não sei sabe. Primeiro é o que todo mundo espera. Todo mundo quer passar no vestibular. Não sei quando você tá ali o ano todo estudando, estudando, você quer o que? Passar no vestibular. Chega no final do ano e aí? Você passou. Eu acho que eu vou ficar sem reação na hora porque você já é uma mudança na minha vida esse ano. Eu tive que estudar de forma como nunca estudei eu acho que se eu passar no vestibular no ano que vem acho que vai ser outra mudança. Outra adaptação, mais uma nova fase da minha vida. Também não tenho certeza assim, mas esperança de passar.

A idéia de passar no vestibular, pensar nessa hipótese traz esperança para Regina, mas esse resultado positivo não depende só de seu empenho, depende do empenho dos outros. Essa idéia de que seu esforço não é garantia de aprovação é experimentada por outros “jovens”.¹² Dentro dessa lógica, o sucesso de um estudante depende do fracasso de outro bem como o fracasso de um aluno pode ocorrer devido ao sucesso de outro, em uma relação de causa e efeito. Além disso, a aprovação no vestibular traz à tona algumas mudanças. Sobre a idéia de não passar no vestibular ela afirma:

Acho que é uma hipótese que todo vestibulando pensa. Porque a gente tem sempre uma tática de certa forma: ah! Não vou esperar o melhor, o que vier é lucro. Se eu esperar muito e não passar eu vou ficar muito mal, muito triste. Eu já pensei muito sobre isso. Eu tenho consciência de que medicina é a carreira mais difícil e tem pessoas que estão estudando três, quatro anos pra passar, talvez passem esse ano e começa o meu ciclo de estudos pra passar porque nem sempre uma pessoa passa de primeira e eu tô bem tranqüila assim certo que a gente sempre fica com uma pontinha de decepção, mas acho que tudo tem sua hora. Muitas vezes foi um ano de experiência, de aprendizagem que eu precisava ter.

¹² Valéria e Marcos falam algo muito parecido.

Regina parece estar tranqüila. Ela se compara a outros “jovens” que almejam cursar medicina e não desistem após uma reprovação. Em outros trechos da entrevista ela se considera vitoriosa por ter conseguido estudar de graça no ensino médio. É a primeira vez que tenta o vestibular e a carreira escolhida é a mais disputada. Diante disso, acredita que se não passar, terá mais experiência e aprenderá algo que precisa. Sua experiência será parecida com a de outros “jovens” que tentam vestibular duas, três, quatro vezes. Mas não descarta a possibilidade de se decepcionar.

Além da interação com outros “jovens” que também se preparam para fazer vestibular, existem também as questões com os pais, os dilemas, as vontades dos pais, o entrelaçamento com as vontades dos “jovens”, ou a apropriação da escolha dos pais como sendo escolhas dos filhos e filhas.

Depoimento 9: Um dos momentos mais felizes da vida

Renato tem 17 anos, mora no Rio de Janeiro, está no último ano do ensino médio e tenta o vestibular pela primeira vez. A mãe fez faculdade de enfermagem e o pai também. Ambos exercem a profissão. Ele tem um irmão mais novo. Passar no vestibular é imaginado como uma experiência maravilhosa, uma felicidade¹³:

Eu me imagino acho que todo dia passando acho que vai ser como uma professora que eu tive falou. Acho que ela falou que com certeza de longe que foi um dos momentos mais felizes da vida dela. Acho que comigo não vai ser diferente (...) E aí você passa. Deve ser uma sensação maravilhosa.

As sensações relacionadas à reprovação no vestibular são de medo, perda, mas também de retomada de atividades que foram deixadas de lado em função do vestibular:

Eu tenho medo. Difícil lidar. Bom, acho que saber que você perdeu um ano de sua vida que você deixou restrito só pra isso. Sensação de perda mesmo, mas também. Você se preparou e não conseguiu pra uma coisa. Se eu não passar eu vou voltar pra todas as coisas que eu tranquei, tentar me formar logo no espanhol, vou tentar meu técnico, porque eu não vou entrar numa particular, se eu voltar para o meu curso eu penso em voltar na época do pacote porque é o período que é mais intensivo. O pacote começa em novembro. Aí é só orar muito. Se eu não passar eu não vou me matar não, é tranqüilo.

Não passar no vestibular é uma perda, é constatar que se perdeu um ano precioso, mas que se pode tentar novamente. Além disso, pode-se retomar o que foi posto de lado para dar prioridade à conquista de uma vaga para uma universidade pública. Afinal de contas, a

¹³ Felicidade e alegria são sentimentos também apontados por outros entrevistados.

renúncia não promoveu um resultado satisfatório. Além disso, para se tentar de novo, não só no caso de Renato, mas de outros “jovens”, é preciso contar com o apoio financeiro dos pais.

Depoimento 10: Tentar de novo

Vinícius tem 18 anos, mora na Tijuca, Rio de Janeiro, está no terceiro ano do ensino médio e vai prestar vestibular para Engenharia Química. A aprovação no vestibular é considerada um cumprimento de etapas: é mais uma etapa que tem que seguir. Já foram 12 anos de colégio e agora é só a reta final.

Sobre uma possível reprovação no vestibular, Vinícius:

De não passar? Ah! Vai ser um pouco frustrante, mas assim, é eu espero que eu não vou morrer, que eu não venha morrer no ano que vem, porque se eu não morrer eu tenho ano que vem também pra tentar de novo, se eu morrer no ano que vem não vai adiantar nada eu ter entrado numa faculdade, então, se eu não passar esse ano, é claro que eu vou ficar chateado, ficar triste, mas ano que vem tem tudo isso de novo, tem primeiro exame, tem segundo exame.. UFRJ, UFF...

* * *

O que pode haver de semelhante nos relatos acima? Todos refletem acerca da possibilidade de aprovação e de reprovação no vestibular levando em consideração aqueles que fazem parte de seus contextos sociais. A trajetória escolar desses “jovens”, as expectativas, o preparo para os exames e finalmente os supostos “sucessos e fracassos” são aspectos entrelaçados intrinsecamente com as relações com os pais, irmãos, colegas. Para Priscila estudar o que ela realmente gosta é cursar o mesmo curso que o irmão, mas é também dizer que não tem medo das ameaças da mãe quando a mesma diz que se ela não estudar poderá ter fim semelhante ao das meninas que engravidam precocemente ou “jovens” que fazem um curso universitário de menos prestígio. Assim, por mais que ela negue as imposições familiares ela faz exatamente o que sua mãe e seu irmão querem: ela vai para o Rio de Janeiro estudar no mesmo curso pré-vestibular que o irmão e desconsidera a possibilidade de ser reprovada. Marcos também vem de outra cidade para estudar no Rio e a escolha do curso está relacionada à imposição do pai. Passar no vestibular para ele é sentir o mesmo que outros “jovens”: “uma felicidade ao extremo.” Não se trata de uma felicidade individual que ninguém sente igual, mas que pode ser compartilhada por aqueles que também

experimentaram essa sensação quando foram classificados. Por outro lado, não passar significa tentar mais uma vez e ter o apoio de colegas, amigos que acreditam em seu potencial. O mesmo pensa Marcela, quando afirma que “um monte de gente não passa de primeira”. Sendo assim, o problema seria ser reprovada sozinha. E ser aprovada significa fazer novas amizades, estar junto de pessoas que querem o mesmo que ela, ou seja, não estar sozinha, ter alguém que escolhe o mesmo caminho transmite segurança.

As relações de interdependência são recorrentes. As reflexões dos “jovens” acerca dos possíveis resultados do vestibular seguem uma lógica que evidencia o caráter social tanto do aprendizado como dos sentimentos. Para Valéria a possibilidade de ser aprovada é uma consequência de ter estudado muito mais do que seus colegas, é vencer a concorrência. Ou seja, refletir sobre aprovação implica necessariamente em ponderar o lugar do outro na disputa por uma vaga de maneira que a vivência de um vestibulando é construída na interação, e não deve ser apreendida como um fato isolado, um acontecimento individual.

Neste capítulo vimos que os relatos sobre a hipótese da aprovação no vestibular bem como acerca de uma possível reprovação são relatos que revelam um entrelaçamento entre os estudantes e aqueles que fazem parte de seu contexto social: amigos, familiares, vizinhos, colegas de turma. Os depoimentos dos “jovens” trazem sentimentos interpretados a partir do outro. Diante desse quadro, considero relevante analisar a experiência desses “jovens” à luz da teoria proposta por Bernard Lahire (2004) visto que ele oferece alguns pontos interessantes para se pensar a relação entre vida escolar e vida social.

Capítulo IV: Você tem medo do quê?

No capítulo anterior analisei os depoimentos acerca da possibilidade de aprovação ou reprovação no vestibular. Os relatos analisados trazem à tona a questão da vida escolar como sendo entrelaçada pela vida social. Diante desse quadro, os sentimentos relativos tanto ao sucesso quanto ao fracasso no vestibular têm a ver com o meio social, com a interação com os pais, amigos e colegas de classe. Neste sentido, a proposta teórica de Bernard Lahire é importante porque ele considera os aspectos subjetivos, as singularidades dos alunos como atreladas às configurações sociais.

A idéia deste capítulo é examinar o modo pelo qual os “jovens” descrevem seus sentimentos em relação ao vestibular. Em seguida, traço um panorama da perspectiva teórica de Norbert Elias (1993), Jean Delumeau (1989) e Willian Ian Miller (2000) sobre o medo.

Bernard Lahire (2004) em seu livro *Sucesso Escolar nos Meios Populares: razões do improvável* observou o sucesso escolar de crianças de classes populares que residem na França tendo em vista as diferenças (que ele chama de “secundárias”) entre as famílias populares com nível de renda e nível escolar semelhantes. Para Lahire é preciso entender como é possível que crianças com situação econômica e cultural semelhante façam parte de configurações sociais diferentes. Nesta obra ele mostra através de seu trabalho etnográfico que o bom ou mau desempenho escolar não estão essencialmente acoplados às condições socioeconômicas do aluno. Existem crianças pobres com rendimento escolar melhor e vice-versa, o que nos permite concluir que há razões culturais mais amplas para explicar o sucesso e o fracasso escolar.

Outra questão importante é tentar elucidar o fato de que algumas crianças cuja probabilidade de repetir o ano durante o curso primário é alta não só escapam desse risco como conseguem melhores posições nesse quadro. Para tanto é elaborada uma teoria que leva em consideração os aspectos subjetivos, as singularidades dos alunos e as configurações sociais do universo pesquisado:

A estrutura do comportamento e da personalidade da criança, seus raciocínios e seus comportamentos, suas ações e reações soam incompreensíveis fora das relações sociais que se tecem, inicialmente entre ela e os outros membros da constelação familiar, em um universo de objetos ligados às forças de relações intrafamiliares. De fato, a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependência com as pessoas que a cercam com mais frequência e por mais tempo, ou seja, os membros de sua família. (Lahire, 2004: 17)

De acordo com Lahire (2004) a criança não reproduz necessariamente o comportamento de seus familiares, mas desenvolve sua própria forma de comportamento através da configuração de uma relação de interdependência com o meio em que vive. Desta maneira a conduta das crianças é construída através das relações sociais durante a socialização e das constantes atualizações em função das relações sociais que ocorrem durante a vida. Para Lahire não é possível pensar na idéia de uma evolução cognitiva natural e universal para todas as crianças de uma faixa etária:

A consciência de qualquer ser social só se forma e adquire existência através das múltiplas relações que ele estabelece, no mundo, com o outro. Ela é, portanto, social por natureza, e não porque seria “influenciada” por um “meio social”, um ambiente social (concepção de um social periférico). A “consciência interior” só tem realidade porque é a consciência de um ser em relação e, principalmente, de um ser que tem uma atividade lingüística determinada. O homem é social de parte a parte, do princípio e por constituição: porque é um ser em relação e um ser com linguagem. (Lahire, 2004: 350)

Para Lahire a *intersubjetividade* ou a *interdependência* não é a interação de indivíduos isolados: “Não significa adição, agregação ou mesmo interação de inúmeros espetáculos individuais isolados”. Assim, os sentimentos bem como os comportamentos só podem ser compreendidos através da análise das relações sociais:

Na verdade, o mais íntimo, o mais particular ou singular dos traços da personalidade ou do comportamento de uma pessoa só pode ser entendido se reconstituirmos o “tecido de imbricações sociais com os outros”. É unicamente quando não esquecemos que as *condições de existência* de um indivíduo são primeiro e antes e tudo as *condições de coexistência* que podemos evitar todas as reificações destas condições de existência em forma de propriedade, de capitais, de recursos abstraídos (abstraídos das relações sociais efetivas). Essas propriedades capitais, ou recursos não são coisas que determinam o indivíduo, mas realidades encarnadas em seres sociais concretos que, através de seu modo de relacionamento com a criança, irão permitir, progressivamente, que constitua uma relação com o mundo e com o outro. (Lahire, 2004: 18)

Para muitos, o fracasso escolar é visto como conseqüência da omissão dos pais, da família. Neste sentido é importante para Lahire investigar essa suposta omissão:

Os discursos sobre a “omissão” dos pais são emitidos pelos professores principalmente quando os pais estão ausentes do espaço escolar. Eles não são “vistos” e essa *invisibilidade* é imediatamente interpretada - principalmente quando a criança está com dificuldade escolar - como uma *indiferença* com relação a assuntos de escola em geral e da escolaridade da criança em particular. (Lahire, 2004: 335)

Lahire conclui seu trabalho afirmando que o tema da omissão parental é um mito uma vez que independente da situação escolar da criança, os pais têm o sentimento de que a escola

é algo relevante e manifestam esperança de ver seus filhos superando seus pais através de um maior nível de estudo. Eles desejam para os filhos a possibilidade de estudar e conseguir um trabalho melhor, de maior prestígio social. Embora muitos acreditem que não podem ajudar os filhos nas tarefas escolares, acabam ajudando, sem ter consciência através de algumas medidas tomadas como, por exemplo, a organização do tempo, dos estudos, o investimento com livros.

As mães e alguns pais cuidam da escolaridade controlando as tarefas, fazendo com que os seus filhos repitam as lições em voz alta, comprando cadernos para seus filhos se exercitarem nas férias escolares. Além disso, observam se seus filhos dormem cedo no dia anterior às aulas, e zelam por suas saídas e amizades. Lahire ainda lembra dos pais que batem nos filhos quando não conseguem êxito na escola, e que essa atitude, embora possa ser considerada inapropriada pedagogicamente, revela que os pais não são indiferentes aos comportamentos dos seus filhos e que acreditam que estudar vale a pena.

Segundo Lahire, o tempo de socialização funciona como uma condição fundamental que permite que a criança adquira algumas disposições de maneiras de pensar, de sentir e de agir que são duráveis. Assim, fatores como apoio moral, afetivo, simbólico são relevantes para incutir na criança um sentimento de que ela é importante para seus pais:

A “herança” familiar é, pois, também uma questão de sentimentos (de segurança ou de insegurança, de dúvida de si ou de confiança em si, de indignidade ou de orgulho, de modéstia ou de arrogância, de privação ou de domínio...), e a influência, na escolaridade das crianças, da “transmissão dos sentimentos” é importante, uma vez que sabemos que as relações sociais, pelas múltiplas injunções preditivas que engendram, são produtoras de efeitos de crenças individuais bem reais. (Lahire, 2004:172/173)

A compreensão de Lahire de que existe uma relação de interdependência entre pais e filhos é bastante elucidativa quando a questão é interpretar a experiência do vestibulando uma vez que os “jovens” se referem continuamente às suas relações sociais quando falam de seus estudos. Todos os sentimentos revelados por meus informantes dizem respeito às suas relações sociais, e suas condições de coexistência com outros indivíduos. Valéria descreve sua situação escolar com riqueza de detalhes ao considerar o fato de que não é a única que deseja ter um curso universitário, e interioriza um “outro” sempre presente, quer seja um japonês que não pára de estudar ou um colega do curso que estuda intensamente ou até o governo que, segundo ela, deveria fazer por garantir uma vaga para todos os alunos. Além disso, nos relatos de Valéria, sua mãe, que é psicopedagoga, ocupa um lugar central e é constantemente lembrada por ter feito vários cursos de pós graduação e por almejar que sua filha siga seus

passos e seus conselhos e como afirma a jovem, sua mãe quer que ela “passe de qualquer jeito.”

Para Tatiane, a relação de interdependência com os pais também pode ser percebida. Pensar sobre a reprovação no vestibular poderia ser algo diferente se seus pais aceitassem pagar o curso de Desenho Industrial na PUC. Neste caso, sucesso para eles seria cursar Direito, uma carreira, segundo ela afirma, com mais prestígio entre seus familiares. Tatiane avalia que passar no vestibular para uma universidade gratuita em contrapartida seria a resolução de seus conflitos familiares uma vez que seus pais parecem irredutíveis em relação à escolha da filha. Esse é um problema que Tiago parece não enfrentar, como ele mesmo afirma, “qualquer pai apóia um filho que deseja fazer medicina.” No entanto, como seu objetivo é bem específico - cursar medicina na UFRJ -, seu pai parece ter opinião divergente e defende que ele deveria estudar em qualquer universidade pública. Tiago parece irredutível, mas contrapõe o seu desejo ao do pai.

Regina afirma que “todo mundo quer passar no vestibular.” E a idéia de ser aprovada significaria conseguir alcançar um objetivo esperado por muitos colegas. Por outro lado, não passar no vestibular também é uma hipótese que todos precisam enfrentar.

Há quem se remeta a situações vivenciadas por uma professora para pensar o próprio sucesso no vestibular. Renato se imagina passando no vestibular e sentindo o mesmo que sua professora: um dos momentos mais felizes da vida dela seria também, caso fosse aprovado, um de seus momentos mais felizes.

Os depoimentos revelam que vestibular e competição caminham juntos, assim como vida escolar e vida familiar, ou vida social. Na realidade, a separação entre segmentos da vida é puramente formal e não é possível conceber vida individual sem vida social. Como afirmou Lahire (2004), “as *condições de existência*” de um indivíduo são primeiro e antes e tudo as “*condições de coexistência*.” Assim, o vestibular é um bom exemplo de que os sentimentos são socialmente engendrados nas relações de “interdependência” e fazem parte de uma teia de relações sociais.

Um sentimento recorrente entre os relatos dos vestibulandos - conforme veremos a seguir - é o medo que aparece sob diversas formas quando eles pensam na possibilidade de reprovação e também quando refletem sobre seus sentimentos em relação ao vestibular durante o ano de preparação para as provas. A seção seguinte será dedicada à análise do sentimento de medo. Para tanto, está subdividida em três segmentos. No primeiro, exponho as idéias de alguns autores que analisaram o medo como um objeto das ciências sociais - Norbert Elias, Jean Delumeau e William I. Miller. Em seguida, descrevo os principais medos relatados

por meus entrevistados, ilustrando-os com fragmentos dos depoimentos. Neste segmento, a ênfase estará no medo de não passar sozinho. O último segmento desta seção é dedicado à análise deste medo à luz das considerações de Catherine Lutz sobre “a concepção ocidental das emoções.”

Norbert Elias elabora uma teoria acerca da vida social levando em consideração aspectos psicológicos, históricos e sociais que são considerados indissociáveis para ele. Assim, as transformações gerais que ocorrem na sociedade e as alterações que surgem nas estruturas de personalidade do indivíduo são interdependentes. Dentro dessa perspectiva teórica, o processo de civilização constitui uma mudança na conduta e nos sentimentos humanos que tem uma direção muito específica, embora não tenha sido planejada racionalmente:

A coisa aconteceu, de maneira geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem. Mostramos como o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que nas atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. (Elias, 1990: 193/194)

Elias apresenta sua teoria de processos de civilização analisando as relações sociais da sociedade guerreira, a sociedade feudal, as sociedades de corte absolutistas e finaliza com a apresentação da análise da sociedade burguesa. Para ele, não existe um caminho em linha reta de um momento histórico a outro, mas *flutuações, avanços e recuos*. As transições de uma fase para outra não podem por isso ser datadas com exatidão. (Elias, 1990: 114)

Na sociedade guerreira Elias observa que existe quase uma ausência completa do controle das emoções pelo próprio indivíduo. Ele é controlado por sua vez por um expediente externo de acordo com o meio social em que vive:

Pouco havia na situação em que viviam que os compelsse a adotar moderação em seus atos. Pouco em seu condicionamento os forçava a desenvolver o que poderíamos chamar de um superego rigoroso e estável, como função da dependência e das compulsões originárias de outras pessoas e que neles se transformassem em autodisciplina. (Elias, 1993: 70)

Na sociedade feudal os guerreiros passam a ter que aprender a lidar com as mudanças de uma nova estrutura social como a crescente transição de um sistema de trocas, o escambo, para um sistema monetário. Ocorre aumento de funções em relação àquelas da sociedade guerreira devido ao aumento demográfico, surgimento das cidades e dos impostos que pagavam para o senhor feudal, fazendo nascer assim o monopólio do uso da força física:

A situação se explica em parte pelo fato de que nessa sociedade, que ainda possuía uma economia baseada na troca, embora já em declínio, a terra constituía o mais importante meio de produção, até que, em sociedades posteriores, fosse suplantada nesse papel pela moeda. E se explica igualmente pelo fato de que, na fase posterior, a chave de todo o poder monopolista, o monopólio da violência física, militar, é uma instituição social firmemente estabelecida que se estende por extensa área, enquanto no estágio precedente, ela desenvolveu-se apenas lentamente ao longo de séculos de luta, sobretudo sob a forma de monopólio privado, familiar. (Elias, 1993: 132)

Nas cortes absolutistas ocorre um controle maior das emoções:

A pressão da vida de corte, a disputa pelo favor do príncipe ou do “grande” e depois, em termos mais gerais a necessidade de distinguir-se dos outros e de lutar por oportunidades através de meios relativamente pacíficos (como a intriga e a diplomacia), impuseram uma tutela dos afetos, uma autodisciplina e um autocontrole, uma racionalidade distintiva de corte. (Elias, 1993: 18)

O autocontrole é internalizado paulatinamente, ações que antes eram conscientes, tornam-se inconscientes, as ações dos indivíduos se entrelaçam formando uma teia social:

À medida que mais pessoas sintonizavam sua conduta com a de outras, a teia de ações teria que se organizar de forma sempre mais rigorosa e precisa, a fim de que cada ação individual desempenhasse uma função social (...) a teia de ações tornou-se tão complexa e extensa, o esforço necessário para comportar-se corretamente dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido. Esse mecanismo visava a prevenir transgressões do comportamento socialmente aceitável mediante uma muralha de medos. Profundamente arraigado, mas precisamente porque operava cegamente e pelo hábito, ele, com freqüência, indiretamente produzia colisões com a realidade social.”(Elias, 1993:196)

Ao dizer que o medo é construído socialmente, Elias não está desconsiderando o medo como algo que faz parte da condição humana, algo natural ao ser humano, mas trazendo à tona o caráter social e histórico do medo. Todos podem sentir medo, mas ele é relativo, contextual:

Para sermos exatos, a possibilidade de sentir medo, exatamente como a de sentir alegria, constitui parte inalterável da natureza humana. Mas a força, tipo e estrutura dos medos e ansiedades que ardem em fogo lento ou fulguram em chamas no indivíduo nunca dependem exclusivamente de sua própria “natureza” nem, pelo menos em sociedades mais complexas, da “natureza” no meio da qual ele vive. São sempre determinados, em última análise, pela história e estrutura real de suas relações com outras pessoas, pela estrutura da sociedade; e mudam com ela. (Elias, 1993: 269)

Dentre as características sobre o medo descritas por Elias está o medo que aparece no processo de socialização de crianças e que possibilita o seu amadurecimento. Desta maneira, o medo ganha um caráter pedagógico:

A criança e o adolescente jamais aprenderiam a controlar o próprio comportamento sem o medo instilado por outras pessoas. Sem a influência desses medos criados pelo homem, o jovem animal humano nunca se tornaria um adulto merecedor do nome de ser humano, tal como a humanidade de ninguém amadureceria plenamente se a vida lhe negasse suficientes alegrias e prazeres. (Elias, 1993: 270)

Há uma gama de medos produzidos socialmente com funções sociais específicas e mesmo os adultos podem sentir medo:

Os medos e ansiedades criados pelo homem, sejam eles medo ao que vem de fora ou ao que está dentro de nós, finalmente mantêm em seu poder até mesmo o adulto. A vergonha, o medo da guerra e o medo de Deus, o medo que o homem sente de si mesmo, de ser dominado por seus próprios impulsos afetivos, todos eles são direta ou indiretamente induzidos nele por outras pessoas. Sua força, forma e o papel que desempenham na personalidade do indivíduo dependem da estrutura da sociedade e de seu destino nela. (Elias, 1993: 270)

Para Elias todas as sociedades sobrevivem à custa da canalização das pulsões e emoções do indivíduo, graças ao controle específico de sua conduta. E esse controle é realizado através do medo que pode ter vários tipos:

Não devemos nos enganar: as constantes produção e reprodução de medos pela pessoa são inevitáveis e indispensáveis onde quer que os seres humanos vivam em sociedade, em todos os casos em que os desejos e atos de certo número de indivíduos se influenciem mutuamente, seja no trabalho, no ócio ou no ato do amor. (Elias, 1993: 270)

Assim, o medo para Elias faz parte da estrutura social e estrutura individual do ser humano. Mais do que simplesmente garantir a coexistência humana trazendo ordem ou equilíbrio social, o medo que corresponde às limitações humanas é determinado pelas forças produzidas dentro da sociedade.

Assim como Norbert Elias, Delumeau (1989) elabora uma história do medo em sua obra *História do Medo no Ocidente* apresentando algumas formas pelas quais podemos analisar o medo referindo-se aos diferentes sentidos que o medo apresenta como objeto de estudo. Inicialmente ele conceitua o medo como uma emoção básica, como uma emoção que faz parte da experiência humana. Em um sentido estrito do termo, o medo é concebido como uma “emoção-choque” que surge quando existe a percepção de perigo presente e urgente que é capaz de ameaçar a preservação daquele indivíduo. Assim, essa emoção denominada medo provoca uma gama de efeitos no organismo que o prepara para sua defesa, como por exemplo, a fuga.

o medo pode provocar efeitos contrastados segundo os indivíduos e as circunstâncias, ou até reações alternadas em uma mesma pessoa: a aceleração dos movimentos do coração ou sua diminuição, uma respiração

demasiadamente rápida ou lenta, uma contração ou uma dilatação dos vasos sanguíneos, uma hiper ou uma hiposecreção das glândulas, constipação ou diarreia, poliúria ou anúria, um comportamento de imobilização ou uma exteriorização violenta. Nos casos-limite, a inibição irá até uma pseudoparalisia diante do perigo (estados catalépticos) e a exteriorização resultará numa tempestade de movimentos desatinados e inadaptados, característicos do pânico. (Delpierre, 1974, apud Delumeau, 1989: 23).

Apresentando uma das formas de se teorizar acerca do medo como uma emoção básica, inerente ao ser humano, e a outros seres vivos, Delumeau (1989) está reforçando o aspecto biológico do medo que o define como um mecanismo fisiológico, uma capacidade de reagir em situações de perigo. Para Delumeau, porém, o medo se torna mais complexo quando trata da esfera humana. No entanto, Delumeau não concebe o medo como apenas um sentimento universal, como se a utilização da mesma palavra para designar o medo pudesse sugerir que se trata de algo universal e imutável.

Delumeau se ocupará das diferenças em relação ao significado que o termo “medo” adquire ao longo da história. Segundo ele, além de ocorrer uma mudança no tocante às formas pelas quais o medo se apresenta, a própria compreensão de medo sofre alterações. Assim, existe uma pluralidades de sentidos que a palavra medo pode produzir de acordo com o contexto e aproximar-se do medo como temática é mais do que defender seu caráter universal e essencialista. Uma vez que o medo animal de ser devorado é imutável, nós seres humanos, que temos capacidade de imaginar, temos medos múltiplos: “O medo das espécies animais é único, idêntico a si mesmo imutável: o de ser devorado. Enquanto o medo humano, filho de nossa imaginação, não é uno, mas múltiplo, não é fixo, mas perpetuamente cambiante.” (Caillois, 1961 apud Delumeau, 1989:19). O medo humano é mais complexo e mais diferenciado que o medo animal já que sofre variações e pode ser objeto de descrições históricas em função dessas variações que ocorrem em diferentes contextos.

Para alguns, o medo foi descrito como uma emoção inerente à natureza humana e que impede que o homem seja destinado à morte. Assim, Delumeau mostra o caráter ambíguo do medo. Pode-se ter medo de morrer e lutar por sua sobrevivência. Ou pode-se ser paralisado pelo medo, ou até mesmo morrer de medo. O medo também pode contribuir para a desintegração do indivíduo: “Mais geralmente, quem quer que seja presa do medo corre o risco de desagregar-se. Sua personalidade se fende, a impressão de reconforto dada pela ‘adesão ao mundo’ desaparece; o ser se torna separado, outro, estranho. O tempo pára, o espaço encolhe.” (Delpierre, 1974 apud Delumeau, 1989:20). Para os antigos, segundo Delumeau, o medo era a punição dos deuses. Os gregos divinizaram Deimos (Temor) e Fobos (o Medo).

Dos povos ditos primitivos às sociedades contemporâneas, encontra-se a cada passo - e nos setores mais diversos da existência cotidiana - pode-se identificar a presença do medo. Algumas civilizações utilizaram máscaras para suas liturgias. Kochnitzky explicita os casos africanos de medo que é camuflado como expresso: “Medo dos gênios, medo das forças da natureza, medo dos mortos, dos animais selvagens à espreita na selva e, de sua vingança depois que o caçador os matou; medo de seu semelhante que mata, viola e até devora suas vítimas; e, acima de tudo, medo do desconhecido, de tudo que precede e segue a breve existência do homem.” (Kochnitzky apud Delumeau p.21)

Delumeau afirma que se mudarmos de tempo e de civilização e por um momento mergulharmos na modernidade econômica encontraremos o medo contínuo de uma época de incertezas:

Os exemplos que o provam são inúmeros, das desordens da rua Quincampoix no tempo de Law à ‘quinta-feira negra’ de 24 de outubro de 1929, em Wall Street, passando pela depreciação dos assignats e a degradingolada do marco 1923. Em todos esses casos, houve pânico irrefletido por contágio de um verdadeiro medo do vazio. O elemento psicológico, isto é, a louca inquietação, ultrapassou a sã análise da conjuntura. (...) Os movimentos da Bolsa, de que dependem tantos destinos humanos, não conhecem afinal senão uma regra: a alternância de esperanças imoderadas e de medos irrefletidos. (Delumeau, 1989: p.21/222)

O medo coletivo apontado por Delumeau que pode ser visto tanto na Grécia, como na África, e nos Estados Unidos como em todas as civilizações é um hábito que se tem, em um grupo humano, de temer tal ou tal ameaça (real ou imaginária). (Delumeau, 1989:24)

Os medos “particulares” ou dos ‘medos nomeados’ merecem uma distinção dada pela psiquiatria e por Delumeau:

O temor, o espanto, o pavor, o terror dizem mais respeito ao medo; a inquietação, a ansiedade, a melancolia, à angústia. O primeiro refere-se ao conhecido; a segunda ao desconhecido. O medo tem um objeto determinado ao qual se pode fazer frente. A angústia não o tem e é vivida como uma espera dolorosa diante de um perigo tanto mais temível quanto menos claramente identificado: é um sentimento global de insegurança. Porque é impossível conservar o equilíbrio interno afrontando por muito tempo uma angústia incerta, infinita e indefinível, é necessário ao homem transformá-la e fragmentá-la. (Delumeau, 1989:25)

Assim, o ser humano constrói o medo evitando o que seria a eliminação do eu. Para Delumeau, esse processo de fabricação do medo encontra-se no estágio da civilização. “Em uma seqüência longa de traumatismo coletivo, o Ocidente venceu a angústia ‘nomeando’, isto é identificando, ou até fabricando medos particulares.” (Delumeau, 1989: 26)

Miller no texto *Mystery of Courage* traz à tona algumas questões importantes acerca da coragem. Um dos pontos importantes é que ele relaciona coragem com outros sentimentos que fazem parte do universo humano. Um dos aspectos abordados acerca da coragem é sua ambivalência, sua ambigüidade. Neste sentido distinguir entre um covarde e um herói é uma tarefa complicada. Além disso, dependendo de critérios de estratificação social divergentes, a coragem pode não ser bem vista. Segundo Miller¹⁴:

Nem todos são admiráveis no que diz respeito à coragem e seus mistérios. Algumas almas vêem a coragem como uma virtude de homens incultos, se é que ela pode ser considerada virtude. A Coragem é sempre muito militar, e masculina; para alguns, faz parte dos interesses de classes menos favorecidas. E é também promíscua porque pode fazer parte tanto da vida de abonáveis atores como dos nobres; escórias da humanidade podem ter coragem, assim como os benfeitores, inimigos, e amigos. Com grande razão os caluniadores da coragem podem mencionar várias vezes quando o apelo à coragem pode ser entendido como apelo a injustiça, roubos, estupros, e assassinatos, apelo à morte por vários motivos. (Miller, 2000:4/5)

Outra questão discutida por Miller (2000) é a sobrevivência humana e a coragem. Virtudes como justiça e temperança também podem ser associadas à coragem como capacidade de enfrentar a morte. Sendo assim, a coragem é um elemento necessário para defender a família e a si mesmo porque transmite o significado de cuidado e preocupação com os outros. Outro desafio oriundo da tentativa de teorizar acerca da coragem e, segundo ele, o mais difícil, é estabelecer uma psicologia da coragem. Desta maneira, a coragem pode estar intimamente associada ao medo sendo importante entender a maneira pela qual se estabelece essa associação¹⁵:

“A verdadeira coragem significa possuir um caráter sem medo? Um corajoso é aquela pessoa que não se assusta com uma maldição? Ou significa um estado de “não medo” como se alguém estivesse anestesiado, ou usado um narcótico? Ou significa ser agarrado pelo medo, sentindo sua inescapável opressão, suas tentações de fuga e rendição, tentando lidar bem apesar dela? Alguns sugerem que a coragem não tem psicologia. Argumentam que é um estado privado caracterizado somente pela ausência de certo motivo. O covarde é alguém que é movido pelo medo, a pessoa corajosa simplesmente não possui essa motivação, não tem motivo para sentir medo.” (Miller, 2000: 6)

A oposição entre medo e coragem parece ser insuficiente visto que a relação entre essas duas emoções é muito mais complexa. Miller dá exemplos de alguns casos em que a coragem está associada, e pode até mesmo ser anulada por acontecimentos desagradáveis tais como “precipitação, estupidez, teimosia, loucura, criminalidade, impiedade, fúria, crueldade, orgulho ou medo da desgraça, ou associada a coisas boas como habilidade e experiência, para

¹⁴Tradução minha.

¹⁵ Tradução minha.

fazer coisas que soam amedrontadoras ou não.” (Miller, 2000: 7) A coragem é um dos grandes temas da literatura, assim como o amor; entretanto, um verdadeiro amor sempre envolve coragem. Na vida “real”, ou no mundo da política, a coragem também pode ser relacionada à gratidão, reconhecimento social, status, prestígio:

“A coragem tem um *cachet* especial, todos se preocupam com ela desesperadamente. Competem por ela, é objeto de admiração e reverência, e também objeto de gratidão... Coragem é uma das poucas virtudes que os políticos consideram vantajoso reconhecer oficialmente, ela alavanca louvor, medalhas, provoca inveja entre os elegíveis e não elegíveis que conseguiram vencer a ansiedade e é importante para aqueles que desejam o reconhecimento oficial. Platão afirma que os filósofos são verdadeiramente os mais corajosos, eles não têm medo da morte, e até desejam a separação do corpo da mente, enfrentam a morte, e até coisa pior como a desonra e a desgraça. A verdadeira coragem é uma espécie de *tedium vitae*. Coragem e covardia têm uma rica história política e social. Eles fizeram parte de ideologias que justificam ou mantêm hierarquias entre homens e mulheres, entre pobres e ricos. Uma ideologia antiga muito difundida pregava que só os bravos é que poderiam ser livres. Sua falta de liberdade é prova de que seu sangue covarde ou o sangue mau dos seus ancestrais que foi vertido pelo fracasso levaria seus descendentes a uma vida de servidão.” (Miller, 2000: 9)

Existe uma relação íntima entre a coragem e uma teoria de virilidade. Coragem e noções de virilidade são inseparáveis. Em inúmeras culturas, assim como a castidade estava associada à mulher, a coragem estava associada ao homem, a uma característica masculina.

Existe um terreno emocional que se relaciona com a coragem: medo, esperança e desespero. Além do medo, seja da morte, de dor, ou desgraça que pode ser vinculado à coragem, outras emoções são apontadas como pertencentes ao domínio da coragem: raiva, vingança, vergonha, embaraço, alívio, esperança, confiança, desespero, indiferença, pena, sofrimento, cuidado, amor, enfado, e ausência de qualquer afeto - insensibilidade.

Miller não descarta a relação entre o medo e a coragem, mas afirma que existem outros sentimentos que ajudam, ameaçam ou vão de encontro à coragem: desgosto, raiva ou alívio. Para ele, é difícil imaginar como seria a vida sem o medo, medo do desconhecido, da morte, de não existência porque de uma certa forma, o medo ajuda a animar o mundo porque nos faz sentir a fascinação do mundo e vibrar tanto com o poder como com o perigo. Existem aspectos positivos quando o assunto é medo. Alguns medos quando surgem em baixa intensidade são pré - requisitos para tomada de decisões. Além disso, o medo faz parte da condição humana. Assim, o medo tem tanto a ver com o ser humano que para considerar Jesus como totalmente humano é preciso vê-lo com a capacidade de sentir medo e ao dizer “Afasta de mim esse cálice.”

O medo pode ser atrelado às questões existenciais e espirituais. Miller cita alguns exemplos: temor, espanto, trepidação, angústia, ansiedade, horror, terror, pânico, admiração, respeito, consternação, desalento, alarme, o senso de mau agouro. Alguns desses medos são posicionados numa escala de variação de intensidade, alguns revelam vinculação com o que é digno de veneração, respeito, e hierarquia, com o sentido de temer a Deus. A ansiedade é pensada como indicativo de um medo não focalizado cujo objeto é desconhecido. Fobias: gato, rato, cachorros, água, velocidade, de festas... Náusea, repugnância, asco, são sentimentos que fazem parte também de um contexto de medo. Existem muitos sentimentos entrelaçados com o medo. Miller (2000) nos fornece algumas variações do medo cuja intensidade tem a ver com a situação em que se vive, com o contexto social.

4.1 À flor da pele: os sentimentos dos vestibulandos

Ano de vestibular. Que sentimentos experimentam meus informantes durante todo o ano de vestibular, de provas, simulados? Como já foi constatado anteriormente, o que a maioria dos meus entrevistados diz sentir quando pensam no vestibular é medo. Podemos pontuar alguns tipos de medo presentes nos discursos. 1) Existe o medo de não conseguir ser aprovado, mas de seu colega de colégio alcançar melhores resultados e conseqüentemente ingressar na universidade. 2) Há o medo de continuar dependendo dos pais, de não conseguir sua independência e, por conseguinte ouvir reclamações em relação aos gastos com mais um ano de cursinho pré-vestibular. 3) Ou no caso de Regina, aparece um medo de mudar, de perceber que essa não é a carreira que gostaria. A tipologia do medo apresentada a partir dos depoimentos de meus informantes pode sintetizar formas de relações dos “jovens” com o grupo, do jovem com a família de origem, e finalmente, do jovem consigo mesmo. Cada relação social traz à tona um tipo específico de medo que diz respeito à construção da identidade juvenil.

O sentimento de medo é recorrente durante o ano de vestibular, no período de preparo para os exames em si. Perguntei a eles quais seriam seus sentimentos em relação ao exame do vestibular: a prova propriamente dita provoca que reação, que emoção?

Renato diz não ter medo de não passar, mas medo de que seus colegas passem e ele não e diz por que sente isso:

Eu não tenho medo. Ter eu tenho de não passar. Pô vai ficar... Eu tenho mais medo assim, todo mundo que tentou comigo passar e eu não. Acho que o meu maior medo é esse principalmente no colégio, mas com certeza se isso acontecer, não vai acontecer, se Deus quiser, eu vou superar.

O medo para Renato significa atraso de vida, perda de tempo:

Atraso de vida. Eu acho que vou estar aquém da minha geração. Minha geração vai estar períodos na minha frente. Bom, ainda mais nesse mundo que o tempo controla muita coisa, acho que vai ser muito importante estar pronto o mais cedo possível, formado, poder com 28 anos já está bem estruturado assim, com casa, construir minha vida, pra poder morar sozinho, ter minha independência. Porque eu acho que isso vai atrasar meu processo de independência se eu não passar agora entendeu?

O vestibular traz medo de parar no tempo, de perder tempo, ou seja, de ter uma relação negativa com o tempo, um atraso. Esse atraso é em relação aos seus colegas que estariam lá na frente e ele atrás. Além disso, passar no vestibular significa avançar mais um passo em direção à independência dos pais. Ou seja, ficar reprovado é não conseguir ocupar a mesma posição que seus colegas, passar é se descolar um pouco dos pais.

O depoimento de Marcos é semelhante ao de Renato. Ele afirma ter medo de não passar e ver seus amigos passarem, e também leva em consideração a dependência dos pais:

Muito medo. Porque é mais pelos anos que vão passando, você vê as pessoas... As coisas acontecendo, por exemplo, eu vejo vários amigos meus se formando, amigos meus se casando, e você ainda não entrou na faculdade... E também medo de ficar morando na casa de seu pai pra sempre, na barra da saia da mamãe pra sempre. Esse é um grande medo meu. É claro que pra mim eu já me dei esse ano como último pra fazer medicina né. Eu tenho medo sim, medo de decepcionar mais uma vez e dizer: “Pôxa pai, oh! Não passei de novo! E eles ficarem achando que eu não fiz o esforço suficiente. Porque tem isso também né porque vestibular é nesses anos que eu fiz é uma sacanagem, desculpe o termo porque eles fazem a coisa pras pessoas perderem mesmo.

A revista feminina *Cláudia* relata a experiência da pedagoga Maria Isabel Kartalian, 46 anos e a frustração de sua filha por não ter passado no vestibular. Após ter conversado com a jovem e quase ter conseguido convencê-la de que não passar no vestibular não era o fim: “Mariana teve recaídas: quando soube que seus amigos tinham passado na segunda fase da Fuvest, chorou um dia inteiro.”¹⁶

Os sentimentos fazem parte de um contexto. Medo, insegurança, ansiedade são vivenciados a partir do que eles introjetam na interação com outros indivíduos com os quais compartilham afinidades, valores e objetivos. São “jovens” de camadas médias que estudaram sempre em escolas particulares ou em colégios públicos conceituados e têm medo de perder posição social. Neste sentido, não passar no vestibular seria ficar para trás, ficar sozinho. Assim, *maior do que o medo de não passar está o medo de não passar sozinho.*

¹⁶ O depoimento se encontra na revista *Claudia*, abril de 2006.

Elias ao considerar o medo como um produto do processo civilizador discorre acerca desse medo de perda de posição social:

A preocupação constante dos pais com o fato de os filhos se pautarem ou não pelo padrão de conduta de sua classe ou da classe mais alta, se manterão ou aumentarão o prestígio da família, se defenderão sua posição na competição dentro de sua própria classe, medos desse tipo cercam a criança desde os primeiros anos, e isso acontece muito mais na classe média, entre aqueles com ambição de subir na vida, do que na classe superior. (Elias, 1993: p.271)

Regina enumera minuciosamente sua lista de sentimentos. O primeiro é a insegurança oriunda da impressão de que não estudou o que deveria, mas de que outro colega de classe pode ter aproveitado melhor seu tempo estudando mais, ou estudando o máximo que pode. Vale lembrar que a carreira escolhida por Regina foi medicina e que a relação candidato/vaga chega, por exemplo, a 33,89 na UERJ. Além de insegurança ela diz sentir tensão, ansiedade e medo:

E eu cresci com isso na cabeça. Só que no ensino médio eu tinha meio medo de mudar de idéia porque será que é isso mesmo que é pra eu tentar? Até esse ano eu tive medo de mudar. Medo de ter crescido com uma coisa na cabeça e na verdade eu querer outra. Sabe, por exemplo, quando, por exemplo, seus pais te impõem uma coisa, mas na verdade sua vontade não é aquilo, eu tinha medo de mudar. Simplesmente como pessoas que não decidiram até hoje o que vão fazer eu tive medo de mudar.

Mudar de curso traz ansiedade e medo porque também significa atraso, significa não aproveitar bem as oportunidades, não fazer escolhas “certas.” O medo de Regina é de mudar de idéia, descobrir que medicina não era bem o que ela gostaria. O jornal Folha de São Paulo¹⁷ publicou uma matéria afirmando que o menor número de evasão universitária se dá entre os estudantes de medicina. Apenas 4% dos alunos que ingressam nos cursos de medicina desistem, uma vez que medicina é o curso com o maior índice de candidatos por vaga. Estuda-se anos para conseguir uma vaga em uma universidade pública. Tentar vestibular para outra carreira talvez não fosse interessante para quem gastou tempo e dinheiro.

A evasão no ensino superior varia muito de acordo com o curso. A média de evasão anual nos últimos cinco anos calculada pelo Instituto Lobo em várias carreiras mostra que, em medicina, ela não passa de 4%, enquanto o curso de marketing e publicidade e o de educação física apresentam taxas superiores a 30% (31% e 35%).

A comparação mostra que, em muitos casos, há uma correlação entre o grau de dificuldade para entrar naquela carreira e a taxa de evasão. "Medicina é uma carreira tão competitiva que, em geral, só vai para lá o sujeito que está com uma decisão muito firme", diz

¹⁷ Folha de São Paulo On line. Educação. 31/12/2006

Edson Nunes, presidente do Conselho Nacional de Educação. (Folha de São Paulo On line. Educação. 31/12/2006)

A desistência é diretamente proporcional à disputa - quanto mais competitiva a carreira menores as chances do jovem desistir do curso após o ingresso. Assim, surge um medo peculiar que está relacionado a uma busca de certeza de que se realmente deseja o curso de medicina, por exemplo, para que o esforço não seja em vão. Desistir de uma carreira cujo ingresso foi fácil é bem diferente de desistir de uma carreira para a qual houve muita dedicação. Há até uma certa compreensão por parte dos familiares quando o estudante presta vestibular para medicina e não é aprovado na primeira e até mesmo na segunda tentativa. A compreensão pode não ser tão fácil quando o aluno após tanta dedicação a fim de ser aprovado, desiste da carreira. Assim, o medo de Regina, de ter “crescido com uma idéia na cabeça”, no caso, fazer medicina e depois mudar é altamente justificável.

No caso de Priscila, o sentimento que ela diz sentir é um medo que ela não sabe explicar, mas vem quando ela está na rodoviária de Cachoeiro de Itapemirim.

A pior parte da minha vida é quando eu tô indo pra rodoviária, são sete horas de ônibus, nossa é horrível, é horrível aquela sensação, um frio no estômago tão grande, com medo... Eu e meu irmão quando chega a gente já fica assim, ah eu não acredito, não acredito que vou voltar.

Priscila, que escolheu o mesmo curso que o irmão, e teve que morar sozinha com ele no Rio de Janeiro, afirma sentir, como o irmão, medo de fracassar e ter feito sacrifício à toa.

Tatiane fala de medo, mas também fala de pressão para ser aprovada no ensino médio, de não passar de primeira e ter de tentar novamente:

É muito complicado porque você tem a preocupação de terminar o terceiro ano, pelo menos no meu colégio isso tá parecendo muito difícil. E não passar no vestibular é ter que passar por tudo isso de novo. A pressão do colégio, do curso que você vai fazer concluir o terceiro ano. A pressão dos pais por não ter passado de primeira e tentar de novo. Entendeu? É bem complicado até porque o vestibular a cada ano que passa, tem todo ano, mas a cada ano que passa vira um bicho de sete cabeças maior independente da profissão, o número de vagas é absurdo, não tem muitas opções e é uma coisa que preocupa bastante os “jovens” dessa idade.

Poucas vagas para muitos concorrentes. Vestibular tem todo ano, mas a concorrência também. Para ela o que pesa é ter que lidar tanto com o fato de ser uma vestibulanda como também ter de concluir o ensino médio.

Tiago tenta driblar o medo relaxando, mas acredita que já foi mais medroso, inseguro durante sua trajetória escolar:

É estranho. Até a oitava série eu tremia antes de fazer prova. Por mais que eu fosse bem, eu sempre fui bem nas provas. Mas antes de fazer as provas eu

tremia. De lá pra cá não. Eu sento e relaxo. Faço o melhor assim. Até a prova da UERJ que eu tava começando a fazer e aí eu comecei a contar quantas eu tinha feito com certeza de que ia acertar e percebi que ainda faltava umas 10 para eu conseguir o A, aí começou uma descarga de adrenalina, comecei a ficar um pouco nervoso, mas depois fui fazendo. UERJ também não era o que eu queria né? Eu quero UFRJ, então não sei muito bem se na hora da prova mesmo eu vou ficar nervoso.

Tiago conseguiu conceito A no primeiro exame de qualificação da UERJ, nota máxima, e única nota que conta para os candidatos de medicina. Quem tira B já pode ser considerado reprovado no vestibular. Na hora da prova, nervoso, com a “descarga de adrenalina”, ele pensou que o que queria mesmo era estudar na UFRJ e que valeria a pena investir em acertar pelo menos mais dez questões a fim de obter um resultado favorável.

Quando pergunto a Rodrigo quais são os seus sentimentos em relação ao vestibular ele imediatamente responde que não pode negar que sente medo, que esse medo foi maior antes de conhecer as provas, antes de saber como eram as provas do colégio, ou seja, os simulados. E que talvez não esteja na hora de sentir medo:

Se eu dissesse que não sentia medo [sic] eu estaria mentindo. Eu tenho medo, o medo já foi muito maior antes de fazer as provas, antes de fazer as provas do pH e coisas do tipo, mas acho que sei lá. Acho que talvez não tá na hora de eu sentir tanto medo. Acho que o medo começa mais quando começar as segundas fases, as partes discursivas. Sentimento a princípio é o medo, mas que tá sabe em espera, o medo em si só chega na segunda fase pelo menos pra mim.[sic.]

Rodrigo apresenta escalas de variações do seu medo. No momento de seu depoimento ele afirmar ter medo de não passar no vestibular, mas esse medo já foi maior. Parece que ainda existirá um medo maior quando conseguir alcançar e enfrentar a etapa final do concurso. Esse medo que ele experimentará na fase derradeira é quase um MEDO com letra maiúscula. O medo em si surgirá para Rodrigo no momento em que a competição for mais acirrada.

Vinícius sente que é um ano de decisão, mas que o vestibular é uma questão de sorte:

Ah! Não sei. Acho que é um ano decisivo da vida, né? Tem que estudar bastante senão no ano que vem tem que fazer tudo de novo e vestibular é também um pouco de sorte porque você pode chegar na hora cair aquilo que você sabe, você por exemplo, se você estudou muito o ano inteiro você com certeza não estudou muito só uma matéria aí pode chegar na hora cair exatamente aquilo que você estudou, ou também pode chegar na hora cair aquilo que você é mais fraco. É sorte. Sorte e competência os dois juntos.

Vinícius sente que é um ano decisivo, que tem que estudar bastante para evitar mais um ano de estudo para o vestibular. Tenta negar nervosismo pensando em vestibular como

sorte, como algo fora de seu controle. Não dá nome aos seus sentimentos em relação ao vestibular.

Elias afirma que a capacidade de sentir medo é biológica, mas que o medo deve ser sempre analisado à luz do meio no qual o indivíduo vive. Delumeau defende a tese de que existem medos diferentes dependendo do contexto. Nos relatos de alguns “jovens”, o medo de não passar no vestibular ilustra uma preocupação: a de ser o único a não ser aprovado. Neste sentido, o medo pode ser sinônimo de ser diferente, de enfrentar uma situação de isolamento, de descompasso com os outros. É portanto, relacional. Ao concluir que muitos não passam de primeira, ou de que é comum não passar no vestibular o jovem evoca um sentimento de alívio por não ser o único. Trata-se de relações de interdependência de indivíduos que constroem uma teia de ações com outros indivíduos dentro de um mesmo contexto social onde os sentimentos estão entrelaçados.

Tal valorização da experiência emocional compartilhada entra em choque com a sociedade individualista na qual muitos apregoam vivermos. Neste sentido, a concepção de emoção valorizada por esses vestibulandos tem mais a ver com o coletivo, como uma experiência de “jovens” que passam pelo mesmo processo de seleção e o encaram de maneira semelhante, compartilhando as alegrias, felicidades ou agindo e sentindo de forma parecida em caso de reprovação. Desta maneira, a emoção, que costuma ser encarada como algo que singulariza o indivíduo, aqui o iguala ao invés de distinguir.

Nas sociedades onde há o predomínio das ideologias individualistas, a idéia de “biografia” é conseqüentemente essencial. A trajetória do indivíduo tem um significado decisivo como componente não mais contido, mas que constitui a sociedade. Progressivamente ocorre a ascensão do indivíduo psicológico que se torna a medida de todas as coisas. Assim, a *memória* desse indivíduo é que passa a ser socialmente mais importante. “Suas experiências pessoais, seus amores, desejos, sofrimentos, decepções, frustrações, traumas, triunfos, etc. são os marcos que indicam o sentido de sua singularidade enquanto indivíduo, que é constantemente enfatizada.” (Velho, 2003: 100).

O medo de não conseguir corresponder às expectativas dos pais com relação à aprovação e de continuar dependendo deles para viver é também recorrente entre os relatos dos “jovens”. A própria menção, diversas vezes, a situações familiares indica que o medo foi instilado há algum tempo pelos pais. Segundo Elias, a criança e o adolescente não conseguiriam se controlar sem o medo instilado por outras pessoas. Assim, o medo faz com que os alunos consigam estudar, planejar uma vida acadêmica. É bem provável que sem esse medo não houvesse vontade de cursar uma universidade. O medo seria uma espécie de

método internalizado nos filhos pelos pais que temem que seus filhos não alcancem o sucesso esperado. O medo pode ser de desapontar os pais, de não receber elogios. Como Lahire (2004) afirma, escolaridade e afetividade são aspectos entrelaçados. Sendo assim, o sucesso escolar pode ser alcançado se a convivência for de amor, admiração, ou maior proximidade dos pais, maior prestígio dentro da família, mais afeto. Diante de uma singular economia socioafetiva dentro da perspectiva de análise social da interdependência o “sucesso” escolar pode ser resultado de uma *necessidade interna, pessoal, um motor interior*.

A antropóloga americana Catherine Lutz (1988) elabora algumas reflexões acerca da concepção euroamericana das emoções analisando relações hierárquicas presentes nas dicotomias: pensamento/emoção e emoção/alheamento. Para Lutz, a afirmativa de que alguém é desprovido de emoção pode significar que se trata de alguém calmo, racional. Neste sentido, a razão é o pólo positivo e a emoção seria algo negativo. Alguém que age sem refletir, que age emocionalmente e assim justifica suas ações é considerado irracional. Neste caso a emoção é vista como algo ruim, inferior. Por outro lado, afirmar que um indivíduo não possui emoção, ou seja, é desprovido de sentimento, funciona como uma acusação. É o mesmo que dizer que o indivíduo é apático, alienado. Quando a emoção é o contrário de alheamento, ela é vista como algo positivo, valorizado porque significa envolvimento, comprometimento, e autenticidade.

Os dois pólos existentes em relação à emoção dentro da cultura ocidental funcionam como dicotomias contraditórias que nos permitem afirmar que a emoção ora é percebida como algo positivo, ora como algo negativo. Enfatiza-se a necessidade de uma racionalidade, de controle, de ordem, mas também afirma que os indivíduos devem expressar seus sentimentos.

Quando um aluno ou aluna não são aprovados no vestibular “devem” expressar tristeza, mostrar que não são indiferentes à reprovação. Apropriando-se da teoria de Lutz, a ausência de emoção significa alienação, não estar preocupado com o resultado da prova. Neste sentido, a emoção é considerada positiva, própria de quem sente, de quem não está alheio à situação. Decepção, frustração, tristeza são sentimentos que fazem parte da experiência de reprovação nos exames de vestibular. Outra maneira de se pensar o fracasso seria encontrar justificativas racionais. Mas existe outra opção que é a de racionalizar, encontrar argumentos racionais para o eventual fracasso. Este parece ser o caso de Rodrigo.

Rodrigo aponta falhas no sistema educacional que o forcem a estudar matérias que não vai usar para nada, como por exemplo, matemática, especificamente logaritmo e funções. Para ele, saber fazer operações aritméticas, ou seja, somar, diminuir, subtrair seria o suficiente para quem como ele, quer ser geógrafo. Rodrigo afirma que se não fosse obrigado a estudar o que

não gosta teria mais chances de passar no vestibular. Vanessa apresenta duas justificativas para sua reprovação: em primeiro lugar, não tentou o que gostaria, tentou uma carreira mais concorrida - engenharia de produção - ao invés de administração porque ela afirma que sua mãe a obrigou no vestibular passado. Assim, o que teria provocado a reprovação seria a pressão da mãe para que ela tentasse algo que não queria. Em segundo lugar, Vanessa afirma que no vestibular em questão, o sistema de cotas parece ser o vilão. Para ela: “O certo seria faculdade pra todo mundo.” Assim, o sistema de cotas, a inexistência de vagas para todos os candidatos justifica sua reprovação.

Assim como Vanessa, Priscila também considera o vestibular uma coisa injusta e um empecilho para quem quer estudar. Marcos também responsabiliza o vestibular: (é a oitava vez que ele tenta) “porque vestibular é nesses anos que eu fiz é uma sacanagem, desculpe o termo porque eles fazem as coisas para as pessoas perder mesmo.” [sic]. Então, às vezes você estuda, estuda, estuda, eles põem uma questão que você nunca viu na vida, você nunca ouviu falar naquilo curso nenhum deu, e olha que eu já fiz muitos.” Tatiane acha um absurdo o número de vagas escasso: “o vestibular a cada ano que passa vira um bicho de sete cabeças maior, independente da profissão, o número de vagas é absurdo, não tem muitas opções.”

Eles processam as frustrações racionalizando problemas educacionais. A culpa não é deles, mas do governo, do sistema de ensino, da concorrência. No momento em que se pensa a reprovação tenta-se esquecer quem passou para dar exemplos de quem não passou e ser comparado a esses aprovados. Afinal de contas: “um monte de gente não passa de primeira,” nem sempre uma pessoa passa de primeira, assim, fica a pontinha de decepção, mas não se é o único. Sendo assim, o que fazer se não olhar para o que os outros também decidiram depois de uma reprovação? Não passar portanto, não seria problema se os colegas da turma, ou até outros candidatos também não conseguissem a aprovação.

Para Vinícius enquanto há vida há possibilidade de apostar: “tentar de novo: se eu não morrer eu tenho ano que vem também pra tentar de novo, eu vou ficar chateado, ficar triste, mas ano que vem tem tudo isso de novo, eu sempre pensei que sempre vai ter um outro ano. “A idéia de não passar é tipo é um negócio de tentar de novo.” “Jeito é tentar de novo”. “Não teria outro jeito teria que fazer de novo.” Os sentimentos, neste caso, não impediriam que ele agisse também racionalmente e percebesse que existe outra chance.

Apresentei neste capítulo uma análise dos sentimentos do jovem que se prepara para o vestibular a partir de um arcabouço teórico que entende que as emoções são construídas socialmente e, portanto, estão relacionadas a um contexto histórico. Procurei demonstrar de que maneira os entrevistados interpretam seus sentimentos e percebi que existe uma relação

de interdependência entre os “jovens”, seus familiares, e amigos. Também busquei investigar o sentimento predominante nos relatos e descobri que o medo em suas mais variadas formas, aparece como preponderante. Trata-se de medos como ter de estudar mais um ano, medo de continuar dependendo dos pais, medo de não escolher a carreira certa e medo de ser discriminado pelo fracasso diante do sucesso dos outros. Assinalo, no entanto, que não se trata de experiências vividas no interior dos indivíduos, sentimentos individuais, mas vivenciados na relação social com outros indivíduos, sendo assim, o medo é de não passar sozinho. Neste sentido o sentir é sentir com “outro”. Ser diferente não é problema se outros também são diferentes. Não passar no vestibular não é um problema grave se outros colegas, parentes, vizinhos também não passam. Da mesma forma, passar no vestibular é sentir-se tão alegre como alguém que também foi aprovado.

Considerações Finais: Em busca de um lugar ao sol

O mais interessante dentro de um processo de pesquisa é desconstruir alguns dos pressupostos que surgem a partir do momento em que escolhemos o tema e o objeto. Minha intenção inicial era tentar perceber se na relação dos estudantes com os provedores apareceriam as pressões familiares como causadoras de emoções, como por exemplo, o medo de não ser aprovado(a) no vestibular. Neste caso, os provedores poderiam ser tanto os pais e mães biológicos, quanto eventualmente, avós, outros familiares que fornecem subsídios materiais para a educação, seja através do pagamento das mensalidades do cursinho pré-vestibular, seja na cobertura das taxas dos concursos. Acreditava que para a realização da pesquisa seria importante descobrir se os estudantes estavam preocupados em retribuir aos pais, e se no dia a dia essa preocupação impulsionaria a ação dos alunos à dedicação aos estudos, ou seja, se eles não se sentiriam em dívida com os pais ou provedores.

Sem dúvida, a relação com os familiares é presente, mas se dá mais na questão da escolha do curso, nos conflitos entre as escolhas dos “jovens” e dos pais, na decisão por um curso que os pais aprovam, enfim, numa influência familiar. Alguns “jovens” declararam importante o apoio de seus pais nos momentos difíceis, de nervosismo. Entretanto, a relação com o governo, com o sistema educacional e a relação com o outro colega que também irá prestar vestibular ganhou destaque na análise em função do conteúdo dos depoimentos.

Existe uma ambivalência no discurso dos estudantes do universo em questão. O vestibular é considerado um processo injusto na opinião dos “jovens” em questão porque não oferece vagas para todos os vestibulandos, porque se pode ficar doente, estressado no dia da prova, embora tenha estudado com empenho e dedicação durante o ano todo. Por outro lado, como em um rito de passagem, a passagem de um status para o outro é vislumbrada. Neste sentido, o vestibular serve para mostrar as capacidades, a vitória, o mérito de cada um. Funciona como uma espécie de “prova dos nove” que permite mostrar as capacidades de quem é aprovado. Tais capacidades podem ser cognitivas, habilidades de responder as questões quanto à capacidade de controlar o nervosismo, manter a calma, ou ter disciplina para estudar muito, superando os limites. Alguns “jovens” rejeitariam, por exemplo, a hipótese de cursar uma universidade particular em função de um demérito, uma falta de prestígio conferida por essa aprovação. O medo de não passar no vestibular é o sentimento mais presente entre esses “jovens” e se dá em função de ser ultrapassado na luta por um lugar ao sol no mercado de trabalho.

Apesar de ser considerado um processo injusto, o vestibular faz parte da vida desses “jovens” de forma intensa, alterando a rotina e a relação com os estudos. Eles reconhecem não apenas a necessidade de cursar uma faculdade, mas também de fazer outros cursos de especialização o que significa continuar dependendo dos pais. Nesse sentido, o texto de Maria das Dores Guerreiro e Pedro Abrantes _ “Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada” _ nos permite pensar sobre uma nova concepção do que é ser “jovem” neste contexto de busca por uma escolarização maior e conseqüentemente, aumento da dependência familiar para realização de seus projetos. Os autores analisam as transformações sociais que ocorrem na vida contemporânea e atuam diretamente na concepção acerca do que significa ser “jovem”. A transição para a vida adulta é investigada tendo em vista os novos parâmetros de vida social da “juventude.” Segundo os autores, existe uma combinação de fatores como percursos escolares mais longos, inserções profissionais mais tardias e instáveis, homologias nos papéis de gênero que redefinem novos modos de se tornar “adulto”. (Guerreiro e Abrantes, 2005:157).

De acordo com Guerreiro e Abrantes, nas sociedades de conhecimento a busca por uma qualificação formal torna-se um ideal a ser conseguido através do sistema de ensino. Ocorre um crescimento e uma diversificação de profissões, e de técnica de qualificação condicionadas por detentores de um diploma de nível superior: “Todo esse conjunto de empregos técnicos e científicos, bem recompensados e prestigiados, está associado a aspirações e investimentos crescentes na educação.”(Guerreiro e Abrantes, 2005: 158)

Os “jovens” que ingressam na universidade conseguem se inserir em um meio com novas redes de sociabilidade, novos estilos de vida e têm novas perspectivas de futuro. Entretanto, para que isso aconteça, é necessário que os pais estejam dispostos a investir na mobilidade social dos filhos através de um longo projeto de escolarização. Ao ingressar na universidade, muitos “jovens” seguem horários de trabalhos rígidos, de dedicação aos estudos e participação em estágios remunerados a fim de garantir maior competitividade em um contexto de disputas acirradas por um lugar no mercado de trabalho. Em função dessa competição, outros projetos como o de construir uma família são adiados, e pode-se optar por uma diminuição do lazer, de atividades extracurriculares.

No meu universo de pesquisa o vestibular ocupa um lugar central na vida dos “jovens”. Todos os estudantes se dedicaram especificamente aos estudos, não acumulando outras funções a não ser estudar. Os planos para o futuro se resumem basicamente na realização profissional, maior qualificação e em função disso, passar no vestibular parece ser o primeiro passo na tentativa de se obter uma vida segura, estável. Eu pergunto aos meus

informantes quais são seus projetos futuros. Algumas de suas respostas podem ser ilustrativas do tipo de perspectiva, de relação com o futuro, de associação com projetos de vida e de emoções estão contidas nas falas que pude registrar:

Passar no vestibular. (Marcela)

Pretendo entrar na universidade primeiro porque eu sei que é uma coisa muito difícil e tenho consciência de que poucos conseguem assim de primeira vez que fazem, mas eu quero entrar, quero cursar, não sei ainda a minha especialização, ainda tenho 6 anos pra decidir, mas estar dentro da medicina pra mim tá bom. (Regina)

Estou tão concentrada em vestibular parece que tudo está distante que eu não... Eu queria assim fazer minha faculdade, me formar e ir pro norte, um cantão de roça trabalhar pro governo. Porque quase ninguém quer ir pra lá, as vagas são maiores. (Priscila)

Terminar a faculdade. Desenho Industrial. Daí começar a trabalhar. Fazer algum outro curso de Pós-graduação se conseguir um estágio e poder trabalhar o mais rápido possível. (Tatiane)

Fazer faculdade, depois fazer mestrado, todas as coisas, depois começar junto com a faculdade, trabalhar no colégio como monitor e depois começar dando aula em colégio e estudando junto na faculdade, pesquisa e outros aprofundamentos. No momento seria isso. (Rodrigo)

Eu espero estar casada. Eu espero ter um bom emprego não espero ganhar rios de dinheiro porque não tenho essa ambição. (Vanessa)

Projeto meu é me formar e casar e ter filhinhos... (Tiago)

Ai! são tantos. Nossa são tantos assim... É uma miscelânea. Apesar de fazer Medicina, eu quero fazer coisas voltadas dentro da música. Meu pai quer que eu passe então eu vou passar, fazer. (Marcos)

Pretendo me formar, engenharia química e ingressar na Petrobrás. (Vinícius)

Eu pretendo entrar no segundo semestre pra poder descansar esse período que eu estudei bastante, poder ingressar, se eu entrar vou fazer junto com o curso de Direito vou fazer outro curso pra já me preparar para os concursos públicos, vou fazer pra juiz, assim, [sic] junto com a faculdade. Vou terminar ano que vem meu espanhol, vou voltar pro inglês, vou destrancar meu técnico em segurança do trabalho (Renato)

A busca por qualificações escolares, científicas e técnicas ocupam um lugar central na vida desses “jovens” que entrevistei. O lazer e a construção de uma família dependem do sucesso profissional, da obtenção de uma vida segura através de um emprego que possa garantir o sustento e também o conforto. Apenas dois “jovens” afirmaram que desejam casar, e um falou sobre o desejo de ter filhos. Não há vagas para todos, é necessário chegar na

frente, não ficar para trás, investir na carreira. Vencer. O “medo de sobrar”, expressão utilizada por Regina Novaes, está presente no discurso desses jovens que buscam um lugar ao sol.

Referências Bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, C. (Eds). *Language and politics of emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. *Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARBOSA, Livia. *Igualdade e meritocracia: A ética do desempenho nas sociedades modernas*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

COELHO, Maria Claudia: “Emoção, Gênero e Violência: experiências e relatos de vitimização.” RBSE. *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*, v. 2, n. 6, p. 36 -53, 2003.

_____. *O Valor das Intenções – dádiva, emoção e identidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

“Com 4%, medicina apresenta o menor índice de evasão”. Disponível <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u19238.shtml>>. Acesso em: 14 maio 2007.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador: uma história dos costumes*. v.1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. *O processo civilizador*. v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FIGUEIREDO, Carolina Machado de Senna. *As vozes do Circo Social*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 13-44,1978.

GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

GUERREIRO, Maria das Dores e Pedro Abrantes “Como tornar-se adulto: Processos de transição na modernidade avançada”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 20, n. 58, p. 157-175, 2005.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. "A Antropologia das Emoções no Brasil". *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*, v. 4, n. 12, p. 239-252, 2005.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares - as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

LUTZ, Catherine. *Unnatural Emotions: Everyday Sentiments in a Micronesian Atoll and their Challenge to Western Theory*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

MAUSS, Marcel. "A Expressão Obrigatória dos Sentimentos." In: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, p. 147-153, 1981.

MILLER, William Ian. *Mystery of Courage*. Harvard: University Press, 2000.

PAULINA, Iracy. "Nós e as grandes frustrações de nossos filhos". In: *Revista Claudia*. São Paulo: Abril, n. 4, p. 149-151, 2006.

PEIRANO, Marisa. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

REZENDE, Claudia Barcellos. "Mágoas de amizade: Um ensaio em Antropologia das Emoções". *Mana*, v. 8, n. 2, p. 69- 89, 2002.

_____. *Nos embalos de sábado a noite: juventude e sociabilidade em camadas médias cariocas*. (Mestrado em Antropologia Social) -Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro: 1989.

RIBEIRO, Renato Janine. " Política e juventude: o que fica da energia". In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. *Juventude e Sociedade - Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, p. 19-33, 2004.

RICHARD, Sennett, *O declínio do homem público*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SIMMEL, Georg. *Simmel - Sociologia*. Organizador: Evaristo de Moraes Filho, São Paulo: Ática, 1983.

VELHO, Gilberto. "Individualismo e Juventude." Comunicação n. 18 do Programa de pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. UFRJ, p. 1-3, 1990.

_____. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

VIANNA, Hermano. (org) *Galerias Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 247-249, 1997.

WEBER, Max. "A 'Objetividade' do Conhecimento nas Ciências Sociais". In: COHN, Gabriel. (org). *Weber*. Col. Grandes Cientistas Sociais. n.13. São Paulo: Ática, p. 79-127, 1979.